



Universidades Lusíada

Lopes, Cláudia Cristina Soares, 1974-

Análise dos processos comunicacionais na relação parento-filial

<http://hdl.handle.net/11067/5768>

Metadados

Data de Publicação

2020

Resumo

A presente investigação, pretende deste modo analisar como se desenvolve os processos comunicacionais na relação parento-filial, estudo este representado numa amostra composta por 85 adolescentes, dos quais 53 raparigas e 32 rapazes, com uma média de idades 13.01 anos (DP=1.51); e por 85 progenitores, distribuídos por 68 mães e 15 pais, com idades compreendidas entre os 31 e 61 anos. Com a finalidade de analisar os elementos em estudo, foram incluídos como instrumentos de avaliação um questionár...

The present investigation intends to analyse how communication processes develop in the parent-child relationship, a study represented in a sample of 85 adolescents, of which 53 girls and 32 boys, with an average age of 13.01 years (SD = 1.51) ; and by 85 parents, distributed by 68 mothers and 15 fathers, aged between 31 and 61 years. In order to analyse the elements under study, a socio-demographic questionnaire, a semi-structured interview related to the adoption of communication strategies mo...

Palavras Chave

Pais e Adolescentes, Adolescentes - Relações com a família, Comunicação na família

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULL-IPCE] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T07:19:34Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Mestrado em Psicologia Clínica

**Análise dos processos comunicacionais
na relação parento-filial**

Realizado por:
Cláudia Cristina Soares Lopes

Orientado por:
Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita

Constituição do Júri:

Presidente: Prof.^a Doutora Tânia Gaspar Sintra dos Santos
Orientadora: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita
Arguente: Prof. Doutor António Martins Fernandes Rebelo

Dissertação aprovada em: 8 de fevereiro de 2021

Lisboa

2020



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Análise dos processos comunicacionais na relação parento-filial

Cláudia Cristina Soares Lopes

Lisboa

novembro 2020



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A

INSTITUTO DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Análise dos processos comunicacionais na relação parento-filial

Cláudia Cristina Soares Lopes

Lisboa

novembro 2020

Cláudia Cristina Soares Lopes

Análise dos processos comunicacionais na relação parento-filial

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita

Lisboa

novembro 2020

FICHA TÉCNICA

Autora Cláudia Cristina Soares Lopes
Orientadora Prof.^a Doutora Túlia Rute Maia Cabrita
Título Análise dos processos comunicacionais na relação parento-filial
Local Lisboa
Ano 2020

MEDIATECA DA UNIVERSIDADE LUSÍADA - CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

LOPES, Cláudia Cristina Soares, 1974-

Análise dos processos comunicacionais na relação parento-filial / Cláudia Cristina Soares Lopes ; orientado por Túlia Rute Maia Cabrita. - Lisboa : [s.n.], 2020. - Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada.

I - CABRITA, Túlia Rute Maia, 1972-

LCSH

1. Pais e adolescentes
2. Adolescentes - Relações com a família
3. Comunicação na família
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Teses
5. Teses - Portugal - Lisboa

1. Parent and teenager
2. Teenagers - Family relationships
3. Communication in families
4. Universidade Lusíada. Instituto de Psicologia e Ciências da Educação - Dissertations
5. Dissertations, Academic - Portugal - Lisbon

LCC

1. HQ799.15.L68 2020

"Na vida, não existe nada a temer, mas a entender."

Marie Curie

Agradecimentos

Recomecei, reorganizei, readaptei, recriei, reaprendi, reconstruí e renovei ..., mas hoje sinto-me realizada e reconciliada comigo mesmo por ter conseguido chegar ao encerramento deste capítulo.

Porém percorrer este caminho, só se tornou possível pelo carinho, colaboração, participação, paciência e apoio de algumas pessoas, a quem quero agradecer por este acontecimento.

À minha orientadora da dissertação, Professora Doutora Túlia Cabrita, pela visão crítica e incisiva, pela motivação, por conseguir manter-me no foco... por ter estado sempre presente e por contribuir para que esta etapa fosse superada.

À Universidade Lusíada e a toda a equipa que envolve esta instituição.

Aos docentes que me acompanharam neste percurso pela 1ª e 2ª vez, pela experiência e partilha de conhecimentos, e por terem sempre conseguido incentivar-me a sair “fora da caixa”, num nível intelectual e emocional.

Aos participantes do meu estudo pelo contributo ímpar e por terem prescindido um pouco do seu tempo para responder aos meus questionários.

À minha fantástica família, por acreditarem que este dia chegaria.

Aos meus amigos que esperam que o mestrado acabe depressa.

À minha extraordinária turma de mestrado, foi um privilégio conhecê-los, poder conviver e aprender convosco... e ganhar novos amigos.

E a mim pelas oportunidades e desafios que a vida persiste em manter no meu caminho, mas que estarei sempre pronta para eles.

Obrigada a todos, este momento não é apenas meu, é de todos nós!!!

Resumo

A presente investigação, pretende deste modo analisar como se desenvolve os processos comunicacionais na relação parento-filial, estudo este representado numa amostra composta por 85 adolescentes, dos quais 53 raparigas e 32 rapazes, com uma média de idades 13.01 anos (DP=1.51); e por 85 progenitores, distribuídos por 68 mães e 15 pais, com idades compreendidas entre os 31 e 61 anos. Com a finalidade de analisar os elementos em estudo, foram incluídos como instrumentos de avaliação um questionário sociodemográfico, uma entrevista semiestruturada relacionada com a adoção de estratégias comunicacionais mais usadas pelos jovens e a escala Compa – Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade, nas versões adolescentes e pais, para avaliação das dimensões que compõem a parentalidade e a comunicação. Os resultados demonstraram que das estratégias comunicacionais mais utilizadas pelos jovens é a que envolve a categoria insistir, resultante da flexibilidade paternal que atestam os mais jovens, indo de encontro com os valores inferidos, nas dimensões comunicacionais em que se averiguou que as perceções dos progenitores na expressão afetiva e disponibilidade parental que propiciam aos filhos, infere positivamente nas perceções que os mesmos tem de forma similar na expressão afetiva/suporte emocional e por conseguinte na metacomunicação, que favorece à disponibilidade para uma comunicação clara e aberta.

Palavras-Chave: Adolescência, relação parento filial, comunicação.

Abstract

The present investigation intends to analyse how communication processes develop in the parent-child relationship, a study represented in a sample of 85 adolescents, of which 53 girls and 32 boys, with an average age of 13.01 years (SD = 1.51) ; and by 85 parents, distributed by 68 mothers and 15 fathers, aged between 31 and 61 years. In order to analyse the elements under study, a socio-demographic questionnaire, a semi-structured interview related to the adoption of communication strategies most used by young people and the Compa scale - Communication Assessment Scale in Parenting, in the adolescent versions were included as assessment instruments. and parents, to assess the dimensions that make up parenting and communication. The results showed that of the communication strategies most used by young people is the one that involves the insisting category, resulting from the paternal flexibility that the youngest attest, meeting the inferred values, in the communicational dimensions in which it was found that the perceptions of the parents in the affective expression and parental availability that provide the children, positively infer in the perceptions that they have in a similar way in the affective expression / emotional support and therefore in the metacommunication, which favors the availability for a clear and open communication.

Keywords: Adolescence, parent-child relationship, communication.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Distribuição da amostra adolescentes segundo o sexo e idade	046
Tabela 2 - Distribuição da amostra adolescentes segundo o ano de escolaridade ..	047
Tabela 3 - Distribuição da amostra adolescentes segundo a estrutura familiar	047
Tabela 4 - Distribuição da amostra progenitor/cuidador	047
Tabela 5 - Caracterização da amostra progenitores segundo a situação profissional	048
Tabela 6 - Caracterização da amostra progenitores segundo a escolaridade	048
Tabela 7 - Valores aferidos do Alpha de Cronbach na escala COMPA-P	054
Tabela 8 - Valores aferidos do Alpha de Cronbach na escala COMPA-A	055
Tabela 9 - Questão nº 1 Qual o melhor momento para conversar com os pais, perante um assunto importante? Tens em conta o estado de humor dos teus pais? Porquê?	059
Tabela 10 - Questão nº 2 Tens em conta o tempo disponível dos teus pais para ter uma conversa para abordes determinados assuntos? Preferes que estejam ocupados ou com tempo? Porquê?	060
Tabela 11 - Questão nº 3 Imagina duas possibilidades de contar aos teus pais um tema agradável e difícil, qual a forma de falar que escolhias para ambas as situações. Dar a informação devagar ou abruptamente?	061
Tabela 12 - Questão nº 4 Que tipo de estratégias habitualmente utilizas para tentar reverter uma decisão já tomada pelos teus pais. Fazer chantagem ou fazê- los sentirem-se culpados (indicar tipo de estratégia após reposta do participante).	062

Tabela13 - Questão nº 5 Em relação ao conteúdo dos assuntos difíceis tens tendência em dar toda a informação aos teus pais? Mentira ou Omissão (indicar tipo de estratégia após reposta do participante)	063
Tabela 14 - Questão nº 6 Quando abordas os assuntos com os teus pais fazes comparação com os outros? Se sim, qual o objetivo que esperas alcançar junto deles?	064
Tabela 15 - Questão nº 7 Quando queres mesmo concretizar um objetivo que estratégias / argumentos utilizas com os teus pais? Costuma haver flexibilidade por parte deles? Insistir (indicar tipo de estratégia após reposta do participante)	065
Tabela 16 – Questão nº 8 De que forma os teus pais costumam fazer-te as vontades? Fazer Trocas ou Negociar (indicar tipo de estratégia após reposta do participante)	066
Tabela 17 - Questão nº 9 Tens por hábito impor aos teus pais as tuas vontades? Que tipo de mecanismos / comportamento usas (indicar tipo de estratégias após reposta do participante)	068
Tabela 18 - Questão nº 10 Com qual dos 2 (pai ou mãe) habitualmente pedes dinheiro, a quem pedes permissão para sair e qual é aquele que pedes conselhos?	069
Tabela 19 - Questão nº 11 Para além do pai e da mãe há algum elemento na família com que estejas mais à vontade para falar sobre temas desagradáveis? ...	071
Tabela 20 - Questão nº 12 Quem é o teu aliado em casa?	072
Tabela 21 - Questão nº 13 A comunicação flui por outros meios de comunicação (Meios Tecnológicos, recados, outros...)?	073

Tabela 22 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável, sexo (adolescentes) em relação ao pai e mãe	074
Tabela 23 - Distribuição das dimensões da escala COMPA-P em função da variável, sexo (progenitores) em relação ao filho(a)	075
Tabela 24 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável idade (adolescentes) em relação ao pai	076
Tabela 25 - Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável idade (adolescentes) em relação à mãe	076
Tabela 26 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-P em função da variável idade (pais) em relação ao filho(a)	077
Tabela 27 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável escolaridade (pais) em relação à mãe	077
Tabela 28 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável escolaridade (pais) em relação ao pai	078
Tabela 29 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável situação profissional (pais) em relação à mãe	079
Tabela 30 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável estrutura familiar (pais) em relação ao pai e mãe	079
Tabela 31 – Estudo da associação entre dimensões na percepção dos adolescentes e da figura paterna, relativamente às dimensões na comunicação da parentalidade	081
Tabela 32 - Estudo da associação entre dimensões na percepção dos adolescentes e da figura materna, relativamente às dimensões na comunicação da parentalidade	082

Tabela 33 - Recodificação das variáveis preditoras	083
Tabela 34 - Variáveis explicativas da Comunicação da parentalidade (escala global)	083

Índice

Agradecimentos	III
Resumo	IV
Abstract	V
Lista de Tabelas	VI
Índice	X
Introdução	012
Enquadramento Teórico	016
Adolescência e a Família	016
Adolescência, formação da identidade e construção da autonomia	018
Adolescência e Vinculação	027
Comunicação	036
Comunicação familiar e Adolescência	037
A influência das variáveis sociodemográficas na comunicação familiar.....	043
Objectivos	045
Método	046
Participantes	046
Instrumentos	049
Procedimento	056
Resultados	059
Resultados explicativos do 1º eixo temático (guião)	059
Resultados explicativos do 2º eixo temático (guião)	061
Resultados explicativos do 3º eixo temático (guião)	069
Resultados explicativos da questão aleatória (guião)	073

Resultados descritivos das variáveis em estudo	073
Associação entre dimensões nas escalas COMPA-P (versão pais) e COMPA-A (versão adolescentes)	080
Resultado do estudo das variáveis preditoras	083
Discussão	084
Referências	099
Anexos	121
Lista de Anexos	122
Anexo A	123
Anexo B e C	125

Introdução

A adolescência é considerada uma das etapas do desenvolvimento humano. É um estágio de desafios, emoções explosivas e intensas experiências, envolvendo diferentes mudanças biológicas, cognitivas, emocionais, psicológicas e sociais (Fonseca, 2012).

Mediante a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2011), o estágio de desenvolvimento da adolescência compreende a faixa etária dos 10 e os 19 anos.

A adolescência é definida por três estágios básicos: o estágio inicial que abrange o intervalo de idades entre os 11 e 14 anos, o estágio intermediário, entre os 15 e os 17 anos, e o estágio final, dos 18 aos 20 anos (Hockenberry, 2006).

Esta etapa é considerada como um estágio de conflitos e mudanças (Gleitman, Fridlund, & Reisberg, 2009; Monteiro & Confraria, 2014), sendo conduzida num sentido, a proteção e dependência parental, e a construção da autonomia e independência, configurando-se por paradoxos, divergências e ambivalências (Correia & Alves, 1990).

A construção da identidade e da autonomia são dois elementos fundamentais para o crescimento dos adolescentes (Neuenschwander, 2002). Acredita-se que ambos podem definir a própria identidade e percepção de si mesmos, iniciando assim o processo de distinção e autonomia a eles associados (Beja & Franco, 2013).

Deste modo, os jovens tendem em adquirir cada vez mais autonomia, o que facilitará o contato fora do sistema familiar. A adolescência é assim determinada pelo ciclo em que a família vivencia a transição da criança para a adolescência (Cervený & Berthoud, 2009). Em virtude dessa transição, os pais acabam revivendo os seus próprios dilemas e, assim, reavivando memórias de um jovem que ainda vive dentro deles. Estes autores complementam que nesta fase, pais e filhos estão se reajustando aos dois

fenómenos: à reconfiguração de pais e filhos e ao novo ritmo que eles terão de experienciar em família (Cervený & Berthoud, 2009).

A adolescência nem sempre é sinónimo de família com filhos adolescentes, mas sim um período em que a configuração familiar adoesce, sendo marcado por um período de novas exigências, significados existenciais e pela conquista de novos papéis tanto no âmbito familiar como na comunidade (Cervený & Berthoud, 2009). Mediante estes autores, também no que respeita, há relação entre progenitores e filhos, é comum na fase adolescente, os pais questionarem os seus papéis como cuidadores e sintam uma necessidade emergente de encontrar novas / diferentes estratégias para lidar com os filhos, uma vez que os padrões anteriores já não subsistem. Na generalidade, decorrem incompatibilidades entre pais e filhos: filhos que começam por questionar e contradizer os padrões e crenças habituais dos pais, e pais que procuram manter a posição de autoridade; devido a essas incompatibilidades, compreende-se que é necessário o diálogo entre pais e filhos para permitir a troca de experiências de vida.

Um dos momentos mais desafiantes na vida de um progenitor é tentar manter uma boa comunicação com o seu jovem, quer tenham um filho ou filha, ou vários filhos que estejam no período da puberdade, a comunicação pode tornar-se um desafio constante.

Uma comunicação aberta, baseia-se sobretudo na capacidade dos pais de interpretarem com justeza e responder com flexibilidade aos sinais verbais e não-verbais dos filhos adolescentes, e na capacidade dos pais, de assistir, ouvir, sentir empatia e responder promovendo um bom-senso de entendimento que promova a negociação flexível e cooperativa de conflitos e/ou objetivos que se relacionem à aquisição da autonomia. A negociação cooperativa perante os conflitos e/ou objetivos, aumenta a confiança do adolescente nos pais e a probabilidade de que as linhas de comunicação

sejam abertas (Obsuth, Hennighausen, Brumariu, & Lyons-Ruth, 2014; Kearney & Bussey, 2015).

Neste sentido, e dando relevância a toda dinâmica que envolve o desenvolvimento da puberdade e por conseguinte à comunicação entre pais e filhos, pretende-se que este trabalho possa contribuir para uma reflexão daquilo que é parte integrante do ser humano, a relação interpessoal e nomeadamente, a interação e atuação da comunicação dentro do contexto familiar.

Deste modo, o estudo tem como principais objetivos, identificar o tipo de estratégias adotadas na comunicação pelos jovens junto dos seus pais, em situações contextuais, como transmitir temas divergentes e na obtenção de algo em proveito próprio; pretende analisar em função da variável sexo, qual a disponibilidade comunicacional, nas situações problemáticas por parte dos filhos em relação aos seus pais; identificar numa evolução temporal, se a variável idade dos filhos possam ou não influenciar na comunicação interpessoal; identificar se há especificidades na relação comunicacional entre pais e filhos, analisando as variáveis sociodemográficas – escolaridade, situação profissional e estrutura familiar; e por último, observar qual a dimensão mais influenciadora da comunicação parental na nossa amostra.

Por conseguinte, o presente estudo estruturou-se primeiramente na fundamentação teórica no qual foram consideradas, a teoria da pragmática da comunicação humana (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1993), centrada na relação comunicacional e na conduta comportamental, o modelo bio-ecológico de Bronfenbrenner (1979), numa versão sistémica e temporal (microsistema e cronossistema) e na teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson, considerando o estágio identidade versus confusão de papel (Sacco, 2013).

De seguida, prossegue-se para a configuração do método desenvolvido neste trabalho, identificando-se a caracterização da amostra, a descrição detalhada dos instrumentos utilizados e de forma sucinta os respetivos procedimentos éticos pelo qual todo o estudo foi regulamentado.

Numa terceira parte, o estudo é estruturado tendo em conta a análise dos resultados, validando as comparações realizadas entre as variáveis e dimensões de cada escala, decorrente dos objetivos definidos e instrumentos aplicados no respetivo estudo.

Por último e assente na literatura empírica, procedeu-se à discussão dos resultados. Nesta parte foram ainda expressas algumas reflexões e limitações sentidas no decorrer e fase final do estudo.

Enquadramento Teórico

Adolescência e a família

Enquanto decorre o período da adolescência, é imprescindível que as famílias sejam capazes de fornecer amor, modelos assertivos de socialização, encorajamento e apoio, controlando sim, o comportamento dos jovens, mas a fim de promover aos jovens autonomia e senso de responsabilidade (Oliva, 2006).

A família deve considerar todos os contextos externos em que os adolescentes estão envolvidos, uma vez que as relações entre grupos e pares, tornam-se cada vez mais determinante para o seu desenvolvimento saudável nesta fase da vida (Rodrigo, Garcia, Máiquez & Triana, 2005). Levando em consideração que a puberdade é um período de mudança, é necessário reajustar o relacionamento entre pais e filhos para aumentar a autonomia de crianças e adolescentes (Loios, 2014).

Neste período, os conflitos familiares desempenham um papel significativo, pois tendem a surgir da incapacidade dos pais em entender as novas necessidades de autonomia dos adolescentes, o que os leva a preferir passar mais tempo com os seus pares (Rodrigo, Garcia, Máiquez & Triana, 2005). No decorrer da infância, os pais são a fonte crucial de apoio para os filhos, mas assim que a adolescência desabrocha, estes vão tornando-se cada vez mais autónomos, independentes e começam assim a estabelecer novas relações sociais fora do contexto familiar.

Ainda nesta perspectiva, o entender de uma criança na faixa etária de 11 anos é diferente da interpretação de um adolescente de 16 anos, da forma como compreendem o comportamento e atitudes dos pais, bem como, são igualmente distintas quando relacionadas com o fator sexo (rapazes e raparigas) dos jovens.

Por conseguinte, enquanto ocorre o período da adolescência, os progenitores devem preservar a supervisão nas atividades dos seus jovens, continuar a impor alguns limites e determinar responsabilidades, mas nunca canalizar esta postura de forma autoritária ou de monitoramento excessivo, e sim, basear numa conduta de flexibilidade, tolerância e de conversação aberta, para proporcionar um relacionamento equilibrado que permita autonomia e liberdade aos seus filhos (Luís, 2011).

Num estudo realizado com 641 indivíduos, com idades entre os 12 e 21 anos, concluiu que à medida que a idade dos jovens evoluía os pais tornavam-se menos controladores e responsivo (Barbosa-Ducharne, Cruz, Marinho, & Grande, 2006).

Os estilos parentais são configurados por atitudes, crenças, ideais, princípios e padrões dos pais, estando intrinsecamente relacionados com a características individuais dos próprios pais, bem como, às peculiaridades das suas vidas e aos seus próprios indicadores do funcionamento familiar. A conexão parento-filial tem um papel de associação entre si, no qual os filhos precisam de ser entendidos como parte integrante dessa mesma dinâmica familiar (Santos, 2012).

Ainda que, os filhos sejam ensinados e transigentes à orientação dos seus pais, devem do mesmo modo, ser encorajados a alcançar a sua liberdade e autonomia pessoal, deixando os pais estruturar significados reais para essa criança. Embora os pais pretendam o melhor para os filhos e ajam mediante esse propósito, o melhor para eles nem sempre é o melhor para os filhos, e a forma como as aprendizagens são estruturadas, instruídas, organizadas e transmitidas nem sempre é compatível ou adequada à criança (Reichert, 2006).

Um aspeto relevante, é saber o que fazer para educar bem e garantir que seja interpretado pelo jovem conforme esperado. Na diáde pai-filho, as perceções e a

compreensões sentidas por ambos poderão ser bastante diferenciadas na perspectiva de cada um (Weber et al., 2004).

A adolescência envolve de alguma maneira transformações significativas em quase todos os domínios do seu funcionamento; durante o período em que a adolescência progride rapidamente, as pesquisas indicam que a sensibilidade e o apoio dos pais são críticos para estruturar o próximo nível de funcionamento (Chak, 2001).

Todavia, nesta fase de desenvolvimento, o relacionamento entre pais e filhos muda constantemente, porque os filhos lutam pela sua própria autonomia e os pais esforçam-se para encontrar novas maneiras de criar os filhos. Não é de surpreender que a natureza do vínculo entre pais e adolescentes seja fundamental para a maneira como ambas as partes negociam esta transição (Chack, 2001).

Adolescência, formação da identidade e construção da autonomia

Ao longo da vida, ocorrem diferentes situações e experiências que resultam no desenvolvimento da identidade (Evans, Forney, Guido, Patton, & Renn, 2010); todas as transformações físicas, cognitivas, emocionais, sociais e morais são percebidas, bem como nas aquisições respeitantes à construção de autonomia e identidade (Fonseca, 2005; Monteiro & Confraria, 2014; Quiles & Espada, 2014).

Considerando as teorias da identidade, o seu processo de desenvolvimento está associado à definição de um senso de identidade, formando-se um contexto apropriado para a autoconfiança (Kim, 2012).

Na Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1950), distinguem-se oito estágios que decorrem no percurso de vida, contêm desafios e metas, no qual a adolescência é considerada como uma etapa fulcral no desenvolvimento, associada a mudanças essenciais como o domínio comportamental, cognitivo, emocional e

ideológico; estes estágios configuram-se na seguinte estrutura: primeiro estágio - Confiança versus Desconfiança (0 - 18 meses), segundo estágio - Autonomia versus Dúvida e Vergonha (18 meses - 3 anos), terceiro estágio - Iniciativa versus Culpa (3 - 6 anos), quarto estágio - Indústria/Mestria versus Inferioridade (6 - 12 anos), quinto estágio - Identidade versus Difusão/Confusão de Papel (12 - 18/20 anos), sexto estágio - Intimidade versus Isolamento (18/20 - 30 e tal anos), sétimo estágio - Generatividade versus Estagnação (30 e tal - 60 e tal anos) e o oitavo e último estágio - Integridade versus Desespero (depois dos 65 anos).

É no quinto estágio que Erikson, referencia, a estrutura na formação de identidade durante a adolescência, ou seja, identidade versus confusão de papel, com os resultados na virtude da fidelidade / confiança (Sacco, 2013).

Fidelidade significa lealdade, a capacidade de viver de acordo com os padrões da sociedade, apesar das suas imperfeições e inconsistências; indica que o jovem encontrou um lugar na comunidade, um lugar que lhe permitirá contribuir (Erikson, 1950).

Os oito estágios de Erikson são definidos como crises psicossociais, estimuladas por conflitos internos, influenciando o desenvolvimento da personalidade na pessoa, principalmente a crise de confusão de identidade versus confusão de papel, que ocorre na adolescência (Svetina, 2014). Esta é a fase que Erikson identificou sobre a crise de identidade do adolescente (Erikson, 1968; Mayer, 1997).

Erikson (1968), afirma que em cada estágio de desenvolvimento, uma pessoa irá confrontar-se com um conflito, que deverá ser resolvido, de forma a facilitar a passagem para o período de desenvolvimento seguinte. Os adolescentes vivenciam sentimentos de identidade / pertença, que nesta fase, são compostos por três questões vitais: as características sobre, quem sou eu?; a certeza sobre a identidade social, ou seja, a que

grupo pertença?; e a certeza sobre seus próprios valores e ideais, neste caso, o que desejo alcançar?.

O quinto estágio de Erikson, identidade vs papel, é assim, um estágio de transição entre a infância e a idade adulta. Durante a adolescência, com o início da puberdade, os jovens caminham na direção de novas competências /capacidades cognitivas e físicas (Kroger, 2004). É quando os jovens abandonam a fase pueril (infantil), com o propósito de estabelecer uma identidade e experienciar um novo conjunto de desafios; igualmente, surge a dúvida quanto ao sentido e propósito da sua existência, o que leva a um sentimento de confusão (Bosma, Graafsma, Grotevant, & De Levita, 1994).

A identidade deve ser compreendida como a forma que cada indivíduo se vê em relação ao mundo e em relação ao seu contexto futuro. Por conseguinte, a confusão de papéis, é a perspectiva negativa da ausência de identidade, que ocorre quando um jovem não consegue identificar-se com quem ele é e como poderá relacionar-se com o seu contexto de forma positiva. Quando é evidente a falta de desenvolvimento da identidade durante o decorrer da adolescência, pode levar ao fracasso na resolução de desafios de crescimento pessoal e comportamental (Berzonsky & Kuk, 2005).

Alguns autores também acrescentam que o comportamento do adolescente é influenciado pela família, colegas, escola, vizinhos e pelo contexto sociocultural mais amplo (Bronfenbrenner, 1979; Jackson, Henderson, Frank, & Haw, 2012).

Os progenitores/cuidadores são entendidos como controlando comunicação pai-jovem e monitoramento parental, em oposição, a comunicação saudável entre progenitores e jovens cria um ambiente no qual os adolescentes se sentem confortáveis para compartilhar informações das suas atividades com os pais (Kopko & Dunifon, 2010).

Neste período da adolescência, espera-se que os jovens se comprometam na tomada de decisões, bem como na implementação de normas e valores, que foram instruídos pelos pais (Sebangane, 2015).

Erikson (1968) enfatiza a importância dos indivíduos que estão mais próximos dos jovens, em especial os progenitores/cuidadores para procurarem serem compreensivos e sentir empatia no processo da formação da identidade; acrescenta que os pais devem estar presentes e perseverantes na interação com os seus filhos.

A identidade busca coerência, consistência e harmonia entre normas e padrões, bem como compromisso, o que gera alternativas para futuras escolhas (Soenens & Vansteenkiste, 2011).

A literatura sugere que, na formação da identidade, o padrão de relacionamento entre adolescentes e pais é significativo, revelando que obstante do sexo do jovem, o envolvimento dos pais influencia positivamente a formação da identidade, nomeadamente nas áreas de suporte emocional, monitoramento social e escolar (Morgan & Korobov, 2011).

A formação da identidade é a resposta efetiva da chamada crise de identidade apresentada por Erikson (1982), o crescimento da identidade no contexto individual, bem como social; resultados positivos ou negativos na formação da identidade dependem de o jovem ser capaz de resolver conflitos e tomar decisões ponderadas e sensatas.

Para um desenvolvimento benéfico dos adolescentes, os progenitores devem estar presentes de forma adequada para apoiá-los, pois esse apoio, afetará a sua confiança e crescimento (Chatterjee & Mohanraj, 2017).

Segundo Erikson (1950), progenitores e irmãos influenciam a melhoria da autonomia, iniciativa e confiança, enquanto a sociedade (escolas, professores e meios

tecnológicos) contribuem para o desenvolvimento da produtividade e competências, para o cumprimento de tarefas. Para Erikson, a formação da identidade, resulta na resposta bem-sucedida dos estágios anteriores; por conseguinte, parece que a identidade é mais dependente dos pais, irmãos e da sociedade (Jones, Vaterlaus, Jackson, & Morrill, 2014).

Alguns autores consideram a relação com os pais como fonte de autonomia pessoal, que estabelece as funções de aceitação, reconhecimento, proteção, suporte emocional e respeito (Ainsworth & Bowlby, 1991; Bowlby, 1988; Bronfenbrenner, 1979; Crittenden, 1983; Erikson, 1950; Freud, 1961; Klein, 1932; Winnicott, 1965).

A evolução da autonomia, durante a adolescência, normalmente acelera por causa das rápidas mudanças físicas e cognitivas, devido à expansão das relações sociais e às responsabilidades adicionais (Zimmer-Gembeck & Collins, 2003); é importante que a família nesta fase de desenvolvimento da autonomia aumente a flexibilidade de regras e normas como fator integrativo para a construção da independência dos seus filhos (Carter & McGoldrick, 2001).

Sabe-se que a autonomia é um elemento fulcral no desenvolvimento comportamental na infância, porque define o cenário de como as crianças tomam as suas próprias decisões e desenvolvem a autoeficácia nesse mesmo processo. A autonomia é definida como o processo pelo qual os adolescentes buscam maior independência (Sylwester, 2007; Blos, 1979).

A autonomia na adolescência é um processo de individuação e de maior independência dos cuidadores, bem como é um sistema que se manterá ao longo da vida (Steinberg e Silverberg, 1986).

É nesta fase que os jovens se tornam menos dependentes dos progenitores/cuidadores e transferem essa dependência para os seus pares. Esse processo,

conhecido como desenvolvimento da autonomia emocional, é tipicamente confundido com o individualismo em evolução e a independência dos cuidadores - criando distância na relação criança-cuidador (Steinberg & Silverberg, 1986).

Por outras palavras, os adolescentes começam a ver os progenitores/cuidadores como pessoas fora da família, da mesma forma que começam por ver-se a si próprios como indivíduos fora da sua própria família, resultando num aumento do senso de identidade (Blos, 1979).

Em termos gerais, à medida que os adolescentes constroem a sua autonomia, vão-se preparando para o mundo adulto, testando as competências na resolução de problemas anteriormente aprendidas, bem como, o desenvolvimento da identidade e autonomia como parte integrante de uma bem-sucedida transição para a vida adulta (Côté, 2009).

Como os adolescentes são suscetíveis à influência dos pares e dependem da socialização dos pares (Sylwester, 2007), o nível de autonomia emocional é baixo no início da adolescência e progride à medida que vão desenvolvendo um maior senso de auto-separação dos colegas, isso implicará um maior senso de identidade durante e posteriormente à fase da adolescência (Steinberg & Silverberg, 1986). De acordo com os mesmos autores, os adolescentes que se tornam autossuficientes e resistentes à pressão dos colegas fazem-no porque experimentam um equilíbrio no apoio à sua autonomia e no relacionamento com os seus progenitores/cuidadores.

No decorrer da infância, as crianças têm mais liberdade para tomar decisões; esta nova possibilidade prossegue na adolescência, pois os jovens vão procurar obter um controlo maior nas decisões que influenciarão as suas vidas e, por conseguinte, isso poderá aumentar o conflito entre pais e filhos adolescentes. Para muitos jovens, tais conflitos assentam na realização de atividades, como auxiliar nas tarefas de casa, realizar

os trabalhos da escola, na autorização de saídas, inclusive, nos seus namoros bem como na aparência pessoal do adolescente. Todas estas atividades são situações que muitos adolescentes acreditam que deveriam ter e que os pais anteriormente tinham um controle considerável. Os adolescentes referem ter mais conflitos com as mães, pois muitas delas, acreditam que ainda devem ter algum controle sobre algumas das suas atividades, mas, frequentemente também mencionam que as mães são mais incentivadoras e assertivas (Costigan, Cauce & Etchison, 2007).

À medida que os adolescentes crescem, mais compromissos são alcançados entre pais e adolescentes (Smetana, 2011). Os pais tendem a controlar mais as filhas, em especial as meninas que entram na maturidade prematuramente, mais do que os filhos (Caspi, Lynam, Moffitt e Silva, 1993).

Conseguir junto dos pais uma relação de apoio e menos conflituosa, pode beneficiar os adolescentes; pesquisas sobre a vinculação na adolescência mostram que adolescentes que ainda estão vinculados aos pais têm menos problemas emocionais (Rawatlal, Kliwer & Pillay, 2015), são menos propensos a envolverem-se em comportamentos conflituosos (Meeus, Branje & Overbeek, 2004) e mantêm relacionamentos mais positivos com os pares (Shomaker & Furman, 2009).

Quando os progenitores/cuidadores apoiam emocionalmente e incentivam a autonomia, as crianças desenvolvem capacidades não somente de abordar e dominar com confiança situações e tarefas novas, mas também de pedir ajuda quando necessário (Sroufe, 2005).

Considerando a autonomia estritamente como um construto interpessoal (principalmente dentro do relacionamento progenitor/cuidador-adolescente), existem ainda várias facetas no desenvolvimento da autonomia, abrangendo a autonomia

cognitiva, emocional e comportamental (Goossens, 2006; Hill & Holmbeck, 1986; Silverberg & Gondoli, 1996; Zimmer-Gembeck & Collins, 2003).

A autonomia cognitiva pode ser compreendida como sendo a capacidade de desenvolver os próprios pensamentos, valores, opiniões, que podem ou não corresponder às dos pais (ou pares); é a destreza do jovem de pensar de forma independente (Lee, Beckert e Goodrich, 2010), compreender a autonomia com a perspicácia de resistir às apreciações dos outros e se envolver em atos/atitude sem o consentimento dos outros (Agnew, 1984). A autonomia verbal, é o comportamento racional da autonomia cognitiva, ou seja, é a capacidade de expressar e/ou afirmar claramente os próprios pensamentos e sentimentos dentro de um contexto interpessoal (Collins & Steinberg, 2006).

A autonomia Emocional é definida como a faculdade de perceber-se a si mesmo e aos progenitores como pessoas distintas, conhecendo-os como pessoas funcionais e normais (Blos, 1994).

A autonomia comportamental, é entendida em termos de aumento da autoconfiança e da auto-regulação, com a maioria das definições operacionais alusivo ao funcionamento dentro do relacionamento progenitor/cuidador-adolescente; em relação, às medidas de autonomia comportamental mais frequentes, o contexto familiar inclui a avaliação dos padrões de tomada de decisão da família, o grau, e as formas de monitoramento e controlo dos pais (Baumrind, 1991 Steinberg, Elmen & Mounts, 1989).

A autonomia comportamental compreende, a aptidão dos adolescentes em conseguirem regular o próprio comportamento, ou seja, o controlo adequado na tomada de decisões (Haase, Tomasik, & Silbereisen, 2008; Peterson, Bush, & Supple, 1999); sendo esta descrita como a competência consciente de conseguir tomar decisões, mas sempre com o intuito e direção a um propósito (Soenens et al., 2007).

A tomada de decisão determinada pelos pais é geralmente considerada como um indicador de parentalidade autocrática ou autoritária, o que limita a autonomia; a tomada de decisão somente aplicada pelos adolescentes é um sinal de parentalidade excessivamente permissiva. A tomada de decisão conjunta, na qual se acredita que ambas as partes contribuam para a discussão e/ou tenham uma palavra a dizer no final, indicia uma parentalidade mais democrática e, portanto, sendo o ideal para apoiar a autonomia do adolescente; este estilo também é consistente com um estilo autoritário de parentalidade, que muitas vezes equilibra a capacidade de resposta e exigência e, portanto, é caracterizado pelo controlo firme que ainda permite negociações e uma troca aberta de opiniões sobre regras e consequências (Baumrind, 1991; Steinberg, Elmen &Mounts, 1989).

Igualmente, medidas de monitoramento e controlo dos pais sobre os comportamentos dos adolescentes podem ser interpretados como uma avaliação da autonomia comportamental. Nestes parâmetros, procura-se identificar junto dos adolescentes e pais que descrevam o quanto os progenitores/cuidadores sabem sobre a vida quotidiana dos adolescentes, bem como a quantidade de controlo que é exercido sobre o comportamento dos jovens (Kerr & Stattin, 2000).

Pesquisas realizadas, sugeriram que essas medidas identifiquem até que ponto os adolescentes estão dispostos a partilhar informações com os pais, em oposição, aos comportamentos em que os pais podem se envolver ativamente para monitorizar e acompanhar as atividades dos adolescentes (Kerr & Stattin, 2000).

Desta forma, um relacionamento seguro entre progenitores/cuidadores - adolescentes deve permitir que os pais reconheçam os esforços de autonomia dos adolescentes, que os apoiem e que em simultâneo consigam manter o relacionamento. Os

filhos vinculados também devem estar mais aptos a usar os pais como porto seguro para conseguir explorar o mundo ao seu redor de maneira autônoma e confiante, regressando aos pais para obter conforto, apoio e aconselhamento, quando os limites da sua competência forem alcançados (Belsky & Cassidy, 1994).

A sincronização entre respeitar as regras parentais e desenvolver a autonomia, é um caminho difícil e, particularmente, delicado, pois os adolescentes pretendem sempre mais autonomia do que os pais estão dispostos a conceder (Rote & Smetana, 2014).

Impedir a autonomia do jovem, através do controle e intromissão nas suas atividades, demonstrou ser uma estratégia prejudicial para a saúde mental e ajustamento, bem como, maior uso de estratégias de controle de informações negativas por parte dos adolescentes, como o engano e a mentira (Rote, Smetana, Campine-Barr, Villalobos, & Tasapoulos-Chan, 2012).

Adolescência e Vinculação

A ativação do sistema de afetos começa com um vínculo emocional com um progenitor/cuidador, que é percebido como seguro e confiável (Bowlby, 1988; Ainsworth, 1990).

Em breves palavras, a vinculação na adolescência exerce exatamente o mesmo efeito no desenvolvimento que na infância: uma estrutura familiar segura promove a exploração e a formação de competências emocionais, cognitivas e sociais (Allen, McElhaney, Land, et al., 2003).

Decorrente do termo latino *vinculum*, a vinculação, expressa uma aliança, uma ligação ou conexão com o outro (Bayle, 2008). A teoria da vinculação (Ainsworth & Bowlby, 1991) permite sustentar a tendência dos seres humanos para estabelecerem laços afetivos com outros elementos ou figuras de referência (Bowlby, 1969).

De outra forma, as crianças, têm um senso de confiança de que o progenitor/cuidador é uma figura confiável a recorrer enquanto a autonomia progride. Embora Ainsworth e Bowlby tenham explorado o vínculo mãe-filho e o papel protetor de uma base segura, ainda há uma falta de entendimento do vínculo no microsistema com outras relações familiares (Bronfenbrenner, 1979).

Na teoria (bio)ecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 2011), o autor conceptualiza o modelo em P (pessoa), P (processo), C (contexto) e T (tempo). A pessoa define-se como a peça essencial em constante evolução, que influencia e é influenciado pelo ambiente em que está inserida (processo). O contexto compreende em cinco aspetos distintos: microsistema, mesossistema, exossistema, macrosistema e cronossistema. Este último faz referência à dimensão do tempo passado imerso num ambiente, a pessoa e suas relações, por assim dizer, as condições sócio-históricas da época em que a pessoa vive (Bronfenbrenner U., Ceci S.J.,1994).

Segundo Bronfenbrenner (2011), a qualidade das relações estabelecidas, constituintes dos processos proximais, são processos de reciprocidade; o autor enfatiza que essas relações são influenciadas pelo contexto em que ocorrem, principalmente no microsistema, no qual as relações são estabelecidas face a face; no entanto, o próprio microsistema é influenciado pelos outros sistemas (meso, exo e macro) que afetam a qualidade dessas mesmas relações.

Na perspetiva ecológica (Bronfenbrenner, 2011), evidenciam-se as interações complexas entre as pessoas e os seus ambientes, enfatiza que todo o desenvolvimento humano, é influenciado pelas ações entre os elementos ambientais, biológicos e psicológicos dos indivíduos, englobando a família, os pares, a escola e comunidade (Bronfenbrenner, 1986); uma pessoa está envolvida em ecossistemas diferenciados, e

cada sistema relaciona-se e afeta todos os fatores de vida da criança, identificando-se cinco níveis de intervenção externa; microsistema, mesosistema, exosistema, macrosistema e cronosistema (Bronfenbrenner, 1986).

O microsistema é o contexto mais próximo no qual a criança se desenvolve, consistindo nas atividades, papéis e relacionamentos interpessoais experienciado pela criança em determinados contextos. Estas relações ocorrem em ambientes próximos e são intrínsecos aos elementos que o constituem, como a família, colegas da escola, professores e figuras parentais e/ou cuidadores. A forma como estes elementos cuidarem da criança, irá determinar como a criança se desenvolve em muitos aspetos da vida, compreendendo o vínculo, os padrões interpessoais e a sua capacidade de regular as emoções. Neste contexto, os relacionamentos também poderão afetar em dois sentidos, seja longe da criança quanto na direção da criança; por exemplo, os pais de uma criança podem afetar as suas crenças e comportamento e a criança por sua vez também afetará o comportamento e as crenças dos pais. O autor, descreve-as como influências bidirecionais e afirma que elas podem ocorrer em todos os níveis do ambiente. Estas influências bidirecionais são mais fortes nos sistemas internos, mas ainda podem impactar os sistemas externos (Bronfenbrenner, 1986).

O mesossistema, é a segunda etapa na hierarquia de sistemas e compreende as interações entre dois ou mais ambientes em que a pessoa é um participante dinâmico e ativo, podendo ser descrito como, as ligações entre os ambientes próximos em que estão envolvidos (nas crianças, as relações entre casa, escola e os grupos de pares da vizinhança; para os adultos, entre família, trabalho e vida social). De acordo com o autor, este identificou quatro tipo de conexões que podem ocorrer entre os ambientes domésticos e escolar: a participação em vários ambientes que está diretamente ligado à

criança/pessoa, a ligação indireta, a comunicação entre ambientes e o conhecimento por interação, que estará mais relacionado com os meios de comunicação, a forma como a informação flui, não estando diretamente relacionado com a criança, consistindo nas comunicações entre pais e professores, relatórios escolares, bem como alguma informação prestada por vizinhos (Bronfenbrenner, 1986).

Primeiramente, a participação em vários ambientes, ocorre quando a criança se envolve em atividades noutros contextos que não o habitual, ou seja, a criança já frequenta o ambiente creche e casa; uma ligação indireta, ocorre quando a criança não é um elemento ativo em ambos os ambientes, em vez disso, há uma ligação estabelecida por terceiros, sendo rotulado como ligação intermediária entre a criança e ambas os sistemas; na comunicação entre ambientes, são as mensagens distribuídas de um sistema para outro para fornecer informações a outras pessoas, podendo a comunicação ocorrer presencialmente ou por telefone, avisos, relatórios, anúncios, ou através das redes sociais; a última distingue o conhecimento por interação, sendo a informação que existe num sistema em relação a outro sistema, sendo geralmente, as informações neste nível repartidas através da ligação indireta ou de uma fonte externa (Bronfenbrenner, 1986).

O exossistema é a terceira etapa, e consiste num ou mais sistemas, que não envolvem a criança como um participante dinâmico, mas são contextos relevantes para outras pessoas importantes, como os pais, cônjuges ou amigos da criança; os acontecimentos que ocorrem neste sistema podem afetar ou ser afetados, os quais ocorrem no ambiente onde a criança está inserida; por exemplo as relações entre a vida doméstica e o local de trabalho dos pais; a literatura, demonstra que o ambiente de trabalho dos pais influencia as práticas de criação dos filhos (Kohn & Schooler, 1983), as aspirações

ocupacionais dos adolescentes (Mortimer & Kumka, 1982) e as atividades curriculares (Morgan et al., 1979).

O autor, sugeriu que há um critério crucial na sequência que envolve duas etapas, primeiro, há um acontecimento num ambiente externo que está articulado ao microssistema da pessoa; então, o microssistema está ligado às mudanças no desenvolvimento da criança; exemplos destas pessoas e lugares podem incluir vizinhos, o sistema de apoio dos pais, local de trabalho dos pais e instituições escolares. São identificados pelo autor três exossistemas com maior probabilidade de influenciar a família: o local de trabalho dos pais; as redes sociais dos pais; e as influências da comunidade. É caracterizada pelo grau de integração social da família com os vizinhos e comunidade por meio de vínculos com outras famílias ou participação no local de trabalho, governo e redes sociais informais (Bronfenbrenner & Morris, 2006).

O macrossistema, é a quarta etapa, e refere-se a um conjunto distante de pessoas e contextos que ainda têm uma influência crucial numa pessoa, especificando-se, pelo sistema que consiste nos padrões culturais, valores, crenças, ideais, política e economia que estimulam o desenvolvimento, incorporados em cada um dos sistemas micro, meso e exossistema que envolvem a pessoa (Bronfenbrenner, 1986).

O cronossistema, sendo o quinto e última etapa do sistema, é compreendido pela influência do tempo na mudança e durabilidade no ambiente da criança; considera as mudanças ao longo do tempo, não apenas dentro da pessoa, mas também nos ambientes em que a pessoa se encontra, e como essas mudanças podem afetar os resultados no desenvolvimento de uma pessoa (Bronfenbrenner 1986).

Esta dimensão compreende as etapas contínuas de desenvolvimento recíproco entre o indivíduo e o ambiente ao longo da vida, eventos externos que possam influenciar

a sua juventude (como por exemplo, eventos de um divórcio, mudanças na estrutura familiar no decorrer da vida, mudanças no estatuto socioeconómico, mudanças na localização geográfica de residência), bem como mudanças internas com base na cronologia maturidade do jovem (Paquette & Ryan, 2001). Também poderá incluir experiências pessoais do foro sócio-cultural da pessoa tendo um impacto de longo prazo na personalidade; por exemplo, como uma pessoa vê e irá interpretar os acontecimentos ao seu redor. Esta é a razão pela qual uma pessoa reage de forma diferente a situações sociais semelhantes em diferentes idades, dependendo de sua maturidade mental (Paquette & Ryan, 2001).

A teoria (bio)ecológica de Bronfenbrenner (1968), ressalva a importância de explorar e compreender os sistemas ecológicos que influenciam o desenvolvimento infantil, prevendo, que cada sistema desempenha um papel essencial na vida da pessoa e pode contribuir ou interferir na sua formação e crescimento. Ao descrever a atuação de uma pessoa, é determinante considerar todos os elementos como mudanças fisiológicas ou biológicas internas que sucedem na criança em certos estágios da sua formação, e avaliar como eles continuamente se influenciam nas suas interações sociais, emocionais e comportamentais com o mundo; acrescenta, que no momento da adolescência poderá haver um impacto profundo no desenvolvimento futuro de uma pessoa (Keenan & Evans, 2009).

O sistema familiar é onde se insere o primeiro microssistema em que é composto pelas relações proximais mais significativa, ou seja, entre as figuras parentais / cuidadores e a criança em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2011).

Todos os indivíduos precisam de gerar relações equilibradas e significativas no decorrer da vida para que esta se desenvolva de forma harmoniosa, e é através da

vinculação que esse papel se evidencia, implicando que qualquer comportamento possibilite ao indivíduo ficar próximo da figura parental /ou familiar pela qual demonstrará preferência (Ainsworth & Bowlby, 1991).

A vinculação constitui-se gradualmente, e ao contrário das outras relações sociais, esta envolve a busca de proximidade, uma base de segurança evidenciando-se em atitudes perante situações em que possam ocorrer separação; durante a infância vai evoluindo, contudo, é na fase da adolescência que as transformações mais se evidenciam, devido às variações que ocorrem nas relações entre pais e filhos, bem como com os pares (Atger, 2004).

Em relação a esta etapa, Bowlby (1969), reconheceu que a qualidade dos relacionamentos que são estabelecidos fora do âmbito familiar, estarão sempre relacionadas com a qualidade das relações estabelecidas com as figuras de vinculação, nomeadamente os progenitores/cuidadores.

A confiança será crucial para o funcionamento psicossocial do sujeito, participando na promoção, estabilidade e manutenção de relações felizes (Simpson, 2007).

A segurança da vinculação na adolescência também é assinalada pelo equilíbrio da autonomia e pela coerência do comportamento perante os conflitos (Allen, 2008).

O vínculo seguro está ligado a maiores competências de liderança, de comportamentos e de relacionamentos sexuais mais saudáveis, menos impulsividade e menos comportamentos externalizantes durante a adolescência (Allen, 2008).

Por outro lado, adolescentes ambivalentemente apegados podem ser ansiosos e exigentes em contextos sociais, o que pode levar a imaturidade, a um desenvolvimento inadequado e sensibilidade ao fracasso (Srouf, Egeland, Carlson, & Collins, 2005).

Os primeiros padrões de vínculo inseguro são evidentes pelo aumento da dependência da figura de vinculação, enquanto rejeita qualquer atuação por parte do progenitor/cuidador (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978).

Adolescentes ligados ambivalentemente podem tornar-se excessivamente dependentes dos pares, ter um autoconceito negativo e desconfiar de si mesmo, mantendo implicações na fragilidade dos adolescentes à pressão dos seus pares (Srouf, Egeland, Carlson, & Collins, 2005).

Enquanto os adolescentes exploram outros sistemas sociais e formam novas relações de vinculação, eles ainda esperam que o progenitor/cuidador esteja disponível, sempre que seja essencial. Este comportamento, é uma referência do vínculo seguro (Allen, Hauser & O'Connor, 1994), e também é chamado de comportamento básico seguro (Bowlby, 1988), porque o adolescente está revisitando e mantendo o vínculo de apego, enquanto vai explorando a autonomia fora dos progenitores/cuidadores.

A autonomia nesta idade desempenha um papel na reconstrução nos processos de pensamento dos adolescentes em relação ao vínculo e é difícil de negociar para a maioria das famílias, pois impulsiona o sistema a adaptar-se às mudanças (Allen, 2008).

De acordo com a teoria da vinculação, os relacionamentos permanecem significativos ao longo da vida, e há sempre uma figura principal de ligação, que funciona como um recurso de segurança emocional em situações adversas (Freeman & Bradford Brown, 2001).

Durante a infância, a figura de vinculação primordial é, habitualmente, a mãe (Freeman & Bradford Brown, 2001), apesar de a partir do segundo ano de vida passem a existir mais figuras de vinculação (Machado, 2007).

Há um incremento de conflitos na relação parento-filial, sendo a relação entendida com menos apoio, e conseqüentemente, aumenta a procura dos pares como fontes de segurança (Nickerson & Nagle, 2004; Paikoff & Brooks-Gunn, 1991).

A busca de autonomia junto dos progenitores/cuidadores, funciona como facilitador da transição das relações de vinculação para os pares, apesar destas não funcionarem como substitutos dos pais (Bastos & Costa, 2005).

A relação do jovem com os pais, modifica-se no sentido em que deixa de representar uma posição hierárquica de interdependência e passa a uma relação de reciprocidade, na qual o jovem recebe e oferece segurança, e também apoia (Bastos & Costa, 2005).

No que diz respeito às hierarquias de vinculação familiares, estudos demonstram que as jovens do sexo feminino tendem em posicionar as mães hierarquicamente no topo, em oposição, aos jovens do sexo masculino, que tendem dar mais destaque nas suas hierarquias à figura paterna (Markiewicz et al., 2006; Kobak & Rosenthal, 2007; Trinke & Bartholomew, 1997).

A percepção da comunicação na relação parento-filial, varia de acordo com o sexo dos pais e com o sexo do jovem; os adolescentes relatam conversar mais com as mães do que com os pais e entendem a figura materna como mais compreensiva e assertiva do que o pai, especialmente as meninas (LePoire, 2006).

Também foram encontradas desigualdades entre os sexos, em respostas que remetam para a sinceridade na comunicação, ou seja, os rapazes comunicam conflitos e sugestões de forma mais direta aos progenitores, enquanto as raparigas utilizam sugestões mais indiretas (Papini, Farmer, Clark & Micka, 1990); a facilidade na comunicação com os progenitores/cuidadores pode advir do resultado de bons relacionamentos e vínculos

emocionais construídos pelos progenitores, que impedem comportamentos prejudiciais que eles mesmos desaprovariam.

A comunicação assertiva com os pais pode também facilitar a auto-divulgação, que é considerado como o melhor preditor de monitoramento (conhecimento dos pais sobre o paradeiro, atividades e associações da criança), impedindo os jovens de ter comportamentos de risco (Stattin & Kerr, 2000).

Comunicação

Sendo a comunicação familiar um dos instrumentos mais fundamentais para o processo da socialização, é no elemento comunicacional, que há uma continuidade nas regras do diálogo intrafamiliar (no interior da família) para outros subsistemas (exterior), com o jovem assumindo um papel mais preponderante na comunicação. O processo de comunicação entre progenitor/cuidador e adolescente que envolve a assertividade comunicacional, a satisfação com o contexto familiar, a preocupação com os outros e a capacidade de resolver conflitos, pode funcionar como uma ferramenta de mediação e proteção para comportamentos de risco em crianças em idade escolar (Portugal & Alberto, 2013).

Os autores em referência, publicaram um estudo com o intuito de compreender o efeito da comunicação familiar na promoção de competências sociais e apurou-se que, manter uma comunicação assertiva entre progenitores/cuidadores e filhos (e.g., responsividade comunicacional) contribui para a formação de competências sociais, como: a tomada de decisão, desenvolvimento de competências interpessoais e de resiliência, e na aprendizagem de valores sociais positivos como cuidar dos outros, senso de igualdade e justiça, integridade, honestidade e responsabilidade (Hillaker, Brophy-Herb, Villarruel & Haas, 2008); é nesta fase que a responsabilidade sobre a percepção de

regras, a formação de normas e juízos de valor, definição de papéis, concretização de tarefas e no desenvolvimento de competências sociais é sugerida e inculcada (Sprinthall & Collins, 2003; Silva, 2004; Fonseca, 2005).

É necessário especificar que o processo de comunicação não é o mesmo que processo educacional (Marshall, 2001). O desempenho educacional, indica informações de maneira unidirecional, enquanto que de maneira bidirecional a comunicação já envolve pessoas num diálogo mútuo, com a opinião de ambos a serem valorizados; expressamos que, para muitos pais, o fundamental é apenas oferecer aos filhos uma boa educação em contexto escolar, dispensando-se de transmitir valores ou participar na vida ativa dos seus filhos (Aunola et al., 2002).

Comunicação familiar e Adolescência

A comunicação é significativa na parentalidade pois impacta algumas perspetivas dentro do contexto familiar, que compreende a natureza da relação entre os progenitores e os seus filhos (Endicott & Liopsis, 2005).

Vários estudos têm demonstrado, que a comunicação dentro da estrutura familiar, tem um papel fundamental para o comportamento biopsicossocial dos jovens (López, Ochoa, & Olaizola, 2005; Meschke & Juang, 2014; Zhiwen, Xiaoming, & Stanton, 2011); uma comunicação saudável possibilita o desenvolvimento da autonomia (Carr, 2006).

Se uma família dispor de padrões explícitos e assertivos de comunicação, adequa facilmente as suas competências de coerência e flexibilidade, de forma a responder às exigências desenvolvimentais e situacionais (Alarcão & Relvas, 2002).

Em oposição, se a comunicação for restrita, evidencia-se o excesso de autoridade, ordens e ameaças por parte dos pais; desta forma, dificilmente haverá espaço para os filhos exteriorizarem as suas emoções e as suas ambiguidades; logo quando a

intercomunicação familiar é fútil e escassa, os seus intervenientes convivem de forma desinteressada e dialogam entre si meramente sobre questões habituais do dia-a-dia (Wagner, Carpenedo, Melo, & Silveira, 2005).

Os preceitos autoritários assumidos nas famílias noutros tempos não se ajusta, ou tampouco se adequa aos dias de hoje; as relações atuais pretendem cada vez mais ter independência e autonomia e não posturas comportamentais de intolerância e/ou intransigência nas relações (Stengel, 2011).

Com o intuito de permanecerem numa postura liberal, há progenitores que prescindem de orientar a educação dos filhos, de forma a não ditarem escolhas no seu desenvolvimento; porém, é dever da família transmitir os princípios éticos e morais pelo qual se regulam, mas tendo em mente, que há princípios universais e que são fundamentais para a organização da nossa vivência em sociedade, nomeadamente o respeito ao próximo como parte essencial nas relações familiares e sociais (Bedene, 2010).

Num estudo que Pick e Palos (1995) realizaram, demonstrou que as figuras parentais (pai e mãe) comunicam e expressam-se de formas diferenciadas com os seus filhos; na perceção dos filhos foi referido que a figura materna consegue prover de uma comunicação mais assertiva, com filhos de ambos os sexos. Outros estudos realizados, corroboraram o anterior, mostrando que os jovens afirmam conseguir falar com a mãe de forma aberta e clara obstante do tema, seja ou não do foro afetivo, bem como, sentem que conseguem beneficiar de orientações e conselhos mais concretos; é mais fácil para a mãe iniciar os diálogos e aceitar as argumentações e opiniões dos filhos (Wagner, Carpenedo, Melo & Silveira, 2005).

Na atualidade, a subordinação de alguns pais na díade progenitor-filho é descrita como um sintoma vulnerável na relação familiar (Zanetti & Gomes, 2011).

Devido à carência de equilíbrio, os progenitores/cuidadores que não conseguem adaptar-se às novas realidades sociais ficam desequilibrados, concebendo práticas parentais vulneráveis (Zanetti & Gomes, 2011).

Os progenitores/cuidadores, quando ineficientes em permanecer firmes nas condutas disciplinares para com os filhos, reforçam a indisciplina, que se reflete perante as adversidades em conseguir compreender, respeitar e estipular normas adequadamente em situações rotineiras (Bolsoni-Silva et al., 2009).

A inconstância no humor dos progenitores, pode igualmente promover uma interação instável com os filhos, causando-lhes, dificuldades na transmissão das aprendizagens morais, pois deixam de respeitar as figuras de autoridade; há responsabilidade por parte dos progenitores em adotar um estilo parental equilibrado e constante, para que se possa desenvolver de forma salutar nos filhos essas mesmas aprendizagens morais (Baptista & Teodoro, 2012).

Dessa maneira, garantir a autonomia nos filhos não significa deixá-los agir e decidir por vontade própria; para além de indicar irresponsabilidade por parte dos progenitores/cuidadores, indicia uma conduta de alienação por não aconselhar a uma liberdade de escolha equilibrada (Baptista & Teodoro, 2012).

É necessário adotar características intrínsecas aos progenitores, procurando auxiliar, com sensatez, as exigências relacionais das crianças, levando-as a uma aprendizagem efetiva; desta maneira, as relações entre progenitores/cuidadores e filhos demonstra um grande desafio, é através de uma comunicação equilibrada que a família redireciona novos papéis na relação pais-filhos, privilegiando, especialmente, a

transmissão de afeto através do respeito e cuidado (Morgado, Andrade, Santos & Narezi, 2014).

A importância de uma comunicação equilibrada na relação pais-filhos e a participação dos progenitores/cuidadores nas suas vidas, são elementos que contribuem para um salutar desenvolvimento sócio-emocional nas crianças e adolescentes; a comunicação contínua, a participação nas atividades culturais, escolares e de lazer por parte dos progenitores, são essenciais para a qualidade na relação e para a aprendizagem de competências sociais na vida dos filhos (Cia, Pereira, Prette, & Pretee, 2006).

Alusivo à teoria da comunicação (Watzlawick, Beavin & Jackson, 1993), esta é composta por cinco premissas denominadas de axiomas da pragmática da comunicação humana. Este modelo faz corresponder duas concepções, a comunicação e o comportamento, ou seja, as demonstrações comportamentais utilizadas pelas pessoas materializam-se em comunicação.

A primeira premissa declara a impossibilidade de não comunicar, uma vez que todo o comportamento humano cria comunicação; a segunda premissa infere a existência de dois níveis na comunicação, o conteúdo e a relação, sendo considerada a ambiguidade entre ambos os conceitos, a dificuldade; a terceira premissa refere que a comunicação modifica-se consoante a interpretação que cada um atribui às sequências de mensagens; a quarta premissa atesta que a comunicação pode ser analógica e digital, e que a comunicação não-verbal expressa sentimentos e emoções; a quinta e última premissa salienta a simetria e a complementaridade na comunicação, ou seja, na comunicação procura-se diminuir diferenças e destacar semelhanças, ou destacar diferenças e desvalorizar semelhanças, respetivamente (Portugal, 2013; Watzlawick et al., 1993).

A comunicação integra a divulgação da informação, mas no enquadramento familiar orienta as respostas aos domínios básicos da parentalidade; neste âmbito, integra as relações emocionais (afeto e apoio), a clareza da comunicação, a capacidade para a resolução de problemas, a empatia, a abertura e sinceridade, a metacomunicação, a confiança e a partilha de diversos assuntos de interesse (Portugal & Alberto, 2013).

Existem estudos com perspetivas comuns e opostas, dentro da comunicação parento-filial; em comum temos os elementos como a assertividade comunicacional / adversidades comunicacionais, a manifestação afetiva e a prática da autoridade / função executiva (Portugal & Alberto, 2013); expressões de afeto positivas possibilitam aos indivíduos, perspetivar diferentes interpretações perante assuntos problemáticos (Fredrickson et al., 2000), conseguem conceptualizar novas formas de agir e pensar, procurando estratégias mais criativas, perante uma afetividade positiva.

Em oposição, a comunicação entre progenitores e filhos difere tendo em conta o estágio do ciclo de vida em que a família se encontra, pelo sexo dos progenitores e filhos, pela estrutura familiar, pelas habilitações literárias, e pelo nível socioeconómico (Portugal & Alberto, 2013);

A comunicação familiar é um elemento indispensável dentro da família, com mais expressão e responsabilidade na fase em que os filhos transitam para a fase da adolescência. Nesta etapa os jovens modificam a forma de pensar, organizam-se em crenças, ideais e convicções, bem como as relações de afeto são transferidas para as relações externas à família. Talvez seja uma das maiores dificuldades enfrentadas nesta fase pelos pais, é ajustar-se a forma de educar e informar seus filhos sobre essas transformações decorrentes desta fase (Maldonado, 2008).

Na adolescência os jovens precisam de muito apoio e orientação dos progenitores, já que esta é uma etapa de exploração e transformação, sendo crucial que se sintam protegidos e apoiados através da monitorização e diálogo com os seus progenitores (Fraiman, 2011).

Compete aos pais aprender a desenvolver afetos e comportamentos de respeito e partilha, salientando que apesar de inúmeros esforços por parte dos progenitores, nunca será o suficiente para colmatar todas as expectativas e certificar que se tornem adultos funcionais. Para a autora, tornar-se um adulto ou progenitor capaz, é ser um jovem que estuda e/ou trabalha, ter relações funcionais, usufruir de uma vida afetiva e/ou sexual, ter obrigações e direitos, para poder agir com autoridade e limites (Rosset, 2007).

Para uma relação ser saudável, é necessário que os progenitores compreendam que os filhos buscam padrões para a formação da identidade e não apenas com o intuito de confrontar os pais como a maioria manifesta (Fraiman, 2011).

Ser adolescente é vivenciar um momento de exploração e aventurar-se para a afirmação da autonomia e expandir horizontes. A força da família está conectada à integridade que os progenitores transmitem no seu papel familiar e social. Toda esta interação dar-se-á pela assertividade na comunicação, esta irá estabelecer, fortalecer, destacar e identificar o desempenho e comportamento dentro do sistema familiar. Nesta etapa, como parte do processo de autonomia e salvaguarda da sua identidade, os jovens começam cuidadosamente a selecionar informações antes de comunicar aos progenitores (Hartos & Power, 2000).

A autoestima, a satisfação, a segurança e algumas estratégias empregues pelos jovens, são variáveis que estão diretamente ligadas à comunicação assertiva no seio familiar (Wagner et al. 2005)

Referenciando alguns autores, indicam que quanto maior for a satisfação comunicacional dentro da relação familiar, maior será o índice de satisfação associada à comunicação aberta entre pais e filhos (Jackson, Bijstra, Oostra, & Bosma, 1998) nos adolescentes.

A influência das variáveis sociodemográficas na comunicação familiar

A literatura revela que a comunicação entre progenitores/cuidadores e filhos é motivada por alguns fatores, como: o sexo, a tipologia familiar, o nível socioeconómico, cultural e nível de habilitações literárias (Segrin & Flora, 2005).

Em relação ao sexo e às suas peculiaridades, pais de ambos os sexos têm mais facilidade em dialogar com as filhas do que com os filhos, porque as raparigas tendencialmente são mais expressivas emocionalmente do que os rapazes, havendo uma inibição e/ou contenção na manifestação emocional (McNaughton, 2000), ao contrário dos rapazes; as raparigas assumem ter uma comunicação mais desinibida com ambos os progenitores (Patrick, Snyder, Schrepferman e Snyder, 2005).

Ao nível da perceção dos progenitores, continua a identificar-se uma perceção mais assertiva por parte da progenitora na comunicação, quando comparado com o pai, e inclusive demonstra mais disponibilidade parental, mais metacomunicação e confiança/partilha por parte dos filhos (Barnes & Olson, 1985).

Em relação aos filhos há a referir, que ambos os sexos tendem em procurar mais a figura materna do que a paterna para comunicar (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002); o contexto de possíveis conflitos comunicacionais é percecionado de forma mais acentuada por parte dos rapazes no diálogo em relação ao pai.

Na estruturação familiar, os filhos em que as famílias são reconstituídas, manifestam relacionamentos de menor confiança com ambos os pais, em comparação aos

filhos de uma estrutura familiar nuclear. Na estrutura familiar monoparental, os filhos tendem em compartilhar mais atividades em família do que as crianças que vivem em outros ambientes familiares (Dunn, Davies, O'Connor e Sturgess, 2001).

A comunicação na díade pais-filhos, pode ser afetada negativamente na ocorrência de um divórcio no sistema familiar (Afifi, Huber, & Ohs, 2006; Eldar-Avidan, Haj-Yahia, & Greenbaum, 2009; McManus & Nussbaum, 2011; Nair & Murray, 2005).

Quanto à variável socioeconómica, esta também influencia o desempenho da parentalidade (Magnuson & Duncan, 2002). Estes autores, expressam que progenitores com rendimentos económicos baixos, recorrem a praticas educacionais de estilo mais autoritário, recorrendo a castigos físicos e psicológicos, no qual não beneficiam em nada o bem-estar das crianças.

Foi possível apurar que o nível de literacia parental, gera algumas incompatibilidades na comunicação parento-filial, atestando que quanto mais baixa for as competências literárias dos pais, menos frequentes serão as interações comunicacionais (Jiménez & Delgado, 2002); de acordo ainda com a literatura, pode-se constatar que progenitores com mais habilitações literárias, percecionam uma predisposição superior na confiança e partilha de assuntos por parte dos seus filhos, ao contrários dos progenitores com níveis de escolaridade inferior (Crouter & Head, 2002)

Objetivos

Uma das principais dificuldades e motivos de conflito surge na comunicação parento-filial, na etapa da adolescência. Com este estudo pretende-se analisar quais as variáveis que interferem e influenciam o diálogo entre ambos e identificar quais os tipos de estratégias/recursos comunicacionais mais utilizadas pelos adolescentes, com o propósito de reverter as decisões já determinada pelo progenitor.

Assim este estudo como objetivo principal, pretende analisar como se desenvolve os processos comunicacionais, mediante a percepção de progenitores e adolescentes. Para tal, e partindo do objetivo principal, são ainda definidos como objetivos específicos:

1. Identificar tipos estratégias de comunicação utilizadas pelo(s) adolescente(s) com seus progenitores / cuidadores e relacionar com a escala compa.
2. Analisar a comunicação na diáde em função da variavel sexo dos jovens (filhos) e progenitores, considerando igualmente qual a disponibilidade comunicacional percebida entre os sexos (filhos) no confiar e partilhar de temas que possam levar a discrepâncias junto dos progenitores.
3. Identificar mediante a evolução da idade nos adolescentes, se há ou não diferenças relacionadas com as percepções parento-filial nas dimensões respeitantes à comunicação, numa evolução temporal.
4. Analisar como as variáveis sociodemográficas – escolaridade, situação profissional e estrutura familiar dos participantes, possam influenciar os padrões comunicacionais entre progenitores e filhos.
5. Analisar de acordo com a percepção dos progenitores e filhos qual das dimensões será a mais influenciadora na comunicação parental.

Método

Participantes

O presente estudo está constituído por uma amostra de 85 jovens adolescentes, com idades compreendidas entre a faixa etária dos 11 e 16 anos ($M=13.21$; $DP=1.67$), de ambos os sexos e respetivamente recrutados através dos filhos; e 85 progenitores/cuidadores, sendo constituído por 68 mães, na faixa etária entre os 31 e 55 anos ($M=43.47$; $DP=4.12$), e 15 pais com idades entre os 38 e 61 anos ($M=45.38$; $DP=4.25$),^x que responderam na íntegra à totalidade dos dados e questionários do estudo, configurando-se numa amostra total de 170 participantes.

A escolha dos intervenientes foi processada através de uma amostra não probabilística de conveniência.

Foram definidos como critérios de inclusão relativamente aos participantes: (a) jovens adolescentes a frequentar o 2º e 3º ciclo do ensino básico e respetivos progenitores/cuidadores e (b) com idade igual ou superior a 11/12 anos - etapa do ciclo vital famílias com filhos adolescentes, até ao limite na faixa etária dos 16 anos.

Tabela 1 - Distribuição da amostra adolescentes segundo o sexo e idade

Sexo	N=85	%	Idade	N=85	%=Idade
Feminino	53	62.4%	11	7	13%
			12	18	34%
			13	7	13%
			14	8	15%
			15	5	9%
			16	8	15%
Masculino	32	37.6%	11	4	13%
			12	12	38%
			13	2	6%
			14	4	13%
			15	6	19%
			16	4	13%

De acordo com os dados sociodemográficos (tabela 1), a amostra em referência aos adolescentes, é composta por 53 (62.4%) raparigas e por 32 (37,6%) rapazes. As idades que integram estes participantes compreendem os 11 e os 16 anos ($M = 13.21$; DP

= 1.67), com maior prevalência de 35.3% na faixa etária dos 12 anos (n=30) e menor 10.6%, na faixa etária de 13 anos (n=9).

Tabela 2 - Distribuição da amostra adolescentes segundo o ano de escolaridade

Adolescentes	Ano de Escolaridade						Total
	6º ano	7º ano	8º ano	9º ano	10º ano	11º ano	
N	35	8	12	11	14	5	85
%	41.2	9.4	14.1	12.9	16.5	5.9	100.0

Respeitante às habilitações literárias (tabela 2) dos participantes da amostra adolescentes (M=7.72; DP=1.74), encontram-se a estudar no 2º ciclo, que abrange o 6º ano (41.2%) e no 3º ciclo, que engloba os 7º, 8º e 9º anos (36.4%), estando os restantes a frequentar o ensino secundário, que integra o 10º e 11º ano (22.4%).

Tabela 3 - Distribuição da amostra adolescentes segundo a estrutura familiar

Adolescentes	Estrutura Familiar					Total
	Nuclear	Alargada	Divórcio/Separação	Reconstruída	Uniparental	
N	63	5	11	5	1	85
%	74.10	5.90	12.90	5.90	1.20	100.0

Conforme exposto na tabela 3, referente à estrutura familiar (M=1,54; DP=1.01), a maioria dos adolescentes é proveniente de uma família nuclear intacta (74.1%), 5.9% de famílias alargadas, 12.9% de famílias em situação de divórcio/separação, 5.9% são famílias reconstituídas e 1.2% em situação de família uniparental. Também de referir que 68.2% (n=58) das famílias em estudo, têm irmãos (M=1.32; DP=.47).

Tabela 4 - Distribuição da amostra progenitor/cuidador

Progenitor/Cuidador	N=85	Idade (min-máx)	Idade (média)	%
Mãe	68	31-55	43.47	80.00%
Pai	15	38-61	45.38	17.60%
Dados ausentes	2	-	-	2.40%

A amostra que reporta aos progenitores, está repartido por 68 mães (80%), 16 pais (17.6%) e 2 valores ausentes (2.4%), as progenitoras abrangem a faixa etária entre os 31

e 55 anos de idade (M=43.47; DP=4.12) e os progenitores, entre a faixa etária dos 38 aos 61 anos (M=45.38;DP=4.25).

Tabela 5 - Caracterização da amostra progenitores segundo a situação profissional

	Variável	Frequência (N)	Porcentagem (%)
Progenitor/Cuidador	Mãe - Situação Profissional - Empregado	82	96.5
	Mãe - Situação Profissional - Desempregado	2	2.4
	Mãe - Situação Profissional - Ausente	1	1.2
	Pai - Situação Profissional - Empregado	75	88.2
	Pai - Situação Profissional - Ausente	10	11.8

Inerente à amostra progenitores, maioritariamente no que se refere à situação profissional, 96.5% das mães (M=1.02; DP=0.15) e 88.2% dos pais (M=1.00; DP=.00), encontram-se em situação ativa de emprego (tabela 4).

Tabela 6 - Caracterização da amostra progenitores segundo a escolaridade

	Variável	Frequência (N)	Porcentagem (%)
Progenitor/Cuidador	Mãe - Escolaridade - Até 9º Ano	3	3.5
	Mãe - Escolaridade - Até 12º Ano	30	35.3
	Mãe - Escolaridade - Curso Superior	50	58.8
	Mãe - Escolaridade - Ausente	2	2.4
	Pai - Escolaridade - Até 9º Ano	7	8.2
	Pai - Escolaridade - Até 12º Ano	37	43.5
	Pai - Escolaridade - Curso Superior	30	35.3
	Pai - Escolaridade - Ausente	11	12.9

Alusivo às habilitações literárias (tabela 6) da amostra progenitores, em relação às mães (M=5.17; DP=1.05), 58.8% das mães têm curso superior; em relação à escolaridade do progenitor (M=4.72; DP=1.10), a maioria dos pais finalizou o ensino secundário (43.5%).

Durante o período que decorreu para a recolha de dados para o estudo foram tidos em consideração, os princípios éticos de anonimato, de confidencialidade e de consentimento informado em todo o manuseamento e análise dos dados obtidos.

Instrumentos

A recolha de dados para o estudo em menção foi concebida através de três instrumentos, nomeadamente, um questionário/guião semiestruturado sobre estratégias comunicacionais (Olabuenaga, 1996) e as escalas COMPA - Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (Portugal e Alberto, 2013), na versão pais (COMPA-P) e adolescentes (COMPA-A).

O questionário breve integra informação sobre elementos sociodemográficos dos participantes do estudo, contendo dados relacionados com sexo, idade, grau de parentesco, habilitações literárias e tipologia familiar, reportando a filhos e progenitores; considera ainda o contexto de situação profissional (empregado, desempregado ou outros) dos progenitores.

A seleção da entrevista semiestruturada como método de recolha de dados qualitativos terá como base o facto de esta ser caracterizada por um contacto direto entre o pesquisador e o entrevistado, com o intuito de analisar descrições individuais sobre as estratégias de comunicação na relação parento-filial, através de um guião previamente preparado para servir de orientação no decorrer da entrevista. A mesma é composta por 3 eixos temáticos, considerando as seguintes categorias (Olabuenaga, 1996).

O 1º eixo temático, identifica a seleção do momento mais oportuno para conversar com os pais, conforme exposto nas categorias em menção: (a) O estado de humor dos pais: qual o melhor momento para falarem com os progenitores sobre temas de teor mais delicado; a perceção dos jovens é que quanto mais bem-humorado o progenitor estiver, eles irão decidir de forma favorável às suas necessidades. Os jovens entendem que do bom-humor nos pais, poderá advir compreensão e atenção, em oposição ao mau-humor que dificulta o diálogo assertivo e a relação entre pais e filhos; (b) O tempo disponível

para a conversa: demonstra a preocupação dos filhos na escolha do momento durante o dia em que os progenitores possam estar mais disponíveis para conversar. Os jovens procuram ter alguma sensibilidade na escolha do momento para as conversas, mas por razões paradoxais, se os pais estiverem ocupados não vão conseguir escutá-los da forma que pretendem, mas também, noutros temas desagradáveis, os jovens pretendem que os pais lhes deem pouca atenção e tempo, em especial quando o tema possa eventualmente ser as notas das escola, evitando uma discussão direta ou imediata.

O 2º eixo temático, caracteriza as estratégias comunicacionais dos filhos na forma como se dirigem aos progenitores sobre alguns temas; ocorrem no seguimento de algum conflito/desacordo esperado, que leva o jovem a definir recursos para negociar com os progenitores (Noller & Callan, 1991): (a) A forma como o tema é abordado (fala): identifica-se duas alternativas na descrição dos temas aos progenitores; (1) uns preferem falar devagar e com cautela, pois afirmam que conseguem preparar os progenitores para as notícias mais difíceis; (2) mas em oposição, outros acham que falar de forma brusca é a melhor forma. Depreende-se que as estratégias de comunicação somente são utilizadas para interceder em temas que possam gerar discórdia; temas agradáveis podem ser comunicados em qualquer circunstância; (b) Chantagem: estratégia usada quando é necessário reverter uma decisão já determinada pelos progenitor, nomeadamente através do choro como recurso utilizado; o jovem utiliza-o com o intuito de afetar emocionalmente o progenitor e obter o que quer, remetendo para os progenitores a tentativa de provocar sentimentos de culpa / pena por estarem a deixá-lo frustrado em relação à sua vontade; (c) Seleção da informação através da: (1) omissão que é empregue quando os jovens não querem que os pais tenham conhecimento sobre determinados assuntos; há progenitores que ficam desconcertados quando se apercebem que os filhos

nem sempre contam tudo que acontece com eles (Zagury, 1996). É expectável que isto aconteça, pois é uma forma dos adolescentes preservarem a sua intimidade, como parte do processo de autonomia (Hartos & Power, 2000). (2) Na mentira, é o recurso que empregam os jovens para conquistar a autonomia e ludibriar as regras / padrões como opção nas suas escolhas/decisões, pois julgam se contarem a verdade não serão bem-sucedidos. Os progenitores quando perante a mentira, sentem-se desiludidos e inseguros com os seus filhos; (d) Comparação com outros: este recurso é utilizado quando o jovem se compara com os seus pares ou cenários idênticos; serve para convencer os progenitores a optarem pela decisão mais conveniente para o filho, ou acalmar perante o relato desfavorável; (e) Insistir: recurso utilizado para convencer os progenitores a dar permissão para lograrem os seus propósitos; é a forma de convencer o outro a mudar de ideias através de argumentos válidos, situação que ocorre bastante na adolescência (Maldonado, 1997); porém este recurso nem sempre é bem-sucedido, pois há progenitores inflexíveis. Estudos indicam que famílias com adolescentes, é necessário que tenham flexibilidade, para atenuar a autoridade parental para possibilitar a formação da autonomia do jovem (Carter & McGoldrick, 2001); (f) Fazer trocas: resulta na forma como os filhos propõem aos progenitores troca de favores em prol de conseguirem alcançar o seu objetivo; expressa a tentativa do jovem em negociar com o progenitor. O adolescente percebe que já precisa de corresponder aos pedidos dos seus pais para obtenção de algo em troca, ao oposto do que ocorria quando criança em que recebia algo sem ter que haver troca por algo; (g) Enfrentamento: forma de comunicação que o adolescente encontra para se fazer ouvir, impondo as suas opiniões e decisões ao progenitor, sendo habitualmente a opinião do jovem contrária; estas são as primeiras demonstrações em que se evidencia a construção da opinião própria por parte do jovem,

em que deixa de reconhecer somente a opinião parental. Estas ações não devem impedir a interferência por parte dos progenitores, mas certamente proporcionar a ocasião, ao diálogo assertivo entre ambos (Wagner & al., 2002).

Os recursos comunicacionais de chantagem, insistir e enfrentamento revelam a tentativa de persuasão aos progenitores. A chantagem envolve atingir de forma emotiva, o insistir implica o poder de argumentação e o enfrentamento como imposição da suas opiniões e decisões contrárias ao progenitor.

O 3º eixo temático, recai sobre a preferência e escolha de um familiar para dialogar sobre os seus assuntos confidenciais; esta escolha pode recair pelo elemento com que mais se identifica: (a) Pai: progenitor pelo qual há maior preferência pelo adolescente em falar apesar do tema; o pai é visto como a figura que passou por situações idênticas. Indica a propensão do jovem pelo progenitor do mesmo sexo para dialogar, sugerindo que se sente mais compreendido pelo fato de ser homem (Carmona, 2000); (b) Mãe: estabelece a progenitora como a preferida para dialogar sobre temas diversificados; (c) Irmãos: são os que mais se destacam pela função mediadora entre os progenitores e o jovem; é comum recorrerem aos irmãos para contarem os assuntos mais delicados e depois aos pais; o vínculo com o subsistema fraterno funciona como estratégia de comunicação como fator facilitador no diálogo parento-filial; (d) Outros: quando se recorre a outros membros da família extensa para comunicar; demonstra o interesse do jovem em distanciar-se dos pais por se identificar com outras pessoas. No ciclo da adolescência, o jovem necessita de desvincular-se dos progenitores para se desenvolver, amadurecer e emancipar (Zagury, 1996). Neste eixo pretende-se identificar os temas no qual o jovem prefere escolher a mãe ou pai, e vice-versa. O pai é tido como a figura incumbida do suporte financeiro na família, sendo este o escolhido para pedir dinheiro

para comprar algo, enquadrando-se a mãe na tarefa de cuidar dos filhos, sendo ela a figura que compreende e aconselha os filhos emocionalmente, sendo neste caso aquela a quem recorrem para pedir permissão para sair ou quando precisam de algum conselho.

A COMPA (Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade), é uma escala de autorrelato, elaborada por Portugal e Alberto (2013) e tem como objetivo a avaliação multidimensional das percepções dos progenitores e respetivos filhos inerentes aos padrões de comunicação no relacionamento parento-filial através de uma escala tipo *Likert* com cinco níveis (1) Nunca; (2) Raramente; (3) Às vezes; (4) Muitas vezes; e (5) Sempre.

Demonstra a influência da comunicação para o desenvolvimento pessoal e familiar, assim como, nas abordagens sistémicas que definem a família como um todo e procuram a compreensão do seu funcionamento.

O Modelo da Pragmática da Comunicação Humana, é um dos principais quadros-teóricos que sustentam esta escala e, como tal, adota como base cinco premissas sobre a comunicação (Watzlawick & al.,1993). É elaborada em 3 versões distintas, uma direcionada a pais (COMPA-P), uma alusiva a crianças na faixa etária dos 7 aos 11 anos (COMPA-C) e uma dirigida à faixa etária entre 11/12 até aos 16 anos respeitante a adolescentes (COMPA-A). Neste estudo utilizaram-se as versões COMPA-P (progenitores/cuidadores) e COMPA-A (filhos/adolescentes).

A escala COMPA-P, é constituída por 44 itens, que apresentaram bons níveis de consistência interna, que assenta num *alpha de Cronbach* de $\alpha=.91$, validando os valores obtidos no *alfa de Cronbach* da amostra em estudo de $\alpha=.93$

A escala parental COMPA-P (progenitores/cuidadores) abrange 5 dimensões: (1) expressão afetiva/suporte emocional, compreende 14 itens (10, 17, 18, 19, 20, 28, 29, 30, 34, 37, 39 e 44), para um $\alpha: .821$; (2) disponibilidade parental para a comunicação,

compreende 8 itens (9, 11, 24, 26, 31, 40, 42 e 43), para um α : .732; (3) metacomunicação, engloba 8 itens (3, 5, 22, 23, 25, 33, 35 e 38), para um α : .725; (4) partilha/confiança de progenitores para filhos, com 7 itens (2, 4, 6, 7, 8, 27 e 41), para um α : .753; (5) partilha/confiança de filhos para progenitores, consiste em 7 itens (12, 13, 14, 15, 16, 21 e 32), para um α : .615.

A cotação é feita por subescala, fazendo-se a soma das perguntas por subescala, dividindo-se o total apurado em cada escala pela totalidade das perguntas que a constituem. Distingue-se a propriedade de alguma subescala conter perguntas na negativa (31 e 43), em que quanto maior for a pontuação, maior será a percepção sobre a comunicação desenvolvida entre pais e filhos.

Tabela 7 - Valores aferidos do Alpha de Cronbach na escala COMPA-P

Variáveis COMPA-P	Valores aferidos	Valores em estudo
Fator 1 - Expressão afetiva/suporte emocional	$\alpha= 0.821$	$\alpha= 0.722$
Fator 2 - Disponibilidade parental para a comunicação	$\alpha= 0.732$	$\alpha= 0.773$
Fator 3 - Metacomunicação	$\alpha= 0.725$	$\alpha= 0.715$
Fator 4 - Confiança/Partilha Comunicacional dos progenitores para os Filhos	$\alpha= 0.753$	$\alpha= 0.707$
Fator 5 - Confiança/Partilha Comunicacional dos Filhos para os Progenitores	$\alpha= 0.615$	$\alpha= 0.665$

Na tabela 7, estão referenciados os valores obtidos para o *Alpha de Cronbach* na versão COMPA-P (progenitores) considerando normativa a consistência interna nas dimensões, $\alpha=0.72$ na subescala expressão afetiva/suporte emocional ($\alpha=0.81$); $\alpha=0.77$ na disponibilidade parental para a comunicação ($\alpha= 0.73$); $\alpha= 0.72$ em metacomunicação ($\alpha= 0.73$); $\alpha=0.71$ na partilha/confiança de progenitores para os filhos ($\alpha=0.75$); e um $\alpha= 0.66$ na partilha/confiança dos filhos para os progenitores ($\alpha= 0.62$).

A versão da COMPA-P foi aferida e desenvolvida sobretudo para as figuras parentais, contudo a mesma é apropriada para qualquer cuidador/responsável da criança/adolescente (Portugal & Alberto, 2014).

A variante da escala COMPA-A (adolescentes), que compreende a faixa etária dos 11/12 aos 16 anos, é constituída por 39 itens (*alpha de Cronbach* de .94), que corrobora a validade do estudo com um *alfa de Cronbach* de $\alpha=.95$ (pai) e de $\alpha=.93$ (mãe), sendo valores bastante significativos; esta escala é subdividida em 5 dimensões: (1) disponibilidade parental para a comunicação, compreende 14 itens (4, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20 e 21), para um α : .865; (2) partilha/confiança de filhos para progenitores, engloba 7 itens (1, 2, 3, 7, 30, 33 e 34), para um α : .873; (3) expressão afetiva/suporte emocional, compõe 5 itens (23, 29, 31, 35 e 39), para um α : .838; (4) metacomunicação, inclui 9 itens (8, 22, 24, 25, 27, 28, 32, 36 e 37, para um α : .805; e (5) padrões negativos de comunicação, compreende 4 itens (5, 6, 26 e 38), para um α : .650.

A cotação é semelhante à anterior subescala, fazendo-se a soma dos itens por subescala, dividindo-se os totais apurados em cada subescala pelo total de itens que a compõem.; excetuando a dimensão que compõe os padrões negativos da comunicação que por ser constituída por itens respeitante a aspetos negativos, são cotados de forma inversa.

Na versão COMPA-A a escala é respondida separadamente para o pai e mãe.

Tabela 8 - Valores aferidos do Alpha de Cronbach na escala COMPA-A

Variáveis COMPA-A	Valores aferidos	Valores em estudo Pai	Valores em estudo Mãe
Fator 1 - Disponibilidade Parental para a comunicação	$\alpha= 0.865$	$\alpha= 0.900$	$\alpha= 0.858$
Fator 2 - Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores	$\alpha= 0.873$	$\alpha= 0.876$	$\alpha= 0.867$
Fator 3 - Expressão afetiva/suporte emocional	$\alpha= 0.838$	$\alpha= 0.837$	$\alpha= 0.745$
Fator 4 – Metacomunicação	$\alpha= 0.805$	$\alpha= 0.732$	$\alpha= 0.811$
Fator 5 - Padrão Comunicacional Negativo	$\alpha= 0.650$	$\alpha= 0.637$	$\alpha= 0.536$

Nas subescalas da versão para adolescentes - COMPA-A os valores de *alpha de Cronbach* (tabela 8) também podem ser considerados normativos, nomeadamente quando comparados os valores aferidos com os valores obtidos na escala entre pais e mães.

Procedimento

Este estudo requereu dois momentos para recolha de dados, resultante das circunstâncias atuais de pandemia que nos encontramos – COVID 19.

Iniciou-se pelo contato direto com a escola secundária, para obtenção de autorização por parte da direção. Após reunião explicativa sobre o estudo e de acordo com o regulamento escolar, foi necessário solicitar autorização pela plataforma MIME (Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar) para proceder à aplicação dos instrumentos de inquirição, conforme requerido pela escola.

Decorrendo a fase em que todas as autorizações foram aprovadas, é remetido um pedido de consentimento informado a todos os encarregados de educação dos participantes menores, a explicar o objetivo central do estudo (anexos B e C)

Conjuntamente, com a coordenadora responsável pelo acompanhamento de estagiários na escola, foram realizadas algumas reuniões para conciliação de horários e selecionar turmas com os critérios necessários ao estudo.

Passo seguinte e após autorização e consentimento por parte dos encarregados de educação, o tema em estudo foi explicado aos participantes (adolescentes) e reforçada a inclusão e colaboração dos seus progenitores/cuidadores demonstrando a importância da participação. Apresentou-se e explicou-se aos jovens os instrumentos que serão aplicados - questionário sociodemográfico, a escala COMPA-A para avaliação da comunicação e uma entrevista semiestruturada para avaliação de estratégias comunicacionais utilizadas pelos jovens perante situações ou assuntos desagradáveis.

Foi transmitido que em todo o momento do estudo a participação seria voluntária e que em todos os momentos seria respeitado o seu anonimato.

Ao progenitor/cuidador foi entregue pelo jovem a escala COMPA-P para avaliação da comunicação da parentalidade a um dos elementos escolhidos pelo próprio (progenitor/cuidador) para responder ao questionário. Todos os participantes são igualmente assegurados da total confidencialidade e anonimato das suas respostas, além do seu carácter voluntário na participação da investigação. Apesar de tudo alinhado, a recolha de dados ficou suspensa a 16 de março de 2020.

Num segundo momento, foi necessário requer por contexto online, sendo o recrutamento das participantes efetuado pela partilha nas redes sociais, e, por conseguinte, os questionários foram remetidos por *e-mail* para os participantes que concordaram com o estudo.

Em referência a este estudo utilizou-se uma metodologia mista, recorrendo-se a um processo de recolha de análise qualitativa (entrevista semiestruturada) e quantitativa (escalas compa-p e compa-a).

Respeitantes ao processo estatístico, os dados quantitativos do presente estudo foram realizados no aplicativo de software S.P.S.S. - *Statistical Package for Social Sciences* (versão 22).

Para análise dos resultados, foi utilizada estatística descritiva constituída pela média, desvio-padrão, cálculo de frequências e percentagens tendo em conta a natureza das variáveis; foi criado uma base de dados onde se inseriram todos os dados inerentes aos questionários preenchidos pelos participantes (n=170) figurativos na amostra.

Para analisar a normalidade da distribuição e a variabilidade dos dados foram aplicados os testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Considerado que a amostra não seguiu os pressupostos de normalidade, utilizaram-se os testes não-paramétricos Mann-Whitney para comparar duas amostras independentes, o Kruskal-

Wallis para comparar três ou mais amostras independentes e o coeficiente de Spearman para analisar a correlação entre as variáveis.

No final, foi realizado o modelo de regressão linear, para averiguar o grau de relacionamento de uma variável dependente (escalas) e um conjunto de variáveis independentes (variáveis sociodemográficas), se seriam explicativas de forma a haver influencia entre elas.

De salientar que se aplicou o valor de $p \geq 0.05$ na avaliação da significância estatística, sendo os resultados cujo *p-value* inferior ou igual a esse mesmo valor.

Resultados

Neste capítulo procede-se à apresentação dos resultados obtidos através das respostas recolhidas na entrevista e dos instrumentos aplicados, que servirão como referência às conclusões deste estudo.

Especificando o que respeita aos dados resultantes da entrevista semiestruturada sobre estratégias comunicacionais, de referir que apenas foram consideradas as respostas dadas pelos adolescentes (sexo feminino n=53; sexo masculino n=32).

Os dados foram processados pelo software *Excel* para verificar a prevalência de categorias selecionadas pelas 13 questões colocadas.

Resultados explicativos do 1º eixo temático (guião)

Tabela 9 - Questão nº 1 *Qual o melhor momento para conversar com os pais, perante um assunto importante? Tens em conta o estado de humor dos teus pais? Porquê?*

Estrutura Familiar Amostra / Percentagem	F = sim		M = sim		F = não		M = não		Nulo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nuclear										
Alargada	32	60%	19	59%	7	13%	6	19%	8	9%
Reconstruída										
Divórcio										
Uniparental	7	13%	3	9%	1	2%	2	6%	-	-

Nota: F = Sim / M = Sim (adolescentes do sexo feminino / masculino que responderam afirmativamente); F = Não / M = Não (adolescentes do sexo feminino / masculino que responderam negativamente).

Mediante os resultados apurados no 1º eixo temático, que comporta 2 questões (tabelas 9 e 10) pode-se averiguar que, na sequência das respostas dadas por ambos os sexos relacionando a tipologia familiar agrupada por (1) família nuclear/alargada e (2) família reconstruída/divórcio/uniparental; pode-se aferir nesta questão que maioritariamente dos jovens consideram importante o estado de humor dos pais para partilharem informação (73% sexo feminino e 68% sexo masculino); afirmam que estes ficam mais disponíveis à comunicação, bem como na tomada de decisões mais assertivas para aceder às suas vontades (tabela 9).

Estas conclusões podem ser confirmadas através de alguns testemunhos dados pelos jovens à questão colocada: “*Sim sempre, porque influencia resposta que dão*” (sic)¹; “*o melhor momento para eu conversar com a minha mãe é ao final do dia... porque, é quando a minha mãe está mais descontraída e disponível*” (sic)². “*sim, porque se tiverem de mau humor prefiro não dizer nada e quando estiverem de melhor humor falar com eles mais calmamente*” (sic)³;

Tabela 10 - Questão nº 2 Tens em conta o tempo disponível dos teus pais para ter uma conversa para abordares determinados assuntos? Preferes que estejam ocupados ou com tempo? Porquê?

Estrutura Familiar	F = sim		M = sim		F = não		M = não		Nulo	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Nuclear										
Alargada	36	68%	24	75%	4	8%	0	0%	8	9%
Reconstruída										
Divórcio										
Uniparental	7	13%	4	13%	1	2%	1	3%	-	-

Nota: F = Sim / M = Sim (adolescentes do sexo feminino / masculino que responderam afirmativamente); F = Não / M = Não (adolescentes do sexo feminino / masculino que responderam negativamente).

Expresso na tabela 10, é evidente a preocupação dos jovens na escolha do tempo disponível dos progenitores (81% sexo feminino e 88% sexo masculino), pelo facto dos pais demonstrarem maior disponibilidade e atenção na interlocução. Porém, de referenciar que há assuntos que identificam que seria preferível ter pouco tempo disponível, como é o caso das notas escolares, em que o diminuiria o tempo para a discussão. Demonstra-se através de algumas afirmações dadas pelos jovens à questão colocada: “*com tempo para eles me ouvirem e darem atenção.*” (sic)⁴ ; “*com tempo, se estiverem ocupados e com pouco tempo estarão preocupados com o que têm de fazer e*

Nota de rodapé:

¹ Adolescente masculino nº9;

² Adolescente feminino nº23

³ Adolescente feminino nº69;

⁴ Adolescente masculino nº24;

não me ouvirão” (sic)⁵; “bem, se for para falar um assunto importante, prefiro ela com tempo para me dar a sua opinião, agora se for um assunto nada especial é-me indiferente se ela estiver ocupada ou não” (sic)⁶.

Resultados explicativos do 2º eixo temático (guião)

Em representação do 2º eixo temático, que comporta 7 questões (tabelas 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17) pode-se averiguar que:

Tabela 11 - Questão nº 3 *Imagina duas possibilidades de contar aos teus pais um tema agradável e difícil, qual a forma de falar que escolhias para ambas as situações. Dar a informação devagar ou abruptamente?*

Estrutura Familiar		Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
Sexo	Estratégia	N	%	N	%
F	Devagar	37	70%	6	11%
M	Devagar	24	75%	5	16%
F	Abrupta	2	4%	1	2%
M	Abrupta	1	3%	0	0%
F	Ambos	1	2%	0	0%
M	Ambos	0	0%	1	3%
-	Nulo	7	8%	-	-

Para falarem com os progenitores, os jovens desenvolvem estratégias comunicacionais perante temas agradáveis e/ou desagradáveis (tabela 11). Na maioria dos casos, expressam que temas agradáveis podem ser transmitidos em qualquer momento, mas, o tema desagradável sendo o mais difícil de abordar, a maioria dos jovens escolhe a forma de falar devagar (81% sexo feminino e 91% sexo masculino). Estas afirmações podem ser confirmadas através das afirmações dos adolescentes: “eu prefiro dar a informação devagar porque se fosse abruptamente, depois tinha que lhes explicar tudo outra vez com mais calma” (sic)⁷; “assunto difícil, prefiro contar com tempo, porque assim consigo explicar melhor e eles também entendem de forma mais clara; agradável,

⁵ Adolescente feminino nº25;

⁶ Adolescente feminino nº81

⁷ Adolescente masculino nº12

pode ser rápido, mas como também gosto de ficar a conversar sobre o assunto depois, pode ser devagar” (sic)⁸; “contar as duas situações devagar” (sic)⁹.

Tabela 12 - Questão nº 4 *Que tipo de estratégias habitualmente utilizas para tentar reverter uma decisão já tomada pelos teus pais. Fazer chantagem ou fazê-los sentirem-se culpados (indicar tipo de estratégia após reposta do participante).*

Estrutura Familiar		Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
Sexo	Estratégia	N	%	N	%
F	Nenhuma	9	17%	1	2%
M	Nenhuma	5	16%	2	6%
F	Chantagem	10	19%	0	0%
M	Chantagem	7	22%	1	3%
F	Argumentar	8	15%	5	9%
M	Argumentar	6	19%	0	0%
F	Insistir	5	9%	1	2%
M	Insistir	3	9%	0	0%
F	Sentirem-se culpados	8	15%	1	2%
M	Sentirem-se culpados	4	13%	0	0%
F	Ambas	0	0%	0	0%
M	Ambas	0	0%	1	3%
	Nulo	8	9%	-	-

Na tabela 12, a estratégias comunicacionais utilizadas para reverter as decisões paternas, apurou-se que em ambos os sexos, predomina as estratégias argumentar (feminino 24%; masculino 19%) e chantagem (feminino 19%; masculino 25%); com valores significativos destaca-se ainda 19% do sexo feminino e 22% do sexo masculino, que não utiliza qualquer tipo de estratégia. Exemplificando algumas das estratégias mais utilizada em ambos os sexos, “chantagem, mas uma chantagem saudável” (sic)¹⁰; “o tipo de estratégia que eu uso é a chantagem” (sic)¹¹; no argumentar “tento dar argumentos para os fazer mudar de ideias” (sic)¹², “acho chantagem algo ridículo, e odeio quando

⁸ Adolescente masculino nº29;

⁹ Adolescente feminino nº39;

¹⁰ Adolescente feminino nº16;

¹¹ Adolescente feminino nº33;

¹² Adolescente feminino nº40;

eles a usam comigo; usualmente tento arranjar argumentos que se adequem à situação a meu favor” (sic)¹³; “fazê-los sentirem-se culpados” (sic)¹⁴. Dos testemunhos obtidos pelos jovens do sexo masculino, na estratégia chantagem, “fazer chantagem” (sic)¹⁵ e “chantagem emocional” (sic)¹⁶; na estratégia argumentação “tento explicar o meu ponto de vista e tentar fazer com que eles percebam” (sic)¹⁷.

Tabela 13 - Questão nº 5 Em relação ao conteúdo dos assuntos difíceis tens tendência em dar toda a informação aos teus pais? Mentira ou Omissão (indicar tipo de estratégia após reposta do participante).

Sexo	Estrutura Familiar Estratégia	Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
		N	%	N	%
F	Usa ambas - MO	6	11%	1	2%
M	Usa ambas - MO	5	16%	0	0%
F	Nenhuma, falo sempre tudo	12	23%	4	8%
M	Nenhuma, falo sempre tudo	8	25%	1	3%
F	Omissão	21	40%	2	4%
M	Omissão	11	34%	4	13%
F	Mentira	0	0%	0	0%
M	Mentira	1	3%	0	0%
	Nulo	9	11%	-	-

Transmitir ou não toda as informações ao progenitor pode originar discórdia, neste sentido apurou-se que a estratégia comunicacional (tabela 13) com mais prevalência é a omissão (44% sexo feminino e 47% sexo masculino), em oposição, considerando-se significativo, à jovens que expressam dizer tudo aos pais (31% sexo feminino e 28% sexo masculino). Sendo a omissão a estratégia mais utilizada, destacam-se algumas afirmações dadas por ambos os sexos: “Por vezes escolho omitir informação” (sic)¹⁸; “omissão de

¹³ Adolescente feminino nº54;

¹⁴ Adolescente feminino nº60;

¹⁵ Adolescente masculino nº53;

¹⁶ Adolescente masculino nº55;

¹⁷ Adolescente masculino nº12;

¹⁸ Adolescente feminino nº70;

pequenas partes” (sic)¹⁹ e “depende do assunto... apenas omito, nunca minto” (sic)²⁰. Inclui-se também alguns testemunhos dos jovens que transmitem todos os assuntos aos progenitores, “*normalmente digo tudo o que se passa*” (sic)²¹, “*pretendo dar toda a informação para aliviar a consciência*” (sic)²² e “*nem uma nem outra, digo sempre a verdade mesmo sendo um assunto mais difícil*” (sic)²³.

Tabela 14 - Questão nº 6 Quando abordas os assuntos com os teus pais fazes comparação com os outros? Se sim, qual o objetivo que esperas alcançar junto deles?

Sexo	Estrutura Familiar Estratégia	Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
		N	%	N	%
F	Sim, comparo	30	57%	7	13%
M	Sim, comparo	12	38%	3	9%
F	Não comparo	9	17%	1	2%
M	Não comparo	13	41%	2	6%
	Nulo	8	9%	-	-

Ao comparar-se, ou não com os outros, para os jovens é a forma que têm de demonstrar aos seus progenitores que há padrões comportamentais idênticos na sua geração (tabela 14). Neste sentido a estratégia comparação foi tida como a mais significativa em ambos os sexos (sexo feminino, 70%; sexo masculino, 47%), em hegemonia para o sexo masculino (47%) comparativamente na estratégia, que não faz qualquer tipo de comparação - não comparo. Nos relatos dos jovens. Para aferir a escolha destes padrões comunicacionais, evidencia-se os testemunhos apurados em ambos os sexos na estratégia – comparação: “*sim, o objetivo é pensarem que há pessoas piores que*

¹⁹ Adolescente masculino nº9;

²⁰ Adolescente feminino nº39;

²¹ Adolescente masculino nº30;

²² Adolescente masculino nº18;

²³ Adolescente feminino nº74;

eu” (sic)²⁴, “sim, para ser mais fácil a decisão deles e tentar influenciá-los” (sic)²⁵ e “eu costumo comparar por exemplo com amigas minhas que podem fazer alguma coisa que eu não possa (se não for uma coisa grave ou desnecessária) com objetivo de eles perceberem que algumas coisas que eles não deixam são normais adolescentes fazerem” (sic)²⁶. Nas declarações do sexo masculino sobre a estratégia - não comparo, todos os jovens afirmaram a resposta “não” (sic)²⁷.

Tabela 15 - Questão nº 7 Quando queres mesmo concretizar um objetivo que estratégias / argumentos utilizas com os teus pais? Costuma haver flexibilidade por parte deles? Insistir (indicar tipo de estratégia após reposta do participante).

Sexo	Estrutura Familiar	Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
		N	%	N	%
F	Argumentar	4	8%	1	2%
M	Argumentar	1	3%	0	0%
F	Insistir	28	53%	4	8%
M	Insistir	20	63%	2	6%
F	Insistir e Chantagem	3	6%	0	0%
M	Insistir e Chantagem	1	3%	0	0%
F	Insistir e Negociar	0	0%	0	0%
M	Insistir e Negociar	0	0%	1	3%
F	Negociar	3	6%	0	0%
M	Negociar	2	6%	0	0%
F	Não utiliza estratégias	0	0%	2	4%
M	Não utiliza estratégias	0	0%	2	6%
	Nulo	11	13%	-	-
Progenitores	Com Flexibilidade	25	47%	9	17%
Progenitores	Sem Flexibilidade	5	16%	0	0%
	Nulo	46	54%	-	-

Pela inflexibilidade de algumas regras aplicadas na estrutura familiar, os jovens terão de dotar-se de algumas estratégias para persuadir os progenitores para acederem às suas vontades (tabela 15). A estratégia comunicacional mais usada para ambos os sexos

²⁴ Adolescente feminino nº16;

²⁵ Adolescente masculino nº15

²⁶ Adolescente feminino nº26

²⁷ Adolescente masculino – amostra de 15 elementos, responderam não.

é insistir (61% sexo feminino e 69% sexo masculino). De acordo com estes valores pode-se considerar através do apuramento de alguns testemunhos dos jovens, “*insisto muitas vezes até os vencer pelo cansaço*” (sic) ²⁸, “*insistir muito... tento vencer pelo cansaço, mas nem sempre resulta*” (sic) ²⁹ e “*eu às vezes insisto porque eu sou um pouco teimosa*” (sic) ³⁰.

Foi também possível apurar qualitativamente, que maioritariamente das famílias em estudo demonstram flexibilidade (46%) perante a insistência dos seus filhos. Estes valores foram estimados tendo em conta as afirmações dos filhos perante a flexibilidade ou inflexibilidade dos seus progenitores, “*insisto e normalmente há flexibilidade*” (sic) ³¹, “*há sempre flexibilidade*” (sic) ³², “*sim, insisto e tento amolecer-lhes o coração, às vezes também choro. E sim costuma haver flexibilidade por parte dos pais*” (sic) ³³ e “*tento levá-los ao riso, que é mais fácil convencê-los*” (sic) ³⁴.

Tabela 16 – Questão nº 8 De que forma os teus pais costumam fazer-te as vontades? Fazer Trocas ou Negociar (indicar tipo de estratégia após reposta do participante).

Sexo	Estrutura Familiar	Estratégia	Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
			N	%	N	%
F	Ambas	Ambas	10	19%	0	0%
M	Ambas	Ambas	6	19%	1	3%
F	Fazer trocas	Fazer trocas	6	11%	1	2%
M	Fazer trocas	Fazer trocas	6	19%	2	6%
F	Negociar	Negociar	18	34%	1	2%
M	Negociar	Negociar	9	28%	1	3%
F	Apostar	Apostar	0	0%	0	0%
M	Apostar	Apostar	1	3%	0	0%
F	Não utiliza estratégias	Não utiliza estratégias	6	11%	4	8%
M	Não utiliza estratégias	Não utiliza estratégias	3	9%	1	3%
	Nulo	Nulo	9	11%	-	-

²⁸ Adolescente masculino nº30

²⁹ Adolescente feminino nº40

³⁰ Adolescente feminino nº37

³¹ Adolescente masculino nº29

³² Adolescente masculino nº56

³³ Adolescente feminino nº74

³⁴ Adolescente feminino nº60

A questão colocada na tabela 16 subentende, que para alcançarem e satisfazerem as suas vontades, as estratégias usadas são bastante diversificadas, havendo respostas compatíveis; na estratégia negociar há significância para ambos os sexos (36% sexo feminino e 31% sexo masculino), podendo-se apurar através das afirmações “às vezes negociamos para conseguir aquilo que quero” (sic)³⁵, “sempre que me porto bem e obedeco às regras. tento negociar com eles” (sic)³⁶, “tentam negociar comigo” (sic)³⁷ e “depende se tiver cuidado, consigo negociar” (sic)³⁸.

Na categoria – ambas, que abrange – trocar e negociar, as escolhas dos jovens são unânimes (19% feminino e 22% masculino); estes padrões foram expressos através de afirmações como “às vezes negociamos, e por vezes fazemos trocas, eu faço o que eles querem e eles fazem o que eu quero” (sic)³⁹ e “fazer trocas e negociar” (sic)⁴⁰.

No sexo masculino (25%) pode-se ainda destacar a estratégia – só fazer trocas, através de algumas das suas afirmações, “fazendo trocas / objetivos definem objetivos que tenho de atingir”⁴¹ e “através de trocas” (sic)⁴².

Nesta sequência, e com alguma significância, os jovens expressam ainda não utilizar qualquer tipo de estratégia para os progenitores acederem às suas vontades (19% feminino e 12% masculino), aferindo estes valores com as suas afirmações “a minha mãe tenta me fazer todas as vontades possíveis, raramente fazemos trocas ou chantagens” (sic)⁴³ e “não fazem nada disso, não é preciso” (sic)⁴⁴.

³⁵ Adolescente feminino nº20

³⁶ Adolescente feminino nº51

³⁷ Adolescente masculino nº61

³⁸ Adolescente feminino nº74

³⁹ Adolescente masculino nº30

⁴⁰ Adolescente feminino nº60

⁴¹ Adolescente masculino nº15

⁴² Adolescente masculino nº18

⁴³ Adolescente feminino nº23

⁴⁴ Adolescente masculino nº58

Tabela 17 - Questão nº 9 Tens por hábito impor aos teus pais as tuas vontades? Que tipo de mecanismos / comportamento usas (indicar tipo de estratégias após reposta do participante).

Sexo	Estrutura Familiar Estratégia	Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
		N	%	N	%
F	Não imponho	17	32%	4	8%
M	Não imponho	14	44%	4	13%
F	Enfrentamento (argumentação)	3	6%	0	0%
M	Enfrentamento (argumentação)	0	0%	0	0%
F	Chantagem	3	6%	0	0%
M	Chantagem	0	0%	0	0%
F	Dar graxa	2	4%	0	0%
M	Dar graxa	0	0%	0	0%
F	Amuar	0	0%	0	0%
M	Amuar	1	3%	0	0%
F	Insistir	12	23%	2	4%
M	Insistir	4	13%	1	3%
F	Insistir e Argumentar	0	0%	0	0%
M	Insistir e Argumentar	1	3%	0	0%
F	Trocas	1	2%	0	0%
M	Trocas	1	3%	0	0%
F	Se um não deixar peço ao outro	0	0%	0	0%
M	Se um não deixar peço ao outro	1	3%	0	0%
F	Dar sugestões	0	0%	0	0%
M	Dar sugestões	1	3%	0	0%
F	Negociar	0	0%	0	0%
M	Negociar	1	3%	0	0%
	Nulo	12	14%	-	-

Na tabela 17 a estratégia mais utilizadas pelos jovens deste estudo nesta questão é - não impor as suas vontades (40% feminino e 57% masculino), verificando-se conforme as suas afirmações, “*não, nunca quero mandar na opinião deles... é superior*” (sic)⁴⁵, “*Faço tudo o que os meus pais me mandam*” (sic)⁴⁶, “*de todo... quando não deixam, é chato e muitas vezes não tem sentido, mas temos de nos aguentar*” (sic)⁴⁷ e “*não, quando lhes peço alguma coisa tenho uma resposta e só tenho de a aceitar, bem ou mal*” (sic)⁴⁸.

⁴⁵ Adolescente masculino nº5

⁴⁶ Adolescente masculino nº67

⁴⁷ Adolescente feminino nº19

⁴⁸ Adolescente masculino nº68

Nesta questão também os valores obtidos na estratégia - insistir mantém-se significativos (27% feminino e 16% masculino), estando em concordância com valores já referenciados em questões precedentes (número 7).

Resultados explicativos do 3º eixo temático (guião)

Na representação do 3º eixo temático, que comporta 3 perguntas (tabelas 18, 19 e 20) pode-se apurar os seguintes elementos:

Tabela 18 - Questão nº 10 Com qual dos 2 (pai ou mãe) habitualmente pedes dinheiro, a quem pedes permissão para sair e qual é aquele que pedes conselhos?

Sexo	Estrutura Familiar		Nuclear / Alargada / Reconstruída	Divórcio / Uniparental	TT
	Categoria	Estratégia	N	N	
F	-	Não pede nada	0	0	0
M	-	Não pede nada	0	1	1
F	Ambos	DPC	8	0	8
M	Ambos	DPC	7	0	7
F	Ambos	Conselhos	3	0	3
M	Ambos	Conselhos	2	0	2
F	Ambos	Dinheiro / Conselhos	1	0	1
M	Ambos	Dinheiro / Conselhos	0	0	0
F	Ambos	Dinheiro	1	2	3
M	Ambos	Dinheiro	0	0	0
F	Ambos	Dinheiro / Permissão	4	1	5
M	Ambos	Dinheiro / Permissão	0	0	0
F	Ambos	Permissão	4	1	5
M	Ambos	Permissão	3	0	3
F	Ambos	Permissão / Conselhos	0	0	0
M	Ambos	Permissão / Conselhos	1	0	1
F	Mãe	DPC	10	2	12
M	Mãe	DPC	10	5	15
F	Mãe	Conselhos	10	0	10
M	Mãe	Conselhos	4	4	8
F	Mãe	Dinheiro / Conselhos	1	0	1
M	Mãe	Dinheiro / Conselhos	0	0	0
F	Mãe	Dinheiro	1	0	1
M	Mãe	Dinheiro	2	0	2
F	Mãe	Dinheiro / Permissão	0	1	1
M	Mãe	Dinheiro / Permissão	2	0	2
F	Mãe	Permissão	3	0	3
M	Mãe	Permissão	0	0	0
F	Mãe	Permissão / Conselhos	2	2	4
M	Mãe	Permissão / Conselhos	0	0	0
F	Pai	DPC	1	0	1
M	Pai	DPC	2	0	2
F	Pai	Conselhos	0	2	2
M	Pai	Conselhos	1	0	1

Sexo	Estrutura Familiar		Nuclear / Alargada / Reconstruída	Divórcio / Uniparental	TT
	Categoria	Estratégia	N	N	
F	Pai	Dinheiro / Conselhos	2	0	2
M	Pai	Dinheiro / Conselhos	0	0	0
F	Pai	Dinheiro	3	1	4
M	Pai	Dinheiro	3	0	3
F	Outros Familiares	Conselhos	2	1	3
M	Outros Familiares	Conselhos	0	0	0
F	Amigos	Conselhos	1	0	1
M	Amigos	Conselhos	0	0	0
		Nulo	9	-	

Nota: DPC (dinheiro, permissão e conselhos)

Resultante da diversificação nas respostas dadas pelos jovens nesta questão (tabela 18), não foi possível quantificar percentagens sobre as respostas dadas, podendo apenas assumir-se que se destacaram as categorias - Ambos = Dinheiro / Permissão / Conselhos (n=8 feminino; n=7 masculino), com relatos dos jovens que aferem esta escolha, “peço aos dois ao mesmo tempo, para que não haja problema entre os dois” (sic)⁴⁹ e “pai ou mãe peço as mesmas coisas aos dois” (sic)⁵⁰.

Na categoria - Mãe = Dinheiro / Permissão / Conselhos (n=12 feminino; n=15 masculino) e - Mãe = Conselhos (n=10 feminino; n=8 masculino). Incide o papel da mãe com maior significância nesta amostragem em todos os critérios selecionados para esta questão: dinheiro, permissão e conselhos. As afirmações nesta escolha são fundamentadas, pelos testemunhos dos jovens, “mãe, por ser com quem tenho mais hipóteses” (sic)⁵¹, “peço as três coisas à minha mãe” (sic)⁵², “eu recebo mesada, e costumo pedir mais à minha mãe para sair e para dar conselhos” (sic)⁵³ e “Costumo pedir tudo à minha mãe pois é mais compreensiva” (sic)⁵⁴.

⁴⁹ Adolescente feminino n°7

⁵⁰ Adolescente masculino n°80

⁵¹ Adolescente masculino n°68

⁵² Adolescente masculino n°58

⁵³ Adolescente feminino n°28

⁵⁴ Adolescente feminino n°26

Tabela 19 - Questão nº 11 Para além do pai e da mãe há algum elemento na família com que estejas mais à vontade para falar sobre temas desagradáveis?

Estrutura Familiar		Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
Sexo	Estratégia	N	%	N	%
F	Todos os membros do Microsistema	0	0%	0	0%
M	Todos os membros do Microsistema	1	3%	0	0%
F	Mãe	1	2%	1	2%
M	Mãe	0	0%	0	0%
F	Avós	10	19%	1	2%
M	Avó	6	19%	0	0%
F	Irmãos	10	19%	0	0%
M	Irmãos	6	19%	2	6%
F	Primos	1	2%	1	2%
M	Primos	1	3%	0	0%
F	Tios	5	9%	1	2%
M	Tios	1	3%	0	0%
F	Madrasta / Padrasto	2	4%	1	2%
M	Madrasta / Padrasto	0	0%	2	6%
F	Amigos	1	2%	0	0%
M	Amigos	0	0%	0	0%
F	Não falo com ninguém	10	19%	3	6%
M	Não falo com ninguém	7	22%	1	3%
F	Animal doméstico - Gata	0	0%	0	0%
M	Animal doméstico - Gata	1	3%	0	0%
F	Outros (sim)	2	4%	0	0%
M	Outros (sim)	0	0%	0	0%
	Nulo	7	13%	0	0%

Na tabela 19 é representado, qual ou quais os elementos, que os jovens identificam (para além dos progenitores-cuidadores), para conversar sobre assuntos desagradáveis, destacam a categoria - avós (21% feminino; 19% masculino), e irmãos (19% feminino; 25% masculino). Estes dados foram apurados quantitativamente tendo em consideração os relatos dos jovens, “*avó materna*” (sic) ⁵⁵, “*com os avós*” (sic) ⁵⁶, “*sim, com a minha avó materna, especialmente*” (sic) ⁵⁷, “*os avós*” (sic) ⁵⁸, “*o meu irmão... praticamente sabe tudo sobre mim, infelizmente*” (sic) ⁵⁹ e “*a minha irmã mais velha*” (sic) ⁶⁰.

⁵⁵ Adolescente feminino nº16

⁵⁶ Adolescente masculino nº52

⁵⁷ Adolescente feminino nº19

⁵⁸ Adolescente masculino nº18

⁵⁹ Adolescente masculino nº59

⁶⁰ Adolescente feminino nº12

Identifica-se igualmente uma percentagem congruente e significativa nos jovens que escolheram a categoria – Não falo com ninguém (25% feminino; 15% masculino), em que a resposta foi expressa apenas pela palavra “*não*” (sic).

Tabela 20 - Questão nº 12 *Quem é o teu aliado em casa?*

Estrutura Familiar		Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
Sexo	Estratégia	N	%	N	%
F	O próprio	0	0%	1	2%
M	O próprio	0	0%	0	0%
F	Ambos (pai e mãe)	5	9%	0	0%
M	Ambos (pai e mãe)	4	8%	0	0%
F	Mãe	14	26%	3	6%
M	Mãe	4	8%	3	6%
F	Pai	6	11%	0	0%
M	Pai	7	13%	1	2%
F	Irmãos	9	17%	1	2%
M	Irmãos	6	11%	1	2%
F	Animal doméstico - Gata	1	2%	0	0%
M	Animal doméstico - Gata	2	4%	0	0%
F	Ninguém	5	9%	3	6%
M	Ninguém	2	4%	0	0%
	Nulo	7	13%	-	0%

Como colaborador ativo para mediar a relação comunicacional dentro da estrutura familiar (tabela 20), o elemento com maior significância é representado pela – figura materna (32% feminino; 14% masculino), podendo-se averiguar pelas respostas dos filhos, em que maioritariamente respondem “*mãe*” (sic); de imediato evidencia-se a escolha para a categoria – irmãos (19% feminino; 13% masculino), sendo manifestado através da entrevista dada pelos jovens, “*talvez o meu irmão, dependendo do dia*” (sic)⁶¹, “*todos, mas acho que a minha irmã me percebe melhor em determinados assuntos*” (sic)⁶², “*a minha irmã mais velha*” (sic)⁶³ e “*o meu irmão mais novo*” (sic)⁶⁴. Porém ressaltar

⁶¹ Adolescente feminino nº10

⁶² Adolescente feminino nº35

⁶³ Adolescente masculino nº12

⁶⁴ Adolescente masculino nº17

que para os jovens do sexo masculino, o pai é igualmente representativo (15%), sendo qualitativamente expresso como “pai” (sic).

Resultados explicativos da questão aleatória (guião)

Tabela 21 - Questão nº 13 A comunicação flui por outros meios de comunicação (Meios Tecnológicos, recados, outros...)?

Sexo	Estrutura Familiar		Nuclear / Alargada / Reconstruída		Divórcio / Uniparental	
	Estratégia		N	%	N	%
F	Não		9	17%	1	2%
M	Não		6	19%	1	3%
F	Sim		25	47%	4	8%
M	Sim		14	44%	4	13%
F	Sim e Não		0	0%	0	0%
M	Sim e Não		2	6%	0	0%
F	Mensagens		1	2%	1	2%
M	Mensagens		2	6%	0	0%
F	Telemóvel / Recados em Papel		4	8%	1	2%
M	Telemóvel / Recados em Papel		1	3%	0	0%
	Nulo		9	11%	-	-

No final destacou-se a pergunta aleatória a maioria dos jovens (55% feminino; 57% masculino) expressa que transmite tanto informações agradáveis ou desagradáveis por este canal de comunicação, se assim se justificar. Não foi possível nesta questão retirar o conteúdo necessário para o estudo, que consistia em perceber se os meios de comunicação tecnológicos seriam utilizados em substituição da comunicação direta com os pais, perante assuntos desagradáveis (tabela 21).

Resultados descritivos das variáveis em estudo

Em referência aos objetivos em estudo, averiguou-se quais as diferenças das dimensões na diáde comunicacional em função da variável, sexo dos jovens e dos progenitores, atendendo à disponibilidade comunicacional percebida entre os sexos (filhos) no confiar e partilhar de temas que possam levar a discrepâncias junto dos seus progenitores.

Tabela 22 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável, sexo (adolescentes) em relação ao pai e mãe.

Fatores COMPA-A (Adolescentes)	Feminino (N=53)	Masculino (N=32)	U	p
	Ordem média			
Disponibilidade parental para a comunicação (pai_f1)	37.48	52.14	555.5	.008*
Partilha / Confiança de filhos para pais (pai_f2)	37.3	52.44	546	.006*
Expressão afetiva/suporte emocional (pai_f3)	40.76	46.7	729.5	0.28
Metacomunicação (pai_f4)	38.39	50.64	603.5	.026*
Padrão comunicacional negativo (pai_f5)	36.35	51.17	522.5	.006*
Disponibilidade parental para a comunicação (mãe_f1)	41.18	46.02	751.5	0.381
Partilha / Confiança de filhos para pais (mãe_f2)	42.08	44.52	799.5	0.659
Expressão afetiva/suporte emocional (mãe_f3)	40.19	47.66	699	0.171
Metacomunicação (mãe_f4)	40.26	47.53	703	0.187
Padrão comunicacional negativo (mãe_f5)	38.94	48.28	647	0.085

Nota: * p < .05

Podemos observar que na tabela 22, que compreende quais as percepções dos filhos em relação à disponibilidade comunicacional dos seus progenitores, em função do sexo dos adolescentes, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão que compreende a disponibilidade parental paterna para a comunicação (U=555.5, p=0.008). Sendo assim, os jovens participantes do sexo masculino (M=52.14) identificam maior disponibilidade, em relação ao pai para comunicar com eles. Verificou-se ainda diferenças estatisticamente significativas na dimensão metacomunicação (U=605.50; p=0.026), sendo que os jovens do sexo masculino (M=50.64; DP=0.58) reportaram de igual modo haver uma melhor metacomunicação em relação ao progenitor pai.

Igualmente pode-se constatar que existem diferenças significativas na dimensão partilha / confiança de filhos para pais (U=546.0, p=0.006). Maioritariamente os jovens do sexo masculino confiam mais na figura paterna na partilham de assuntos problemáticos (M=52.44), comparativamente quando relacionado com à mãe (M=44.52). Deste modo, os filhos do sexo masculino sugerem ter uma relação de maior proximidade

comunicacional com o pai em assuntos confidenciais, em oposição aos filhos do sexo feminino (M=37.30).

Observou-se também que nos valores relacionados com a dimensão padrão comunicacional negativo, existem diferenças significativas. Verificou-se que os valores apresentados pelos jovens do sexo masculino (M=51.17), apresentam valores elevados quando relacionados com o progenitor pai (U=522.5, p=0.006), e inclusive, refletem valores ligeiramente significativos (U=647.0, p=0.085) na mesma dimensão, quando relacionados com a progenitora mãe (M=48.28). Sendo assim, a percepção dos jovens do sexo masculino, dão a entender que há uma maior propensão nas condutas comunicacionais mais desadequadas, em relação a ambos os progenitores.

Tabela 23 - Distribuição das dimensões da escala COMPA-P em função da variável, sexo (progenitores) em relação ao filho(a)

Fatores COMPA-P (Progenitores)	Mãe (n=68)	Pai (n=15)	U	p
	Ordem média			
Expressão afetiva/suporte emocional (f1)	43.81	33.80	387.0	.144
Disponibilidade parental para a comunicação (f2)	42.75	35.90	418.5	.312
Metacomunicação (f3)	42.67	38.97	464.5	.588
Partilha / Confiança de pais para filhos (f4)	43.13	36.87	433.0	.360
Partilha / Confiança de filhos para pais (f5)	43.03	37.33	440.0	.404

Nota: * p < .05

Em relação às figuras paternas, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na percepção da comunicação parento-filial em função do sexo dos progenitores (tabela 23).

Em destaque nas tabelas 24 e 25, analisou-se em função da variável idade quais as percepções dos filhos na comunicação parento-filial à medida que a idade avança.

Tabela 24 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável idade (adolescentes) em relação ao pai.

Fatores COMPA-A (Adolescentes)	n=11	n=30	n=9	n=12	n=11	n=12		
Idade	11	12	13	14	15	16	X ²	p
Disponibilidade parental para a comunicação (pai_f1)	39.05	47.30	51.78	35.96	41.05	38.13	3.85	.571
Partilha / Confiança de filhos para pais (pai_f2)	45.86	49.03	53.22	34.33	32.27	36.13	8.00	.156
Expressão afetiva/suporte emocional (pai_f3)	51.95	45.63	63.28	30.46	38.18	29.96	14.88	.011*
Metacomunicação (pai_f4)	47.95	39.80	52.72	39.08	46.55	39.83	3.08	.687
Padrão comunicacional negativo (pai_f5)	56.00	47.63	39.81	27.21	38.73	35.50	10.86	.054*

Nota: * p < .05

Tabela 25 - Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável idade (adolescentes) em relação à mãe.

Fatores COMPA-A (Adolescentes)	n=11	n=30	n=9	n=12	n=11	n=12		
Idade	11	12	13	14	15	16	X ²	p
Disponibilidade parental para a comunicação (mãe_f1)	44.91	42.03	56.72	39.79	37.23	41.88	3.74	.588
Partilha / Confiança de filhos para pais (mãe_f2)	46.18	49.88	50.94	34.67	37.68	30.13	8.63	.125
Expressão afetiva/suporte emocional (mãe_f3)	49.55	47.07	58.17	32.08	37.64	31.29	10.81	.055*
Metacomunicação (mãe_f4)	44.27	41.85	51.94	36.21	43.73	44.13	2.23	.816
Padrão comunicacional negativo (mãe_f5)	51.59	48.35	49.17	29.68	35.55	32.67	10.02	.075

Nota: * p < .05

Na escala compa-a, verifica-se homogeneidade na existência de diferenças significativas na faixa etária dos 13 anos, em ambos os sexos dos adolescentes, nas dimensões expressão afetiva/suporte emocional e padrão comunicacional negativo, respetivamente, quando comparado em relação ao pai (tabela 24) e à mãe (tabela 25). Sendo assim, os jovens na faixa etária dos 13 anos (pai-M=63.28; mãe-M=58.17), tem maior perceção da expressão afetiva/suporte emocional (pai-X²=14.88; p=0.011; mãe-X²=10.81; p=0.055) transmitida por ambos os progenitores.

Na dimensão padrão comunicacional negativo (pai-X²=10.86; p=0.054), a perceção por parte dos jovens na faixa etária dos 11 anos (M=56) apresenta maiores dificuldades em dialogar com o progenitor pai, gerando condutas mais conflituosas no processo comunicacional parento-filial (tabela 24).

Tabela 26 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-P em função da variável idade (pais) em relação ao filho(a)

Fatores COMPA-P (Progenitores)	n=11	n=30	n=9	n=12	n=11	n=12		
Idade Adolescentes	11	12	13	14	15	16	X ²	p
Expressão afetiva/suporte emocional (f1)	54.73	41.00	62.44	35.08	34.59	38.29	11.313	.046*
Disponibilidade parental para comunicação (f2)	48.36	36.33	46.61	46.73	35.55	44.73	4.120	.532
Metacomunicação (f3)	46.45	38.95	54.00	39.75	39.86	47.83	3.692	.595
Partilha / Confiança de pais para filhos (f4)	37.14	41.97	56.94	31.58	36.32	58.04	11.493	.042*
Partilha / Confiança de filhos para pais (f5)	49.45	39.85	55.22	46.17	32.27	42.46	5.800	.326

Nota: * p < .05

Na tabela 26 e de forma similar na escala parental (compa-p), em relação aos progenitores (pai-mãe), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão análoga, expressão afetiva/suporte emocional ($X^2=11.31$; $p=0.046$), na mesma faixa etária dos 13 anos ($M=62.44$). Sendo assim, identifica-se uma maior percepção dos pais na afetividade e partilha de problemas na comunicação, sendo similar à percepção transmitida pelos seus filhos.

Esta dimensão afere os valores que englobam a dimensão partilha / confiança de pais para filhos ($X^2=11.49$; $p=0.042$), em que os jovens na faixa etária dos 16 anos ($M=58.04$), usufruem de maior partilha e confiança por parte dos seus progenitores.

Respeitante ao quarto objetivo, que compreende se as variáveis sociodemográficas – escolaridade, situação profissional e estrutura familiar dos intervenientes da amostra, interferem na relação comunicacional entre progenitores e filhos.

Tabela 27 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável escolaridade (pais) em relação à mãe

Fatores COMPA-A (Adolescentes)	Até ao 9º ano n=3	Até ao 12º ano n=30	Curso Superior n=48	X ²	p
	Ordem média				
Disponibilidade parental para a comunicação (mãe_f1)	32.17	37.57	45.25	2.431	.297
Confiança / Partilha de filhos para progenitores (mãe_f2)	39.33	38.33	44.36	1.215	.545
Expressão afetiva/suporte emocional (mãe_f3)	57.00	33.52	46.19	6.553	.038*
Metacomunicação (mãe_f4)	44.17	34.48	46.38	4.619	.099
Padrão comunicacional negativo (mãe_f5)	61.83	29.48	47.61	13.322	.001*

Nota: * p < .05

Na tabela 27, pode observar-se diferenças ligeiramente significativas na dimensão (mãe_f3_compaA) expressão afetiva/suporte emocional ($X^2=6.553$; $p=0.038$), em que a percepção dos jovens em relação as progenitoras com escolaridade até ao 9º ano ($M=57.00$), manifestam maior disponibilidade nesta dimensão, contudo pelo número reduzido da amostra ($n=3$) nesta categoria, possivelmente, possa-se aferir que as mães com curso superior ($M=46.19$), serão percecionadas pelos filhos como tendo maior expressividade afetiva e por conseguinte proporcionam maior apoio emocional.

Verificou-se ainda diferenças estatisticamente significativas na dimensão (mãe_f5_compaA) padrão comunicacional negativo ($X^2=13.322$; $p=0.001$), sendo que os participantes (mães) com escolaridade até ao 9º ano ($M=61.83$) reportaram maiores padrões comunicacionais negativos, tendo em conta a percepção dos seus filhos; contudo, se analisarmos de forma idêntica como na dimensão anterior que a amostra até ao 9º ano ($n=3$) é reduzida, as diferenças mais significativas destacam-se nas mães com curso superior ($M=47.61$).

Tabela 28 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável escolaridade (pais) em relação ao pai

Fatores COMPA-A (Adolescentes)	Até ao 9º ano n=7	Até ao 12º ano n=37 Ordem média	Curso Superior n=30	X2	p
Disponibilidade parental para a comunicação (pai_f1)	41.79	37.86	36.05	.426	.808
Confiança / Partilha de filhos para progenitores (pai_f2)	33.21	39.82	35.63	.941	.625
Expressão afetiva/suporte emocional (pai_f3)	38.50	38.38	36.18	.191	.909
Metacomunicação (pai_f4)	38.57	36.82	38.08	.076	.963
Padrão comunicacional negativo (pai_f5)	29.43	41.30	34.70	2.698	.259

Nota: * $p < .05$

Averiguando os valores obtidos na tabela 28, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas no processo comunicacional por parte dos jovens quando relacionado a escolaridade com a figura paterna.

Tabela 29 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável situação profissional (pais) em relação à mãe

Fatores COMPA-A (Adolescentes)	Empregado	Desempregado	X ²	p
	n=81	n=2		
	Ordem média			
Disponibilidade parental para a comunicação (mãe_f1)	41.76	73.00	3.213	.073
Confiança / Partilha de filhos para progenitores (mãe_f2)	41.94	65.50	1.829	.176
Expressão afetiva/suporte emocional (mãe_f3)	41.95	65.25	1.826	.177
Metacomunicação (mãe_f4)	41.70	75.25	3.714	.054*
Padrão comunicacional negativo (mãe_f5)	41.28	71.00	3.030	.082

Nota: * p < .05

Associado à variável situação profissional, na tabela 29, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na dimensão (mãe_f4_compaA) metacomunicação, ($X^2=3.714$, $p=0.054$) quando relacionada com a **profissão** da mãe. Sendo que progenitoras desempregadas ($M=75.25$) reportaram maior disponibilidade, mediante a percepção dos filhos na metacomunicação.

Em relação à situação profissional (pai), todos os pais se encontravam na categoria empregados, sendo que não foi possível apurar diferenças significativas.

Tabela 30 – Distribuição das dimensões da escala COMPA-A em função da variável estrutura familiar (pais) em relação ao pai e mãe

Fatores COMPA-A (Adolescentes)	Nucl	Alarg	Div / Sep	Reconst.	Unipar.	X ²	p
	n=63	n=5	n=11	n=5	n=1		
	Ordem média						
Disponibilidade parental para a comunicação (pai_f1)	46.88	48.10	36.82	10.80	2.00	13.757	.008*
Confiança / Partilha de filhos para progenitores (pai_f2)	46.89	50.70	35.45	10.80	3.50	14.201	.007*
Expressão afetiva/suporte emocional (pai_f3)	46.11	45.90	40.00	15.90	1.00	10.258	.036*
Metacomunicação (pai_f4)	45.66	57.70	39.27	10.90	3.50	13.833	.008*
Padrão comunicacional negativo (pai_f5)	42.85	63.80	39.30	18.38	1.00	11.222	.024*
Disponibilidade parental para a comunicação (mãe_f1)	44.59	44.70	32.00	41.30	64.00	3.228	.520
Confiança / Partilha de filhos para progenitores (mãe_f2)	45.41	50.70	29.64	28.30	73.00	7.594	.108
Expressão afetiva/suporte emocional (mãe_f3)	44.40	54.10	35.23	33.80	30.50	3.337	.503
Metacomunicação (mãe_f4)	43.59	57.60	31.77	39.60	73.50	5.715	.221
Padrão comunicacional negativo (mãe_f5)	42.67	61.70	35.10	32.50	60.00	5.490	.241

Nota: * p < .05

Na integração da variável estrutura familiar (tabela 30), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as dimensões relacionadas com o progenitor pai. Deste modo, na dimensão (pai_f1_compaA) disponibilidade parental para a comunicação, ($X^2=13.757$, $p=0.008$), os jovens com famílias alargadas reportaram maior disponibilidade por parte do progenitor (pai) para comunicar com os filhos, bem como, nas dimensões que aferem a confiança/partilha de filhos para progenitores ($X^2=14.201$, $p=0.007$) e na metacomunicação ($X^2=13.833$, $p=0.008$).

Verificou-se ainda diferenças estatisticamente significativas na dimensão (pai_f3_compaA) expressão afetiva/suporte emocional ($X^2=10.258$; $p=0.036$), sendo que os jovens que provêm de famílias nucleares, percebem mais afetividade e apoio emocional, na relação junto do pai. Verificou-se ainda diferenças significativas na dimensão (pai_f5_compaA) padrão comunicacional negativo ($X^2=11.222$; $p=0.024$). Sendo que os jovens com famílias alargadas ($M=63.80$) e famílias nucleares ($M=42.85$) apresentam maior padrão comunicacional negativo, em relação ao progenitor pai.

Não se averiguaram diferenças significativas na variável estrutura familiar em relação à mãe.

Associação entre dimensões das escalas COMPA-P (versão pais) e COMPA-A (versão adolescentes)

Na sequência dos objetivos em estudo e após comparação de médias das variáveis em estudo em função das características sociodemográficas dos adolescentes e dos seus progenitores, procurou-se analisar a correlação existente entre as dimensões que avaliam a comunicação da parentalidade segundo a percepção dos mesmos.

Tabela 31 – Estudo da associação entre dimensões na percepção dos adolescentes e da figura paterna, relativamente às dimensões na comunicação da parentalidade

	EASE	DPC	M	PCPF	PCFP	DPC_ Pai	PCFP_ Pai	EASE_ Pai	M_ Pai	PCN_ Pai
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1.EASE	-									
2.DPC	,615**	-								
3.M	,556**	,490**	-							
4.PCPF	,487**	,384**	,556**	-						
5.PCFP	,551**	,513**	,491**	,554**	-					
6.DPC_Pai	,289**	,355**	,290**	.163	.056	-				
7.PCFP_Pai	,239*	,289**	,232*	.135	.171	,776**	-			
8.EASE_Pai	,462**	,299**	.193	.085	.128	,633**	,579**	-		
9.M_Pai	,278**	,441**	,250*	.131	.190	,703**	,687**	,538**	-	
10.PCN_Pai	,251*	,292**	,237*	.100	.007	,605**	,666**	,559**	,610**	-

Nota: EASE = Expressão afetiva/suporte emocional (progenitores); DPC = Disponibilidade parental para a comunicação (progenitores); M = Metacomunicação (progenitores); PCPF = Partilha/confiança de progenitores para filhos (progenitores); PCFP = Partilha/confiança de filhos para progenitores (progenitores); DPC_Pai = Disponibilidade parental para a comunicação (pai); PCPF_Pai = Partilha/confiança de progenitores para filhos (pai); EASE_Pai = Expressão afetiva/suporte emocional (pai); M_Pai = Metacomunicação (pai); PCFP_Pai = Padrão comunicacional negativo (pai); *p < 0.05; **p < 0.001

Assim, num primeiro momento foi avaliada a correlação existente entre a percepção dos adolescentes e dos pais, tendo-se verificado que a maior correlação decorre entre a percepção sobre a dimensão expressão afetiva/suporte emocional dos progenitores (f1_compaP) e a percepção sobre a expressão afetiva/suporte emocional dos adolescentes (f3_compaA_pai) em relação ao pai ($\rho = 0.462$), o que sugere que quanto mais elevada é a percepção dos progenitores acerca do afeto/suporte emocional que dão aos filhos, melhor é a percepção dos filhos sobre a eficiência e disponibilidade da expressão afetiva/suporte emocional na comunicação (tabela 31).

Também se verifica uma boa correlação relacionando à percepção da disponibilidade parental por parte dos progenitores e a percepção da metacomunicação em relação ao pai ($\rho = 0.441$), o que sugere quanto melhor for a disponibilidade parental para a comunicação, maior será a percepção e eficácia dos filhos em metacomunicar de forma clara e aberta.

Tabela 32 - Estudo da associação entre dimensões na percepção dos adolescentes e da figura materna, relativamente às dimensões na comunicação da parentalidade

	EASE	DPC	M	PCPF	PCFP	DPC_ Mãe	PCFP_ Mãe	EASE_ Mãe	M_ Mãe	PCN_ Mãe
1.EASE	-									
2.DPC	,615**	-								
3.M	,556**	,490**	-							
4.PCPF	,487**	,384**	,556**	-						
5.PCFP	,551**	,513**	,491**	,554**	-					
6.DPC_Mãe	,468**	,499**	,366**	,313**	,336**	-				
7.PCFP_Mãe	,313**	,270*	,334**	,226*	,372**	,485**	-			
8.EASE_Mãe	,626**	,429**	,216*	.136	,338**	,590**	,578**	-		
9.M_Mãe	,403**	,580**	,383**	,356**	,425**	,771**	,569**	,565**	-	
10.PCN_Mãe	,327**	,321**	.127	.144	.189	,470**	,472**	,444**	,555**	-

Nota: EASE = Expressão afetiva/suporte emocional (progenitores); DPC = Disponibilidade parental para a comunicação (progenitores); M = Metacomunicação (progenitores); PCPF = Partilha/confiança de progenitores para filhos (progenitores); PCFP = Partilha/confiança de filhos para progenitores (progenitores); DPC_Mãe = Disponibilidade parental para a comunicação (mãe); PCFP_Mãe = Partilha/confiança de progenitores para filhos (mãe); EASE_Mãe = Expressão afetiva/suporte emocional (mãe); M_Mãe = Metacomunicação (mãe); PCFP_Mãe = Padrão comunicacional negativo (mãe); *p < 0.05; **p < 0.001

Seguidamente, procedeu-se na averiguação da correlação entre a perspetiva dos adolescentes e das suas mães relativamente às mesmas variáveis e constatou-se que os resultados são homogéneos (tabela 32).

A correlação mais elevada é efetivamente a que ocorre entre a percepção sobre expressão afetiva/suporte emocional dos progenitores (f1_compaP) e percepção igualmente sobre a expressão afetiva/suporte emocional dos adolescentes (f3_compaA_mãe) em relação à mãe ($\rho = 0.626$).

De forma semelhante, também há uma correlação forte e positiva quando relacionada a percepção da disponibilidade parental por parte dos progenitores e a percepção da metacomunicação em relação à mãe ($\rho = 0.580$), o que sugere quanto melhor for a disponibilidade parental para a comunicação, maior será a percepção e eficácia dos filhos em metacomunicar de forma clara e aberta com a sua progenitora.

Foi ainda possível constatar que a correlação existente entre a percepção dos progenitores e a percepção dos jovens em relação à figura materna é mais elevada do que a que ocorre em relação à figura paterna

Resultado do estudo das variáveis preditoras

Tabela 33 - Recodificação das variáveis preditoras

Variáveis preditoras	0 (zero)	1 (um)
Sexo	Masculino	Feminino
Estrutura Familiar	Não	Sim
Existência de irmãos	Não	Sim

Foram ainda realizadas análises de regressão múltipla pelo método *Inserir*, que permitem avaliar a contribuição de cada variável independente para a explicação da variável dependente. Importa referir que as variáveis foram transformadas em *dummy* para facilitar a sua leitura e poderem ser incluídas no estudo, como se pode verificar na tabela 33. Salienta-se, ainda, que as variáveis referentes à guarda parental não foram incluídas no estudo porque o número de respostas dadas foi muito reduzido (n=8) e como tal não eram representativas da amostra em estudo.

Tabela 34 - Variáveis explicativas da Comunicação da parentalidade (escala global)

Variáveis explicativas	Percepção dos residentes (β)	Sig.
Sexo	0.009	0.941
Idade	0.032	0.782
Estrutura familiar	0.045	0.714
Existência de irmãos	0.088	0.468
	R ² ajustado	0.039
	$F_{(4,77)}$	0.232

Os resultados obtidos permitem concluir que o modelo não é estatisticamente significativo [$F_{(4,77)} = 0.232$; $p = 0.919$] e que apenas 3.9% da variação da comunicação parental (R² ajustado = 0.039) é explicada pelas variáveis sociodemográficas, sexo, estrutura familiar e existência de irmãos, o que nos leva a concluir que estas variáveis não têm qualquer impacto na comunicação entre os progenitores e os seus filhos (tabela 34), neste estudo.

Discussão

No decorrer da vida, a família tende em moldar os indivíduos que nela estão inseridos e a comunicação familiar torna-se um elemento vital para o funcionamento, definição e organização, através de códigos próprios que a compõem como um sistema dinâmico e em constante variação.

Considerando que o principal objetivo foi estudar como se desenvolvem os processos comunicacionais dentro da família, considerando a percepção dos progenitores e dos seus filhos, a análise empírica possibilitou concluir que a dinâmica comunicacional é sentida de forma idêntica pelos participantes; ou seja, pode-se concluir que quase todas as dimensões avaliadas na relação paterno-filial identificam-se de forma positiva quando relacionadas com as percepções que pais e filhos têm na relação comunicacional, com exceção da confiança e partilha de filhos para pais onde não se observaram associações.

Assim sendo, os resultados expressos anteriormente, demonstraram que as percepções dos progenitores na expressão afetiva/apoio emocional e disponibilidade parental para a comunicação que proporcionam, efetiva-se positivamente e de forma idêntica nas percepções dos filhos na expressão afetiva/suporte emocional e por conseguinte na metacomunicação, dimensões estas que sugerem disponibilidade para uma comunicação de escuta ativa, clara, aberta e de confiança por parte dos seus progenitores, que permite a discussão e partilha responsiva de assuntos, bem como à possibilidade de responder às necessidades dos seus filhos. Pode-se destacar ainda que das estratégias comunicacionais mais utilizadas pelos jovens é a que envolve a categoria insistir, resultante da flexibilidade paternal testemunhada pelos jovens e que demonstra abertura por parte dos progenitores para o diálogo; esta conexão é sentida quando relacionado com as dimensões da disponibilidade parental para a comunicação e

expressão afetiva/apoio emocional; complementando, quanto maiores são as percepções dos progenitores no estabelecimento de um padrão comunicacional claro, aberto e flexível, maior será a eficácia no diálogo, partilha e expressão afetiva dos seus filhos.

Conforme se pode observar, os progenitores tendem em desempenhar o seu papel, quando, apoiados em valores já alicerçados, empregam mecanismos que contribuem para a sua evolução dotados sobretudo, de uma preocupação contínua em cuidar dos seus filhos procurando respeitar e compreender a personalidade sem deixar de incentivar e orientar (Santos, 2012).

Neste contexto, considera-se que o impacto da puberdade como período determinante nas percepções na relação parento-filial, seja temas diversos, seja no reajustamento de papéis, seja no processo comunicacional, em que uma comunicação assertiva vai possibilitar o desenvolvimento da autonomia do jovem e por conseguinte manter a disponibilidade e apoio afetivo que o microssistema tenciona preservar.

Após nota introdutiva e principiando pela análise que foi estruturada na identificação das estratégias de comunicação que são utilizadas pelos adolescentes junto dos seus progenitores, estudos indicam que o bem-estar, a autoestima e a uso de estratégias adotadas pelos jovens, são variáveis que participam diretamente numa comunicação eficaz (Jackson, Bijstra, Oostra & Bosma, 1998); nesta fase os filhos começam por seleccionar as informações que dão aos pais, originado pelo desenvolvimento e construção da autonomia e da independência (Hartos & Power, 2000).

Neste sentido o 1º eixo temático pode-se averiguar tal como na literatura, que os jovens escolhem sempre o momento mais oportuno para falar com os progenitores e respeitam sempre o estado de humor dos pais, pois quanto mais disponíveis e bem-dispostos os progenitores tiverem mais abertura e disponibilidade haverá na

comunicação. Os jovens conseguem desta maneira perceber e adequar as conversas com os pais de forma a conseguirem e alcançarem o seu propósito (Wagner et al., 2005); de alguma forma pode-se deduzir um encadeamento entre a percepção dos jovens sobre o humor dos pais e relacionar com o exossistema; por exemplo um incidente no local de trabalho de uma das figuras paterna, pode influenciar na percepção do jovem mesmo não sendo o elemento ativo, mas afetará um elemento do seu microsistema e por conseguinte na sua percepção comunicacional e relacional (Morgan et al., 1979).

Correspondendo ao 2º eixo, que de acordo com a literatura determina o desfecho esperado que possa levar ao conflito com os pais, e permite ao jovem adotar novas estratégias para mediar com o progenitor (Noller & Callan, 1991).

Das sete questões colocadas neste eixo, (1) na forma de falar com o progenitor quando o tema é importante ou adverso, foi selecionado pelos jovens em ambos os sexos, a forma devagar; (2) com o propósito de reverter uma decisão já definida pelos pais, a estratégia mais utilizada é a chantagem, nomeadamente através do choro e a argumentação; (3) na selecção de informações dirigidas aos pais, a categoria omissão é a mais escolhida na amostra, e de acordo com Zagury (1996), os pais naturalmente ficam surpresos quando se apercebem que os filhos nem sempre lhes contam tudo o que ocorre nas suas vivências, pois esta escolha é parte integrante do processo de independência (Hartos & Power, 2000); (4) na comparação com os outros, como forma de persuasão de obter permissão parental, a estratégia mais utilizada foi o insistir, (5) apesar dos jovens terem manifestado que os seus progenitores habitualmente são flexíveis, havendo correspondência com as afirmações dos autores sobre importância das famílias terem flexibilidade e que haja compreensão e tolerância para possibilitar mais uma vez a formação da autonomia (Carter & McGoldrick, 2001); (6) como propostas de negociação

para obtenção de algo, os jovens identificam o negociar e/ou trocas como forma de retribuição de favores; (7) no enfrentamento (argumentação), apesar da estratégia insistir ter sido a segunda opção mais escolhida, maioritariamente os jovens não impõem a sua vontade, expressando não haver necessidade pela flexibilidade dos pais. De acordo com os autores, as escolhas são corroboradas com o estudo, sendo a chantagem a mais escolhida quando envolve o propósito de comover e o insistir como argumentação racional (Wagner et al; 2005).

No 3º eixo, apresenta em 3 questões as figuras que são consideradas como aliadas e mediadoras no processo comunicacional, sendo habitualmente o membro com quem se identificam; neste sentido o elemento escolhido (1) com mais relevância é a figura materna, é a ela que os jovens recorrem quando associadas às 3 categorias - pedir permissão, conselhos e dinheiro, surgindo a figura paterna quando considerada a categoria – pedir dinheiro; (2) como elemento para além dos progenitores disponível para a comunicação surgem os avós e os irmãos; salientando que houve uma percentagem considerada elevada de jovens que expressaram não falar com ninguém, podendo subentender-se que uma parte desta escolha seja por não existir nenhum destes membros; (3) na escolha do aliado dentro do microssistema, o sexo feminino deu primazia à figura materna e o sexo masculino preferência à figura paterna.

Quando se relaciona os conteúdos das estratégias com o tema central deste estudo, encontram-se narrações que corroboram a teoria, nomeadamente quando comparado com o 1º eixo a escolha indicada para falar com os pais, que afere com a perceção que os filhos tem na perceção da disponibilidade parental para a confiança quando relacionada com os seus progenitores.

No 2º eixo pode-se relacionar similaridades quando as estratégias mais utilizadas correspondem à categoria insistir, apesar de uma boa percentagem confirmar que nem sempre é necessário pela flexibilidade dos progenitores; a perceção dos jovens é comparável aos resultados expressos nas dimensões expressão dos afetos / apoio emocional e dimensão metacomunicação, em relação aos progenitores, quando estes apresentam flexibilidade e apoio nas decisões argumentativas dos jovens.

No 3º eixo, houve resultados contraditórios quando comparado com o estudo; na identificação do progenitor com mais disponibilidade, a figura materna é a que mais se destaca, sendo o pai visto como figura secundária, contudo pode-se averiguar que quando comparado com o sexo dos jovens nos padrões comunicacionais do estudo, ambos identificam-se com o sexo similar ao progenitor, sendo o pai nos questionários o elemento com mais destaque. Porém, quando correlacionada as dimensões de todas as escalas, de uma forma geral, a mãe é percecionada como o elemento mais efetivo, na expressão afetiva e na disponibilidade parental, neste sentido sendo compatível com as escolhas das estratégias.

De acordo com a literatura também podemos aferir que se encontram estudos divergentes. Num estudo de Oliva (2007), pode concluir-se que adolescentes na faixa etária dos 12 e 17 anos, consideraram a figura materna como o elemento mais afetivo, mais disponível e atento para ouvir (Luís, 2011); outros estudos identificam o pai como o elemento principal, pelo diálogo incentivador e positivo que transmite na comunicação (Grotevant & Cooper, 1985); e que os rapazes selecionam a figura paterna e amigos de forma idêntica para conversar e as raparigas escolhem primeiro os amigos e depois os progenitores (Tomé et al., 2012).

Num segundo momento deste estudo averiguou-se em função das variáveis sexo e idade, quais as diferenças que mais se evidenciam nas dimensões para a comunicação, tendo-se observado que os jovens não percebem os comportamentos dos pais de maneira similar, tendo em conta que as diferenças no sexo e na idade diferem sobre a maneira como os próprios percebem e avaliam os seus progenitores.

Inerente à variável sexo, percebeu-se uma maior receptividade comunicacional na relação para com o pai, por parte dos rapazes, em oposição à mãe que não apresenta qualquer valor representativo quando comparado o sexo dos seus filhos; maioritariamente todas as dimensões apresentaram valores significativos, excetuando o fator que compreende a percepção dos jovens na expressão afetiva e suporte emocional, em relação à figura paterna. Dos elementos apurados e mediante os estudos empíricos, alguns autores demonstram visões convergentes em que há uma maior procura dos filhos na relação comunicacional para com as mães (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002); porém, de forma complementar há também estudos que validam os resultados, identificando que os pais, ao contrário das mães, tendem em incentivar a assertividade dos jovens, em especial na procura de maior independência e autonomia (Grotevant & Cooper, 1985); verifica-se ainda que na partilha comunicacional, as escolhas dos rapazes recaem de forma equitativa nos pais e amigos, ao contrário das raparigas que tem preferência para comunicar mais com o seu grupo de pares do que com os seus progenitores (Tomé et al., 2012).

Importante compreender que nem sempre a percepção e compreensão sentida pelos filhos sobre as atitudes e escolhas dos seus progenitores, será igual à percepção que os próprios pais terão deles próprios na relação comunicacional (Weber et al., 2004).

No que respeita aos valores significativos resultantes na dimensão padrão comunicacional negativo que indicia ao conflito, a literatura salvaguarda que essencialmente são parte integral do desenvolvimento na etapa da adolescência, sendo considerada normativa e levando mesmo a readaptações das expectativas dos jovens e por conseguinte ajustamento de papéis (Segrin & Flora, 2005), sendo perceptível pelos jovens rapazes que percecionam menos expressão afetiva/apoio emocional na relação com o pai demonstrando um padrão de desaprovação (padrão comunicacional negativo).

Na perspetiva parental não houve valores representativos para um parecer teórico, demonstrando que a perceção de jovens e progenitores na relação comunicacional possa efetivamente serem distintas.

Respeitante aos adolescentes, em função da idade, averiguou-se diferenças na perceção do padrão comunicacional à medida que a idade avançava, sendo percecionado que na faixa etária dos 11 aos 13 anos, os adolescentes continuam a sentir que ambos os progenitores, na comunicação perservam o mesmo tipo de suporte e expressão afetiva, ou seja, continuam a proporcionar uma comunicação aberta, de apoio, empatia e afeto.

Este objetivo foi corroborado de acordo com a literatura, em que os autores mostraram que a influência da expressão afetiva funciona como um mecanismo de proteção ou de desproteção contra as consequências físicas e emocionais nos estados afetivos positivos ou negativos (Fredrickson et al., 2000); destaca-se a pertinência desta dimensão na evolução das capacidades sociais e estratégias comunicacionais (Segrin & Flora, 2005).

A perceção dos padrões comunicacionais negativos, em relação ao pai e à mãe (significância ligeira) também apresentou valores significativos em que a perceção dos jovens intensifica-se de na faixa etárias dos 11 aos 13 anos, observando-se que à medida

que a idade cronológica avança nos jovens, os pais vão diminuindo o controlo parental e vão tendo abordagens mais compreensivas e negociativas com os seus filhos.

Comprovado os resultados com o estudo de Berger (2003), as maiores divergências na relação parento-filial dão-se no início da adolescência e tendencialmente vão diminuindo à medida que os adolescentes vão amadurecendo; a perceção constante de conflito nesta etapa para alguns autores é uma falsa crença, em que pelo contrário as divergências tendem em fortalecer a relação afetiva na díade, estimulando à comunicação (Laursen & Collins, 2004).

Na perceção dos progenitores em relação aos filhos foi sentida de forma semelhante, na dimensão expressão afetiva e suporte emocional e na mesma faixa etária; na dimensão partilha e confiança de pais para filhos, já na faixa etária dos 16 anos, em que os pais percecionam nos filhos uma maior maturação, revelando serem mais capazes e responsivos na partilha de assuntos que possam ou não influenciar a estrutura familiar.

Estes resultados podem ser aferidos de forma análoga na literatura, em que os autores quando referenciam as distinções que se possam encontram na evolução da adolescência, revelam que à medida que a idade evolui é percecionando pelos jovens que a autoridade, o controlo e o suporte dos progenitores vai moderando (Soares & Almeida, 2011); o suporte vai abrandando desde o início à fase intermédia da puberdade (Helsen et al., 2000; Meus et al., 2005, cit. in Soares & Almeida, 2011); no final da adolescência, os jovens demonstram mais autonomia em relação aos seus progenitores, passando a dispor de menos influência progenitora nas suas decisões e opiniões, bem como, há uma retoma na tentativa de restabelecer as expressões sociais e afetivas e uma maior procura em objetivos de interesse mais efetivos (Sprinthall & Collins, 2003).

Numa componente relacional tendo em conta os dados já expressos até ao momento, para Erikson (1950), o estabelecer de padrões de confiança com o progenitor, é crucial para o desenvolvimento infantil e primordial para a mudança aquando a crise de identidade no jovem; uma vinculação segura no decorrer da adolescência, dota os jovens de uma regulação emocional equilibrada, de controlo sobre os contextos onde estão inseridos, melhoria das competências sociais, autoestima e por conseguinte autonomia (Ainsworth & Bowlby, 1991).

A autonomia relaciona-se com a etapa da adolescência e define-se como um processo complexo no qual os jovens procuram a independência (Sylwester, 2007; Blos, 1979); é um processo que vai progredindo no decorrer da vida (Steinberg & Silverberg, 1986); e a forma como é preservada e manifestada são dependentes dos contextos ecológicos e por conseguinte das experiências que resultam de contextos micro, meso e exossistema que envolvem a pessoa (Bronfenbrenner, 1986).

Em consonância com o modelo bio-ecológico de Bronfenbrenner (1979), na fase em que decorre a adolescência, o núcleo familiar é considerado como o elemento fulcral do microsistema, pois é nele que decorrem as ações e influências mais diretas e as experiências mais importantes para os indivíduos (Bronfenbrenner & Morris, 2006); é nesta etapa que surge o inculcar de comprometimento e responsabilidade das ações, o cumprimento de regras, a responsabilidade pelas decisões tomadas, a atribuição de papéis nas tarefas e o desenvolvimento assertivo de competências sociais (Sprinthall & Collins, 2003; Silva, 2004; Fonseca, 2005); também com grande influencia nesta fase, o cronossistema vai ajudar a entender a influência temporal na mudança e a permanência de determinados comportamentos nos jovens, considerando que as mudanças ao longo do tempo, não estão apenas dentro da pessoa, mas também nos ambientes em que a pessoa

se encontra, e por conseguinte, como essas mudanças podem afetar os resultados no desenvolvimento do ser humano (Bronfenbrenner, 1986).

Qualquer sistema familiar desenvolve a sua própria linguagem (código) comunicacional tendo como base as experiências individuais de cada membro e a própria experiência da família no seu todo. Vários estudos têm sido determinantes em exemplificar a importância que a comunicação desempenha na relação parento-filial, nomeadamente na formação biopsicossocial dos indivíduos (López, Ochoa, & Olaizola, 2005; Meschke & Juang, 2014; Zhiwen, Xiaoming, & Stanton, 2011), em que uma comunicação assertiva possibilita, a participação ativa e partilha de ideias, facilita na aquisição da autonomia dos jovens (Carr, 2006), é promotora na construção positiva do autoconceito (López, Pérez, Ruiz, & Ochoa, 2007) e promove a vinculação entre os seus intervenientes dentro da família (Banner, Mackie & Hill, 1996).

Distingue-se que o incremento de conflitos não implica necessariamente falta de coesão ou de comunicação familiar, desde que permaneçam emocionalmente ligados, podendo haver readaptações graduais, estando estas ligadas ao processo de autonomia do próprio jovem (Lemos, 2007).

Em continuidade de acordo com a literatura e com o quarto objetivo deste estudo, também as variáveis sociodemográficas influenciam diretamente o sistema comunicacional, diferenciando-se pelo sexo (Barnes & Olson, 1985; Bumpus & Hill, 2008; Crockett et al., 2007; Jackson et al., 1998; Jiménez & Delgado, 2002; Lanz et al., 1999; McNaughton, 2000; Patrick et al., 2005; Tomé et al., 2012), a escolaridade académica (Jiménez & Delgado, 2002), e a tipologia familiar (Afifi et al., 2006; Carlsund et al., 2012; Dunn et al., 2001; Eldar-Avidan et al., 2009; McManus & Nessbaum, 2011; Nair & Murray, 2005).

Referenciando pela forma como as variáveis, escolaridade, empregabilidade e estrutura familiar respeitante aos progenitores possam influenciar os padrões comunicacionais na díade, considerou-se os estudos de alguns autores.

Relacionando a escolaridade, este identificou que quanto maior é o grau académico (curso superior), em relação à mãe tendencialmente revela mais expressividade e apoio emocional junto dos seus filhos. Comprovando-se com o estudo, os autores alegam que quanto maior for as habilitações literárias dos pais, mais informados e atualizados os pais estarão sobre as atividades diárias dos seus filhos (Crouter & Head, 2002), e ainda contribuem positivamente no desenvolvimento de aptidões sociais e comunicacionais (Segrin & Flora, 2005). Na literatura também se pode comprovar que em relação à escolaridade (pais), quanto menor forem as habilitações literárias dos progenitores, menor será a afluência comunicacional (Jiménez & Delgado, 2002).

Na categoria escolaridade (curso superior) com valores significativos de interesse destacou-se ainda a dimensão padrão comunicacional negativo, em relação à mãe, que remete para conflitos e comportamentos comunicacionais desajustados na perceção dos filhos. Mediante o autor, apesar da probabilidade de o processo comunicacional ser fundamentado e explícito nos assuntos que são partilhados na relação parento-filial, este fator não é impeditivo para que surjam conflitos e/ou dificuldades na comunicação, essencialmente, porque a presença de diferentes pontos de vista e convicções é um atributo indispensável no ser humano (Relvas, 1996).

Na variável situação profissional dos progenitores, pode-se averiguar em relação às mães desempregadas, que os filhos percecionam uma maior predisposição para a metacomunicação; no entanto ressalva-se que a amostra (n=2) foi escassa, para uma análise fiável. Em consendo com a literatura, as complexidades económicas, podem

remeter para outras variáveis, como por exemplo o desemprego, e desta forma pela redução da rede de contatos dos pais, pode resultar junto dos seus filhos, numa maior proximidade para o diálogo (Brown & Lynn, 2010).

Foi ainda averiguada como variável a influência das diferentes configurações familiares onde os jovens se inserem, designadamente: famílias de modelo nuclear, alargada, divórcio/separação, reconstruída e uniparental.

Remetendo primeiramente à literatura, esta afirma que filhos inseridos numa estrutura familiar nuclear, indiciam padrões comunicacionais mais assertivos do que filhos que se integram noutros modelos familiares, nomeadamente no divórcio (Lanz et al., 1999), considerando que atualmente as estruturas familiares tendem a organizar-se e a coexistir de maneiras distintas, como famílias alargadas, reconstituídas, monoparentais, homoafetivas, entre outras (Pereira & Arpini, 2012; Pinheiro, Galiza & Fontoura, 2009). Para alguns autores, a estrutura familiar nuclear é percebida como tendo uma comunicação mais assertiva e menos conflituosas do que as restantes configurações familiares (Shek, Xie & Lin, 2015), contudo, constata-se que na estrutura familiar alargada, é sustentada por uma influência basilar pela preservação de vínculos afetivos com o passado, pela diversidade geracional dos elementos mais idosos (Vicente & Sousa, 2010). Conciliando a teoria com os dados refletidos no estudo, e visto pela percepção dos jovens, as configurações que mais se destacam são efetivamente as famílias de tipologia alargada e nuclear, todas relacionadas com o progenitor pai, quando relacionadas com o processo comunicacional. Pode-se subentender que as restantes configurações familiares, divórcio, reconstituídas e uniparental, são influenciadas pelo distanciamento no relacionamento diário com o progenitor pai e os jovens percebem a comunicação de forma menos positiva com este elemento.

Em forma complementar desta variável, alguns autores, justifica-se tendo em conta que a monoparentalidade por ainda não estar associada ao elemento pai, mas sim ao elemento mãe, é percecionado como um fator de vulnerabilidade familiar (Zimmerman & Becker-Stoll, 2002; Flouri & Buchanan, 2003).

Em referência ao quinto e último objetivo, pretendeu identificar na perceção dos progenitores e filhos qual a dimensão mais influenciadora na comunicação parental. A correlação dos fatores na amostra foi muito homogénea tendo em conta que na perspetiva dos progenitores, averiguou-se valores bastante significativos quando comparado a perceção dos progenitores e dos filhos; pai e mãe percecionam mais eficiência na qualidade da expressão afetiva e suporte emocional, sendo compatível com a perceção que os jovens reconhecem nessa mesma dimensão; de forma similar a perceção dos progenitores na disponibilidade parental para a comunicação é superior, sendo percecionado de forma adequada, pelos valores significativos que se aferem quando relacionada com a metacomunicação percecionada pelos jovens em relação aos seus pais. Tendo em conta todas estas similaridades a correlação em relação à mãe nestas dimensões foi superior.

Na óptica do estudo e dos autores houve unanimidade, em que na perspetiva das figuras parentais, em relação à comunicação a mãe continua a ser mais percecionada quando comparado com o pai, ao nível das dimensões expressão afetiva e suporte emocional, disponibilidade parental para a comunicação e da perceção da metacomunicação (Barnes & Olson, 1985); as configurações sociais contribuem para gerar estereótipos sociais relativos às figuras parentais, ou seja, prevalece o papel afetivo e de proteção associado à figura materna e por outro associado à figura paterna o modelo rigoroso e disciplinador (Park, 2002).

De considerar que neste estudo foram identificadas algumas limitações como a constituição da amostra por conveniência tendo em conta as complexidades na qual foi adquirida, sendo inclusive uma amostra reduzida para avaliar com mais precisão algumas das variáveis sociodemográficas pela sua limitação e representatividade em algumas das categorias seleccionadas; e em relação à compreensão e elucidação dos itens, não foi possível monitorizar as respostas dadas pelos participantes, devido às respostas terem sido realizadas via online.

De salientar também a desigualdade numérica entre os participantes do sexo masculino e feminino na categoria progenitores e filhos, com maior prevalência do sexo feminino; e na aplicação dos questionários, a eventualidade de algumas das respostas dadas pelos filhos, terem sido intencionalmente dadas de forma adequada e conveniente, visto os instrumentos do estudo terem sido maioritariamente reencaminhados para cotação pelos progenitores.

Acrescenta-se que é importante desenvolver mais pesquisa sobre a comunicação parento-filial, pelas transformações que ocorrem diariamente nos jovens, pela multiplicidade de estímulos diários que a realidades atuais proporcionam e pela escassa pesquisa neste tema; encontraram-se alguns artigos, mas maioritariamente direccionados a situações de conflito e consumo, como temas focados na delinquência, consumos de substâncias e estruturas familiares adversas à nuclear e alargada, e não somente compreender os padrões comunicacionais entre pais e filhos numa componente estrutural e basilar.

Considerou-se o tema pertinente para prosseguimento noutras investigações e que este possa contribuir um pouco mais para identificar os fenómenos e dinâmicas comunicacionais, como o que possa levar a adoção contínua de estratégias pelos jovens

para persuadir os pais e por conseguinte na avaliação das percepções cognitivas e comportamentais dos seus intervenientes, visto ser um tema em constante variação.

Apesar das limitações apresentadas, na realização do estudo, permitiu-se considerar que os adolescentes e progenitores, maioritariamente, perceberam o seu contexto familiar como sendo equilibrado e harmonioso, pela prevalência de respostas positivas nas dimensões direcionadas às relações comunicacionais, na expressividade afetiva e apoio emocional, bem como na disponibilidade parental para a comunicação.

Apesar da adolescência ser considerada como uma fase de rebeldia e de contestação em relação aos seus progenitores, a maioria dos jovens fortalece as ligações de afetividade de forma positiva e de mútuo respeito (Hill, 1980; Rutter, 1989, cit. in Sprinthall & Collins, 2011).

Referências

- Afifi, T. D., Huber, F. N., & Ohs, J. (2006). Parent's and adolescent's communication with each other about divorce-related stressors and its impact on their ability to cope positively with the divorce. *Journal of Divorce and Remarriage*, 45(1/2), 1-30.
- Agnew, R. (1984). Autonomy and delinquency. *Sociological Perspectives*, 27(2), 219-240
- Ainsworth, M. D. S. (1990). Some considerations regarding theory and assessment relevant to attachments beyond infancy. In Greenberg, M. T., Cicchetti, D. & Cummings, E. M. (Eds.), *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention* (pp.463- 488). Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341. doi: 10.1037/0003-066X.46.4.333.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ainsworth, M.D.S. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 331-341.
- Alarcão, M. & Relvas, A. P. (2002). *Novas formas de Família*, Coimbra: Quarteto.
- Allen J. P., McElhaney K. B., Land D. J., et al. A secure base in adolescence: Markers of attachment security in the mother-adolescent relationship. *Child Development* 2003; 74:292–307.
- Allen, J. P. (2008). The attachment system in adolescence. Cassidy, J. & Shaver, P. R. (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications 2nd ed.*, pp. 419-435). New York, NY: The Guilford Press

- Allen, J. P., Hauser, S. T., Bell, K. L., & O'Connor, T. G. (1994). Longitudinal assessment of autonomy and relatedness in adolescent family interactions as predictors of adolescent ego development and self-esteem. *Child Development, 65*, 179-194.
- Atger, F. (2004). Vinculação e Adolescência. In N. Guedeney e A. Guedeney(eds), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 147-156). Lisboa: Climepsi Editores.
- Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence, 23*(2), 205-222.
- Banner, L. M., Mackie, E. J., & Hill, J. W. (1996). Family relationships in survivors of childhood cancer: Resource or restraint? *Patient Education and Counseling, 28*(2), 191-199
- Baptista, M. N. & Teodoro, M. L. M. (2012). *Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenções*. Porto Alegre: Artmed.
- Barnes, H. L., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Child Development, 56*(2), 438–447. doi:10.2307/1129732
- Barnes, H. L., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Child Development, 56*(2), 438-447. doi:10.1111/1467-8624.ep7251647.
- Bastos, M. T., & Costa, M. E. (2005). *A influência da vinculação nos sentimentos de solidão nos jovens universitários: implicações para a intervenção psicológica*. *Psicologia, 18*(2), 33-56.
- Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence 11*(1),56-95

- Bayle, F. (2008). A Parentalidade. In F. Bayle e S. Martinet (Eds.). *Perturbações da Parentalidade* (pp.25-42). Lisboa: Climepsi Editores.
- Bedene, M. R. (2010). *Caderno Temático: Reflexões sobre o enfrentamento da indisciplina entre jovens, adolescentes. alunos matriculados no ensino fundamental*. PDE. Universidade Fernando Pessoa.
- Beja, M. & Franco, M. (2013). O Adolescente e a Família: Autonomia ou Autonomias? In T. Medeiros. (1ª Ed.), *Adolescência: Desafios e Riscos* (pp. 269- 284). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Belsky, J., & Cassidy, J. (1994). Attachment: Theory and evidence. In M. Rutter & D. Hay (Eds.), *Development through life: A handbook for clinicians* (pp.373-402). Oxford, UK: Blackwell
- Berger, Kathleen Stassen. *O desenvolvimento da pessoa: da infância à adolescência*. 5 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2003.
- Berzonsky, M.D. & Kuk, L.S. (2005). Identity style, psychosocial maturity, and academic performance. *Personality and Individual Differences*, 39, 235-247.
- Blos, P. (1979). *The adolescent passage: Developmental issues*. New York, NY: International Universities Press.
- Blos, P. (1994). *Adolescência: Uma interpretação psicanalítica*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bolsoni-Silva, A. T., Paiva, M. M. & Caroline, C. G. (2009). Problemas de comportamento de crianças/adolescentes e dificuldades de pais/cuidadores: Um estudo de caracterização. *Psicologia Clínica, Rio de Janeiro*, 21(1), 169–184.
- Bosma, H.A., Graafsma, T.L.G., Grotevant, H.D. & De Levita, D.J. (1994). Introduction. In: H.A. Bosma, T.L.G. Graafsma, H.D. Grotevant & D.J. De Levita

- [eds.]. Identity and development. *An interdisciplinary approach* [pp. 1-20].
Thousand Oaks, CA., USA: Sage.
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss, vol. 1 of *Attachment* (2nd edition, 1982). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1969). Attachment and loss, vol. 1: *Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). Attachment and loss, Vol. 2: Separation, anxiety and anger. NY: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York, NY., USA: Basic Books.
- Bronfenbrenner U, Morris PA. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: Damon W, Lerner RM, editores. *Manual de psicologia infantil*. 6. Vol. 1. Nova York: John Wiley & Sons, Inc; 2006. pp. 793–828. Modelos teóricos de desenvolvimento humano.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1979). The ecology of human development: Experiments design. Cambridge, MA., USA: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742. doi: 10.1037/0012-1649.22.6.723
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do desenvolvimento humano: tornando os seres humanos mais humanos*. A. C. Barreto, (Trad.). Porto Alegre: Artmed.

- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological review*, 101(4), 568-586.
- Brown, E. D., & Lynn, T. K. (2010). Daily poverty-related stress and mood for low-income parents, as a function of the presence of a cohabiting partner relationship. *Individual Differences Research*, 8(4), 204-213.
- Bumpus, M. F., Crouter, A. C. & McHale, S. M. (1998). Parental autonomy granting during adolescence: Exploring gender differences in context. *Developmental Psychology*, 37(2), 163-173.
- Carlsund, A., Eriksson, U., & Sellstrom, E. (2012). Shared physical custody after family split-up: Implications for health and well-being in Swedish schoolchildren. *Acta Paediatrica*, 29, 1-6. doi: 10.1111/apa.12110.
- Carmona, J. (2000). Linha cruzada: A comunicação entre pais e filhos sobre sexualidade. *Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-graduação*, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Carr, A. (2006). *Family therapy. Concepts, process and practice*. (2nd Ed.). John Wiley & Sons: Chichester, England.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2001). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (2ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Caspi, A., Lynam, D., Moffitt, T. E., & Silva, P. A. (1993). Unraveling girls' delinquency: Biological, dispositional, and contextual contributions to adolescent misbehavior. *Developmental Psychology*, 29(1), 19-30.

- Cervený, C. O., & Berthoud C. M. E. (2009). *Família E Ciclo Vital: nossa realidade em pesquisa*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Chak A. Sensibilidade do adulto à aprendizagem das crianças na zona de desenvolvimento proximal. *Jornal Teoria Social Behaviorista*. 2001; 31: 383–95.
- Chatterjee, D. & Mohanraj.B. (2017). Parent's and sibling's influence on one's self esteem. *The International Journal of Indian Psychology*, 4(4), 123-136. ISSN 2348-5396 (e) ISSN: 2349-3429 (p) DIP: 18.01.095/20170404
- Cia, F., Pereira, C., Prette, Z., & Pretee, A. (2006). *Parents social skills and the parent-child relationship / Habilidades sociais parentais eo relacionamento entre pais e filho*. Psicologia Em Estudo.
- Collins.W.A., & Steinberg, L. (2006). Adolescent development in interpersonal context. In N. Eisenberg, W. Damon, & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology*, vol.3 (6th ed.; pp.1003-1067). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons.
- Correia, M., & Alves, M. (1990). Gravidez na adolescência: O Nascimento de uma consulta e um programa de intervenção. *Análise Psicológica*, 4, 429-434.
- Costigan, C. L., Cauce, A. M., & Etchinson, K. (2007). Changes in African American mother-daughter relationships during adolescence: Conflict, autonomy, and warmth. In B. J. R. Leadbeater & N. Way (Eds.), *Urban girls revisited: Building strengths* (pp. 177-201). New York NY: New York University Press.
- Côté, J.E. (2009). Identity formation and self-development in adolescence. In R.M. Lerner & L. Steinberg (Eds.), *Handbook of Adolescent Psychology* (pp. 266–304) New York: Wiley.

- Crittenden, P.M. (1983). The effect of mandatory protective day-care on mutual attachment in maltreating mother-infant dyads. *Child Abuse and Neglect*, 7, 297-300.
- Crockett, L., Brown, J., Russel, S., & Shen, Y. (2007). The meaning of good parent-child relationships for Mexican American adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 17(4), 639-668.
- Crouter, A. C., & Head, M. R. (2002). Parental monitoring and knowledge of children. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting*. Volume 3 - Being and becoming a parent (2nd Ed.). (pp. 461-483) London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Dunn, J., Davies, L. C., O'Connor, T. G., & Sturgess, W. (2001). Family lives and friendships: The perspectives of children in step-, single-parent, and nonstep families. *Journal of Family Psychology*, 15(2), 272-287
- Eldar-Avidan, D., Haj-Yahia, M. M., & Greenbaum, C. W. (2009). Divorce is a part of my life... Resilience, survival, and vulnerability: young adults' perception of the implications of parental divorce. *Journal of Marital and Family Therapy*, 35(1), 30-46.
- Endicott, R., & Liossis, P. (2005). Australian adolescent's perceptions communication & feelings towards parents. *Youth Studies Australia*, 24, 24-32.
- Erikson EH (1968). *Identity: Youth and Crisis*. New York: WW Norton Company.
- Erikson, E.H. (1950). *Childhood and society*. New York, USA: Norton
- Erikson, E.H. (1982). *The life cycle completed*. New York, NY., USA: Norton.
- Estévez-López, E., Musitu-Ochoa, G., & Herrero-Olaizola, J. (2005). El rol de la comunicación familiar y del ajuste escolar en la salud mental del adolescente. *Salud Mental*, 28 (4). Retirado de:

https://www.researchgate.net/publication/28229530_El_rol_de_la_comunicacion_familiar_y_del_ajuste_escolar_en_la_salud_mental_del_adolescente

Evans, N. J., Forney, D. S., Guido, F. M., Patton, L. D., & Penn, K. A. (2010). *Student development in college: Theory, research, and practice* (2^a ed.). San Francisco: Jossey-Bass.

Flouri, E. & Buchanan, A. (2003). The role of father involvement in children's later mental health. *Journal of Adolescence*, 26, 63-78.

Fonseca, H. (2005). *Compreender os adolescentes: Um desafio para pais e educadores*. Porto: Editorial Presença.

Fonseca, H. (2012). *Compreender os Adolescentes: Um Desafio para Pais e Educadores*. Lisboa: Editorial Presença.

Fraiman, L. (2011). *Meu filho chegou a adolescência, e agora? Como construir um projeto de vida juntos*. São Paulo: Editora Intergrare.

Fredrickson, B., Mancuso, R. A., Branigan, C., & Tugade, M. M. (2000). *The undoing effect of positive emotions*. *Motivation and Emotion*, 24, 237-258. doi: 10.1023/A:1010796329158

Freeman, H., & Brown, B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence: differences by attachment style. *Journal of Youth and Adolescence*, 30(6), 653-674.

Freud, S. (1961). *The ego and the id*. In: 3. Strachey [ed. and trans.]. The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud [Vol. 19, pp. 3- 66]. London, UK: Hogarth Press. (Original work published 1923).

Gleitman, H., Fridlund, A. J., & Resiberg, D. (2009). *Psicologia*. (H. Gleitman, A. J. Fridlund, & D. Resiberg, Eds.) (8a edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Goossens, L. (2006). the many faces of adolescent autonomy: Parent-Adolescent conflict, behavioral decision making, and emotional distancing. In S. Jackson & L. Goossens (Eds.), *Handbook of adolescent development* (pp. 135-153). New York: Psychology Press
- Grotevant, H. D., & Cooper, C. R. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56(2), 415–428. doi:10.1111/j.1467-8624.1985.tb00116.x
- Haase, C. M., Tomasik, M. J., & Silbereisen, R. K. (2008). Premature behavioral autonomy: Correlates in late adolescence and young adulthood. *European Psychologist*, 13(4), 255-266. doi: 10.1027/1016-9040.13.4.255
- Hartos, J. L., & Power, T. G. (2000). Association between mother and adolescent reports for assessing relations between parent-adolescent communication and adolescent adjustment. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(4), 441–450. doi:10.1023/A:1005158425861
- Hill, J. P., & Holmbeck, G. N. (1986). Attachment and autonomy during adolescence. *Annals of Child Development*, 3, 145-189
- Hillaker, B. D., Brophy-Herb, H. E., Villarruel, F. A., & Haas, B. E. (2008). The contributions of parenting to social competencies and positive values in middle school youth: positive family communication, maintaining standards, and supportive family relationships. *Family Relations*, 57(5), 591-601. doi:10.1111/j.1741-3729.2008.00525.x
- Hockenberry, M. (2006). *Wong Fundamentos de Enfermagem Pediátrica*. Rio de Janeiro: Mosby-Elsevier.

- Jackson, C.A., Henderson, M., Frank, J.W. & Haw, S.J. (2012). An overview of prevention of multiple risk behaviour in adolescence and young adulthood. *Journal of Public Health (Oxford, England)*, 34, i31–40.
- Jackson, S., Bijstra, J., Oostra, L., & Bosma, H. (1998). Adolescents' perceptions of communication with parents relative to specific aspects of relationships with parents and personal development. *Journal of Adolescence*, 21(3), 305–322.
doi:10.1006/jado.1998.0155
- Jiménez, A. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18(2), 215-231.
- Jones, R.M., Vaterlaus, J.M., Jackson, M.A. & Morrill, T.B. (2014). Friendship characteristics, psychosocial development, and adolescent identity formation. *Personal Relationships*, 21(1), 51-67.
- Kearney, J., & Bussey, K. (2015). The longitudinal influence of self-efficacy, communication, and parenting on spontaneous adolescent disclosure. *Journal of Research on Adolescence*, 25(3), 506-523.
- Keenan, T., Evans, S. (2009). *An introduction to child development*. 2th ed., London: Sage.
- Kerr, M., & Stattin, H. (2000). What parents know, how they know it, and several forms of adolescent adjustment: Further support for a reinterpretation of monitoring. *Developmental Psychology*, 36(6), 366-380.
- Kim, E. (2012). An alternative theoretical model: Examining psychosocial identity development of the international students in the United States. *College Student Journal*, 46(1), 99-113.
- Klein, M. (1932). *The psycho-analysis of children*. London, UK: Hogarth Press.

- Kobak R, Rosenthal NL, Zajac K, Madsen S. (2007). Adolescent attachment hierarchies and the search for an adult pair bond. In: Scharf M, Ofra Mayseless, editors. *New Directions in Child Development: Adolescent Attachment*. New York: Jossey-Bass.
- Kohn, M. L., & Schooler, C. (1983). *Work and personality: An inquiry into the impact of social stratification*. New York: Dryden Press.
- Kopko, K. & Dunifon, R. (2010). *What's new: parenting and adolescent development?* [Online]. Available at: www.human.cornell.edu/pam/outreach/parenting/research/loader.cfm. [Accessed: February 2018].
- Kroger, J. (2004). Identity in adolescence: *The balance between self and others*. London & New York: Routledge.
- Lanz, M., Lafrate, R., Rosnati, R., & Scabini, E. (1999). Parent-child communication and adolescent self-esteem in separated, intercountry adoptive and intact non-adoptive families. *Journal of Adolescence*, 22(6), 785–794.
doi:10.1006/jado.1999.0272
- Laursen, B., & Collins, W. A. (2004). Parent-child communication during adolescence. *Handbook of Family Communication*,
<https://books.google.pt/books?hl=en&lr=&id=ONN01B5RJe0C&pgis=1>
- Lee, G., Beckert, T. E., & Goodrich, T. R. (2010). The relationship between individualistic, collectivistic, and transitional cultural value orientation and adolescent's autonomy and identity status. *Journal of Youth and Adolescence*, 39(8), 882-893. doi: 10.1007/s10964-009-9430-z

- Lemos, I. (2007). Família, psicopatologia e resiliência na adolescência: do risco psicossocial ao percurso delinvente. *Tese de Doutoramento em Psicologia Clínica*. Algarve: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- LePoire, B. A. (2006). Family communication. Nurturing and control in a changing world. Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Loios, S. C. (2014). *A relação entre o funcionamento familiar e o ajustamento psicossocial do adolescente: efeito mediador das estratégias de coping*. Universidade de Lisboa.
- López, E. E., Pérez, S. M., Ruiz, D. M., & Ochoa, G. M. (2007). Estilos de comunicación familiar, actitud hacia la autoridad institucional y conducta violenta del adolescente en la escuela. *Psicothema*, 19(1), 108-113.
- Luís, K. (2011). Estilos Parentais Percebidos Pelos Adolescentes. Universidade Do Algarve.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à Universidade. *Revista portuguesa de pedagogia*, 41(2), 5-28.
- Magnuson, K. A., & Duncan, G. J. (2002). Parents in Poverty. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting - Volume 4. Social conditions and applied parenting* (2nd Ed.) (pp. 95-122). London: Lawrence.
- Maldonado, M. T. (1997). *A comunicação entre pais e filhos* (22^{ed.}). São Paulo: Saraiva.
- Maldonado, M. T. (2008). *Comunicação entre pais e filhos: como falar e agir no dia a dia das relações familiares*. São Paulo: Editora Integrare. 2008.
- Markiewicz D, Lawford H, Doyle AB, Haggart N. Developmental differences in adolescents' and young adults' use of mothers, fathers, best friends, and romantic

- partners to fulfill attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*. 2006;35:127–140
- Marshall SK. (2001). Do I matter? Construct validation of adolescents' perceived mattering to parents and friends. *Journal of Adolescence*, 24(4): 473-90.
- Mayer, S.E. (1997). Indicators of children's economic well-being and parental employment. In: R.M. Hauser, B.V. Brown and W.R. Prosser [eds.]. *Indicators of children's well-being*. New York, USA: Russell Sage Foundation.
- McManus, T. G., & Nussbaum, J. F. (2011). Social support expectations and strategic ambiguity in parent-young adult child divorce-related stressor conversations. *Journal of Divorce and Remarriage*, 52(4), 244-270.
- McNaughton, J. (2000). Gender differences in parent-child communication patterns. *Journal of Undergraduate Research*, 3, 25-32.
- Meeus, W., Branje, S., & Overbeek, G. J. (2004). Parents and partners in crime: a six-year longitudinal study on changes in supportive relationships and delinquency in adolescence and young adulthood. *Journal of Child Psychology & Psychiatry*, 45(7), 1288-1298. doi:10.1111/j.1469-7610.2004.00312.x
- Meschke, L. L., & Juang, L. P. (2014). Obstacles to parent–adolescent communication in Among American families: exploring pathways to adolescent mental health promotion. *Ethnicity & Health*, 19, 144-159. doi: 10.1080/13557858.2013.814765.
- Monteiro, P., & Confraria, L. (2014). Adolescência. In P. Monteiro (Coord.), *Psicologia e Psiquiatria da Infância e Adolescência* (pp. 339-358). Lisboa: Lidel - Edições Técnicas, Lda
- Morgado, L. V., Andrade, L. C., Santos, A. & Narezi, J. (2014). *Ciclo vital da família: A comunicação entre pais e filhos na fase adolescente*. III Congresso Internacional

de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento. Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social. 20 a 22 de outubro.

Morgan, E.M. & Korobov, N. (2011). Interpersonal identity formation in conversations with close friends about dating relationships. *Journal of Adolescence*, 13, 32-37.

Morgan, William R., Duane F. Alwin, and Larry J. Griffin 1979: "Social origins, parental values, and the transmission of inequality." *American Journal of Sociology* 85: 56-66.

Mortimer, Jeylan T., and Donald Kumka 1982: " A further examination of the 'occupational linkage hypothesis'." *Sociological Quarterly* 23: 3-16.

Nair, H., & Murray, A. D. (2005). Predictors of attachment security in preschool children from intact and divorced families. *Journal of Genetic Psychology*, 166(3), 245-263.

Neuenschwander, M. (2002). *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*. Coimbra: Livraria Almedina.

Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2004). The influence of parent and peer attachments on life satisfaction in middle childhood and early adolescence. *Social Indicators Research*, 66, 35-6

Noller, P. & Callan, V. (1991). *The adolescent in the family*. Australia: Florence.

Obsuth I, Hennighausen K, Brumariu LE, Lyons-Ruth K. Comportamento desorganizado na interação adolescente-pai: relações com o estado mental de apego, abuso do parceiro e psicopatologia. *Desenvolvimento infantil*. 2014; 85 (1): 370-387. doi: 10.1111 / cdev.12113.

Olabuenaga, J. (1996). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidade de Deusto.

- Oliva, A. (2006). Relaciones familiares y desarrollo adolescente. *Anuario de Psicología*, 37, 209–223.
- Oliva, A., Parra, A., Sánchez-Queija, I., & López, F. (2007). Estilos educativos materno y paterno: evaluación y relación con el ajuste adolescente. *Anales de Psicología*, 23, 1-10.
- Paikoff, R. L., & Brooks-Gunn, J. (1991). Do parent-child relationships change during puberty? *Psychological Bulletin*, 110(1), 47–66.
- Papini, D. R., Farmer, F. F., Clark, S. M., & Micka, J. C. (1990). Early adolescent age and gender differences in pattern of emotional self-disclosure to parents and friends. *Adolescence*, 25, 959–976.
- Paquette, D., & Ryan, J. (2001). Bronfenbrenner's Ecological Systems Theory. Retrieved October 23, 2016, from <http://pt3.nl.edu/paquetteryanwebquest.pdf>.
- Park, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of Parenting*. Volume 3 - Being and becoming a parent. (2nd Ed.). London: Lawrence Erlbaum Associates
- Patrick, M. R., Snyder, J., Schrepferman, L. M., & Snyder, J. (2005). The joint contribution of early parental warmth, communication and tracking, and early child conduct problems on monitoring in late childhood. *Child Development*, 76(5), 999-1014.
- Pereira, C. R. R., & Arpini, D. M. (2012). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia Argumento*, 30(69), 275-285.
- Peterson, G. W., Bush, K. R., & Supple, A. (1999). Predicting adolescent autonomy from parents: relationship connectedness and restrictiveness. *Sociological Inquiry*, 69(3), 431-457. doi: 10.1111/j.1475-682X.1999.tb00880.x

- Pick, S., & Palos, P. (1995). *Impact of the Family on the Sex lives of Adolescents. Adolescent, 30*(119), 667-676.
- Pinheiro, L., Galiza, M., & Fontoura, N. (2009). Novos arranjos familiares, velhas convenções sociais de gênero: a licença-parental como política pública para lidar com essas tensões. *Revista Estudos Feministas, 17*(3), 851-859
- Portugal, A. M., & Alberto, I. M. (2013b). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: *Estudo com uma amostra portuguesa. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 29*(4), pp.381-391.
- Portugal, A. P. M. (2013). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Avaliação da comunicação em famílias pós-divórcio (*Tese de Doutoramento não publicada*). Universidade de Coimbra.
- Portugal, A., & Alberto, I. (2013). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances em Psicología Latinoamericana, 32*(1), 85-103. ISSN2145-4515
- Portugal, A., & Alberto, I. M. (2013a). A comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 26* (3), pp. 479-487.
- Quiles, M., & Espada, J. (2014). *A Autoestima na Infância e na Adolescência*. Lisboa: Bookout.
- Rawatlal, N., Kliewer, W., & Pillay, B. J. (2015). Adolescent attachment, family functioning and depressive symptoms. *South African Journal of Psychiatry, 21*(3), 80-85. doi:10.7196/SAJP.8252
- Reichert, C. B. (2006). *Autonomia na Adolescência e sua relação com estilos parentais*.

- Relvas, A. P. (1996). O Ciclo Vital da Família. *Perspetiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.
- Rodrigo, M., García, M., Máiquez, M., & Triana, B. (2005). Discrepancias entre padrese hijos adolescentes en la frecuencia percibida e intensidad emocional en los conflictos familiares. *Estudios de Psicología*, 26, 21–34.
- Rosset, S. M., (2007). Pais e Filhos: uma relação delicada. 3ed. Curitiba: Editora Sol. 2007.
- Rote, W. M., & Smetana, J. G. (2014). Acceptability of information management strategies: Adolescents' and parents' judgments and links with adjustment and relationships. *Journal of Research on Adolescence*. Advance online publication. doi:10.1111/jora.12143
- Rote, W. M., Smetana, J. G., Campine-Barr, N., Villalobos, M., & Tasapoulos-Chan, M. (2012). Associations between observed mother-adolescent interactions and adolescent information management. *Journal of Research on Adolescence*, 22(2), 206-214. doi:10.1111/ j.1532-7795.2011.00776.x
- Sacco, R.G. (2013). Re-envisaging the eight developmental stages of Erik Erikson: The Fibonacci Life-Chart method (FLCM). *Journal of Educational and Developmental Psychology*, 3(1), 140-146
- Santos, R. G. (2012). As práticas educativas Parentais: percepções de pais e filhos. *Journal of Chemical Information and Modeling*. 55(9), 3-113.
- Sebangane, L. (2015). *The relationship between adolescent identity styles and parenting styles in one and two parent families in Botswana*. Unpublished master's thesis, University of the Western Cape. Belville, Cape Town, South Africa.

- Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family Communication*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Shek, D., Xie, Q., & Lin, L. (2015). The impact of family intactness on family functioning, parental control, and parente-child relational qualities in a Chinese contexto. *Frontiers in Pediatrics* 2(149), 1-7. doi: 10.3389/fped.2014.00149
- Shomaker, L. B., & Furman, W. (2009). Parent-adolescent relationship qualities, internal working models, and attachment styles as predictors of adolescents' interactions with friends. *Journal or Social and Personal Relationships*, 2, 579-603.
- Silva, A. (2004). *Desenvolvimento de competências sociais nos adolescentes*. Lisboa. Climepsi Editores.
- Silverberg, S. B., & Gondoli, D. M. (1996). Autonomy in adolescence: A contextualized perspective. In G.R.Adams, R.Montemayor, & T.P. Gullota (eds.), *Psychosocial development during adolescence: Progress in developmental contextualism* (pp.89-109). Thousand Oaks, CA: Sage
- Simpson, J. A. (2007). *Psychological Foundations of Trust*. *Curr. Dir. in Psych. Science*, 16(5), 264-268.
- Smetana, J. G. (2011). *Adolescents, families, and social development*. Chichester, UK: Wiley-Blackwell.
- Soares, D. L., & Almeida, L. S. (2011). Percepção dos estilos educativos parentais: sua variação ao longo da adolescência. *Libro de Actas do XI Congresso International Galego-Português de Psicopedagogia*, 4071-4083
- Soenens, B. & Vansteenkiste, M. (2011). When is identity congruent with the self? A self-determination theory perspective. In S.J. Schwartz, K. Luyckx & V.L. Vignoles.

[eds.]. *Handbook of identity theory and research* [pp. 381-401]. New York, NY, USA: Springer Science + Business Media.

Soenens, B., Vansteenkiste, M., Lens, W., Luyckx, K., Goossens, L., Beyers, W., & Ryan, R. M. (2007). Conceptualizing parental autonomy support: Adolescent perceptions of promotion of independence versus promotion of volitional functioning. *Developmental Psychology*, *43*(3), 633-646. doi: 10.1037/0012-1649.43.3.633

Sprinthall, N. A., & Collins, W. (2003). *Psicologia do adolescente: Uma abordagem desenvolvimentista* (3ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (2011). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Srouf, L. A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. A. (2005). *The development of the person: The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. New York, NY: Guilford Press.

Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. A. (2005a). *The development of the person: The Minnesota study of risk and adaptation from birth to adulthood*. New York: Guilford.

Sroufe, L. A., Egeland, B., Carlson, E., & Collins, W. A. (2005b). Placing early attachment experiences in developmental context. In K. E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.). *The power of longitudinal attachment research: From infancy and childhood to adulthood* (pp. 48 – 70). New York: Guilford.

Sroufe, L.A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment and Human Development*, *7*, 349-367.

- Stattin, H. & Kerr, M. (2000). Parental monitoring: A reinterpretation. *Child Development*, 71, 1072-1085.
- Steinberg & Silverberg (1986). The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Child Development*, 57, 841-851.
- Steinberg, L., Elmen, J. D., & Mounts, N. S. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. *Child Development*, 60, 1424-1436.
- Stengel, M. (2011). O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, 17(3), 502-521. <http://pepsic.bvsalud.org>.
- Svetina, M. (2014). *Resilience in the context of Erksion's theory of human development*. *Current Psychology*, 33(3), 393-404. Doi:10.1007/s12144-014-9218-5
- Sylwester, R. (2007). *The adolescent brain: Reaching for autonomy*. Thousand Oaks, CA: Corwin Press
- Tomé G, Matos M, Camacho I, Simões C, Diniz J. Portuguese adolescents: The importance of parents and peer groups in positive health. *Span J Psychol* 2012; 15(3):1315-1324.
- Tomé, G., Gaspar de Matos, M., Camacho, I., Simões, C., & Diniz, J. A. (2012). Portuguese adolescents: The importance of parents and peer groups in positive health. *The Spanish Journal of Psychology*, 15 (3), pp.1315-1324. http://dx.doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n3.39417
- Trinke SJ, Bartholomew K. Hierarchies of attachment relationships in young adulthood. *Journal of Social and Personal Relationships*. 1997;14:603–625

- Vicente, H. & Sousa, L. (2010). Funções na família multigeracional: contributo para a caracterização funcional do sistema familiar multigeracional. *Psychologica* 53, 157-181.
- Wagner, A., Carpenedo, C., Melo, L. P. De, & Silveira, P. G. (2005). Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 18(2), 277–282. <http://doi.org/10.1590/S0102-79722005000200016>
- Wagner, A., Falcke, D., Silveira, L. M. B. D. O., & Mosmann, C. P. (2002). A comunicação em famílias com filhos adolescentes. *Psicologia Em Estudo*, 7(1), 75–80. <http://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100010>
- Watzlawick, P., Beavin, J. B., & Jackson, D. (1993). *Pragmatics of human communication: A study of international patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: W. W. Norton & Company.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1993). *Pragmática da comunicação humana: Um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação* (9. ed.). São Paulo, SP: Cultrix. (Original publicado em 1967)
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação dos estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 17(3), 323-331.
- Winnicott, D.W. (1965). *The maturational process and the facilitating environment*. New York, NY., USA: International Universities Press.
- World Health Organization (2011) – *Adolescent health*. Acedido em 04 de março de 2011.
- Zagury, T. (1996). *O adolescente por ele mesmo* (5ª ed). Rio de Janeiro: Record.

Zanetti, S. A. S. & Gomes, I. C. (2011). A “fragilização das funções parentais” na família contemporânea: Determinantes e consequências. USP – São Paulo, Brasil. *Temas em Psicologia, 19*(2), 491–502. <http://pepsic.bvsalud.org>.

Zhiwen, X., Xiaoming, L., & Stanton, B. (2011). Perceptions of parent-adolescent communication within families: It is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine, 16*, 53-65. doi: 10.1080/13548506.2010.521563.

Zimmer-Gembeck MJ, Collins WA. Autonomy development during adolescence. In: Adams GR, Berzonsky MD, editors. *Blackwell handbooks of developmental psychology*. Blackwell Publishing; Malden, MA: 2003. pp. 175–204. [Google Scholar]

ANEXOS

Lista de Anexos

Anexo A - Autorização - Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

Anexo B e C - Escola - Documentos para participação em investigação

ANEXO A

Autorização - Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

Anexo A

Monotorização de Inquéritos em x +

Ficheiro | C:/Users/paulo/Downloads/Monotorização%20de%20Inquéritos%20em%20Meio%20Escolar%20Inquérito%20nº%200710500001.htm

Apps MrPiracyNews Mundo de Receitas... warez.tuga.tv - Film... Novo separador Quando Estou Trist... 3 Passos a ter em c... about:blank#blocked

De: mime-noreply@gepe.min-edu.pt
Enviado: 29 de novembro de 2019 10:09
Para: claudiacslopes@gmail.com; claudiacslopes@gmail.com
Assunto: Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar: Inquérito nº 0710500001

Exmo(a)s. Sr(a)s.

O pedido de autorização do inquérito n.º 0710500001, com a designação *Análise dos processos comunicacionais na relação parento-filial*, registado em 30-10-2019, foi aprovado.

Avaliação do inquérito:

Exmo.(a) Senhor(a) Cláudia Cristina Soares Lopes
Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas.
Com os melhores cumprimentos
José Vítor Pedroso
Diretor-Geral
DGE

Observações:

a) A realização dos Inquéritos fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas do ensino público a contactar para a realização do estudo. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação dos instrumentos de recolha de dados em meio escolar, porque onerosos, de vida privada e revelando sensibilidade, devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções dos Agrupamentos.

b) Informa-se que a DGE não é competente para autorizar a realização de estudos/aplicação de inquéritos ou outros instrumentos em estabelecimentos de ensino privados e para a realização de intervenções educativas/desenvolvimento de projetos e atividades/programas de intervenção/formação em meio escolar, em tempo curricular, dadas as competências da Escola/Agrupamento, nos domínios da organização pedagógica, da organização curricular, da gestão estratégica, entre outras. Os órgãos de gestão pedagógica e educativa, (a Direção, o Conselho Pedagógico e o Conselho Geral) melhor decidirão sobre a realização destas matérias.

c) Deve considerar-se o disposto legal em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados. Considerados os documentos que foram anexados e para efeitos da proteção de dados pessoais especiais, sensíveis e de vida privada a recolher junto dos inquiridos, o modelo de declaração de consentimento informado e esclarecido do titular dos dados (ou de seus representantes legais), deve indicar os objetivos e finalidades para que são recolhidos e posteriormente tratados, a tipologia de dados a recolher, sobre o carácter voluntário da inquirição, exercício do direito de acesso, retificação, atualização e apagamento dos dados pessoais, da existência ou não de comunicações ou interconexões de dados, qual o prazo de conservação dos dados.

Escreva aqui para procurar

Ambiente de trabalho OneDrive » 19:51 11/11/2020

ANEXO B e C

Escola - Documentos para participação em investigação



Anexo B

Escola - Documentos para participação em investigação

Lisboa, __ de janeiro de 2020

Assunto: Pedido de autorização para participação em investigação.

No âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica na Unidade Curricular de “Projeto de Investigação em Psicologia Clínica” da Universidade Lusíada de Lisboa, sob a orientação da Professora Tânia Gaspar pretende-se realizar um estudo no âmbito de compreender e caracterizar como se processa entre progenitores e adolescentes a comunicação estabelecida na relação parento-filial (pais-filhos).

Os dados recolhidos destinam-se a procedimentos meramente estatísticos, tendo em vista o alargamento dos conhecimentos nesta área, bem como, ponderar formas de intervenção adequadas às necessidades.

A colaboração no estudo envolve a participação de pais (pelo menos de um encarregado de educação) e dos respetivos filhos com idades entre os 12 e os 16 anos.

A participação do seu educando(a) neste estudo implicará o preenchimento de um questionário anónimo em formato de papel, que será aplicado uma única vez a todos os alunos da turma ao mesmo tempo, pela estudante do mestrado em horário a definir conforme disponibilidade e conveniência indicada pela escola, de forma a interferir o menos possível no funcionamento normal das aulas;

A participação parental, implicará também o preenchimento de um questionário anónimo em formato de papel que será entregue ao aluno que participar no estudo.

A sua colaboração e dos seus filhos são fundamentais.

Asseguramos que a participação é voluntária e a confidencialidade das respostas será garantida; as respostas são anónimas e não haverá acesso aos resultados individuais uma vez que eles serão analisados em conjunto com o de todos os participantes sendo o seu propósito exclusivamente científico.

Autorizo que o(s) meu(s) educando(s) com idades entre os 12 e os 16 anos participem no estudo anteriormente apresentado.

Autorizo _____ Não autorizo _____ Data ___/___/___

Qualquer questão adicional contactar responsável da investigação

Profª Doutora Tânia Gaspar
tania.gaspar@edu.ulusiada.pt



Anexo C

Lisboa, __ de janeiro de 2020

Exma. Senhor(a). Diretor(a)

O Instituto de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Lusíada de Lisboa está a desenvolver uma investigação relacionada em compreender e caracterizar como se processa entre progenitores e adolescentes a comunicação estabelecida na relação parento-filial (pais-filhos).

O estudo pretende caracterizar e compreender variáveis sociodemográficas tais como o sexo, escolaridade, estrutura familiar, etc., e como estes podem influenciar a forma como a comunicação é gerada dentro do seio familiar e respetivos filhos. Pretendemos estudar pais e adolescentes dos 11/12 aos 16 anos de idade.

Os dados serão recolhidos através da aplicação dos seguintes questionários/instrumentos de avaliação:

1. Questionário sociodemográfico
2. Escala COMPA_A – Versão Filhos 11/12-16 anos (para Pai e Mãe)
3. Escala COMPA_P – Versão Pais (em relação ao(s) filho(s))
4. Entrevista Semiestruturada para análise das estratégias comunicacionais utilizadas pelos adolescentes perante um tema desagradável ou para obtenção de algo.

O estudo foi autorizado pelo MIME (monitorização de inquéritos em meio escolar), naturalmente, preservando a autonomia das escolas/agrupamentos, e teve parecer favorável da comissão Nacional de Proteção de Dados.

Na sequência da reunião realizada com XXXXXX, vimos por este meio solicitar a vossa colaboração para o estudo apresentado, pensando que o mesmo pode ser uma mais-valia para ambas as partes.

Qualquer informação adicional, disponha por email para a coordenadora do Estudo tania.gaspar@edu.ulusiada.pt ou pelo 962852290.

Respeitosos cumprimentos,

Tânia Gaspar
Diretora do Instituto de Psicologia e Ciências da Educação
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Lusíada de Lisboa